

UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
UFGD

ARIANA TRAJANO DE OLIVEIRA

**TRAJETÓRIAS DE ESTUDANTES COTISTAS EM INSTITUTOS FEDERAIS:
UMA ANÁLISE DO PERCURSO ESCOLAR DE ESTUDANTES
INGRESSANTES POR COTAS ÉTNICO-RACIAIS NO IFMS**

DOURADOS/ MS
2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
UFGD

ARIANA TRAJANO DE OLIVEIRA

**TRAJETÓRIAS DE ESTUDANTES COTISTAS EM INSTITUTOS FEDERAIS:
UMA ANÁLISE DO PERCURSO ESCOLAR DE ESTUDANTES
INGRESSANTES POR COTAS ÉTNICO-RACIAIS NO IFMS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Sociologia, da Faculdade de Ciências Humanas, da Universidade Federal da Grande Dourados (FCH/UFGD), Unidade Universitária de Dourados como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestre em Sociologia, na área de concentração em Sociologia.

Linha de pesquisa: Cidadania, Diversidade e Movimentos Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Mucedula Aguiar

DOURADOS/ MS
2023

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na
Publicação(CIP) Biblioteca Central da UFGD,
Dourados, MS,Brasil.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS- UFGD

ARIANA TRAJANO DE OLIVEIRA

**TRAJETÓRIAS DE ESTUDANTES COTISTAS EM INSTITUTOS
FEDERAIS: UMA ANÁLISE DO PERCURSO ESCOLAR DE ESTUDANTES
INGRESSANTES POR COTAS ÉTNICO-RACIAIS NO IFMS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, da Faculdade de Ciências Humanas, da Universidade Federal da Grande Dourados (FCH/UFGD), como requisito para a obtenção do título de Mestra em Sociologia.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Márcio Mucedula Aguiar – PPGS/UFGD
ORIENTADOR

Prof. Dr. André Luiz Faisting– PPGS/UFGD
MEMBRO TITULAR INTERNO
MEMBRO TITULAR EXTERNO

Dr^a. Simone Estigarribia de Lima - IFMS
MEMBRO TITULAR EXTERNO

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pela oportunidade de conviver trinta e seis anos ao lado da mulher mais extraordinária que conheci neste mundo, minha avó, Helita Maria de Oliveira. Ela que era semialfabetizada, mas, que desde muito cedo entendeu que com muito amor, na verdade todo amor que poderia existir em um ser humano, ensinaria tudo o que suas crianças precisariam aprender para enfrentar o mundo. Ela que me cuidou desde o ventre da minha mãe, lutou por mim antes mesmo do meu nascimento, escolheu meu nome e meu destino. Minha rainha, minha amiga, meu porto seguro, minha segunda mãe, que precisou me deixar no dia vinte de fevereiro de 2023, para se juntar ao meu avô Manoel Trajano de Oliveira em outro plano espiritual. Sem ela, com certeza, não teria chegado até aqui, não teria trilhado esse caminho, que conheço como vida, por isso, agradeço seus setenta e quatro anos vividos sempre com muito amor. Agradeço cotidianamente nossa inesquecível e incomparável história.

Agradeço ao meu esposo Denisbeder, por toda paciência e parceria, pelo apoio contínuo, e por acreditar sempre no meu potencial. Agradeço ao meu pequeno Miguel, minha criança linda, doce, esperta e inteligente, que é a razão pela qual me desafio cotidianamente. Agradeço em especial minha mãe Cicera que é meu maior exemplo de mulher forte, que está sempre se superando, ela que desde cedo me fez entender que a educação era a melhor oportunidade que a vida poderia me oferecer.

Agradeço imensamente aos meus colegas de profissão, Francielle, Simone, Clauzer, Aroldo e Kemily, servidores técnicos administrativos do Campus Dourados, uma equipe composta por profissionais maravilhosos, comprometidos e dedicados, pessoas incríveis, amigos leais. A minha querida “chefe”, Nátalli, nossa Diretora de Ensino, que consegue ser extremamente profissional sem deixar de ter um coração gentil. Ao nosso Diretor Geral, Carlos Vinicius, por todo apoio e incentivo para a realização dessa pesquisa.

Agradeço as minhas amigas Assistentes Sociais do IFMS, as maravilhosas Roberta, Débora, Adriana e Camila, companheiras desde o início (2011), que mesmo estando cada uma em um Campus diferente conseguimos firmar nossa amizade. Mulheres de pura inspiração, inteligentes, determinas e fortes.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, que é composto por pessoas tão competentes, desde a secretária até os professores, que me proporcionaram muito aprendizado e crescimento profissional e pessoal.

Agradeço a banca de qualificação, por toda orientação, paciência e contribuição, tão imprescindíveis para a realização da minha pesquisa. Neste sentido, agradeço de todo coração

ao meu orientador, que aceitou o desafio de me orientar e que durante essa trajetória foi um exemplo de sensibilidade e humanidade, entendendo os desafios que a vida colocou no meu caminho, me respeitando como mulher, mãe, filha, neta e principalmente como uma pessoa enlutada. Obrigada professor Márcio, por toda a caminhada, que se fez menos difícil graças a sua generosidade.

“O otimista é um tolo. O pessimista um chato. Bom mesmo é ser um realista esperançoso”.

Ariano Suassuna

RESUMO - Esta pesquisa objetivou analisar e compreender a trajetória escolar de estudantes do ensino médio profissionalizante, ingressantes por meio das cotas étnico-raciais, as ações afirmativas, no IFMS, Campus Dourados, especificamente dos anos de 2016, 2017 e 2018. Foi aplicado o método de pesquisa qualitativa, utilizando roteiros de perguntas para a realização de entrevistas semiestruturadas. Para isso, foram selecionados seis estudantes pretos, pardos e indígenas, para análise do percurso escolar em uma Instituição Federal. Para melhor compreender tais trajetórias foram levantados dados históricos dos Institutos Federais, do IFMS e do Câmpus Dourados, assim como a luta pela conquista e garantia das cotas como meio de ingresso no ensino superior e médio profissionalizante. Neste sentido, buscou-se respaldo nas pesquisas sociológicas para melhor compreender o campo educacional e seus conflitos. Enfim, por meio desta pesquisa foi possível identificar os vários desafios que essa categoria, os estudantes pretos, pardos e indígena, vivenciaram durante seu percurso no ensino básico, particularmente o ensino médio profissionalizante, como questões relacionadas a fatores socioeconômicos, formação precarizada no ensino fundamental, racismo, entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Ações Afirmativas, inclusão no IFMS, Trajetória Escolar.

RESUMEN - This research aimed to analyze and understand the school trajectory of vocational high school students who entered through ethnic-racial quotas, affirmative actions, at the IFMS, Campus Dourados, specifically in the years 2016, 2017 and 2018. The qualitative research method was applied, using questionnaires for semi-structured interviews. To this end, six black, brown and indigenous students were selected to analyze their school trajectory at a federal institution. In order to better understand these trajectories, historical data was collected on the Federal Institutes, the IFMS and the Dourados Campus, as well as the struggle to achieve and guarantee quotas as a way of entering higher and secondary vocational education. In this sense, we sought support from sociological research to better understand the educational field and its conflicts. Finally, through this research it was possible to identify the various challenges that this category, black, brown and indigenous students, experienced during their time in basic education, especially in secondary vocational education, such as issues related to socio-economic factors, precarious training in basic education, racism, among others.

PALAVRAS-CHAVE: Affirmative Action, inclusion in the IFMS, School Career.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NO BRASIL: CONTEXTUALIZAÇÃO DAS POLÍTICAS DE COTAS NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO.....	15
2.1	Histórico da criação dos Institutos Federais.....	15
2.2	Do surgimento do IFMS.....	22
2.3	A criação do Câmpus Dourados.....	27
2.4	O Curso Técnico em Informática para Internet no Câmpus Dourados	29
2.5	A Lei de Cotas: um breve histórico da Lei 12.711/2012	32
2.6	Política de Cotas no IFMS.....	37
3	TRAJETÓRIAS ESCOLARES: CAMINHOS PERCORRIDOS POR SEIS ESTUDANTES COTISTAS	41
3.1	Caminhos metodológicos.....	41
3.2	Sociologia da Educação na perspectiva de Bourdieu	44
3.3	Conhecendo os estudantes	48
3.4	Percurso no Ensino Fundamental.....	51
3.5	Questões raciais no contexto escolar	56
4	DAS VIVÊNCIAS NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: TRAJETÓRIA ACADÊMICA NO CÂMPUS DOURADOS.....	65
4.1	O ingresso no IFMS.....	65
4.2	Desafios da Permanência	69
4.2.1	Estudante Bernardo	70
4.2.2	Estudante Claudia.....	73
4.2.3	Estudante Gabriela	76
4.2.4	Estudante Logan.....	81
4.2.5	Estudante Rosa	85
4.2.6	Estudante Thomas.....	88
4.2.7	Notas Gerais: da convergência dos Relatos	92
4.3	Da Formação Profissional.....	93
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	99
6	REFERÊNCIAS	102

LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS

1	Gráfico da expansão do IFMS.....	23
2	Tabela dos cursos presenciais Médio no IFMS.....	24
3	Tabela dos cursos presenciais Superior no IFMS.....	24
4	Tabela de horário de aulas do IFMS.....	31
5	Tabela censo demográfico IBGE 2015 – estudantes autodeclarados	46
6	Tabela de dados étnicos e autodeclarações dos estudantes	48
7	Tabela de dados socioeconômicos dos estudantes.....	49
8	Tabela de desempenho estudante Claudia.....	73
9	Tabela de desempenho estudante Gabriela.....	76
10	Tabela de desempenho estudante Logan.....	81
11	Tabela de desempenho da estudante Rosa.....	85
12	Tabela de desempenho do estudante Thomas.....	88

LISTA DE FIGURAS

1	Mapa de expansão do IFMS	21
2	Mapa da localização dos Campi do IFMS	23
3	Mapa da abrangência do Câmpus IFMS	27

1. INTRODUÇÃO

A motivação para esta pesquisa surgiu a partir de diversas inquietações vividas tanto no contexto de atuação profissional quanto no da acadêmica. Trabalhando como Assistente Social no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul (IFMS), instituição que contempla a entrada de grupos diversos, e por vezes, acompanhando a trajetória acadêmica de estudantes cotistas diante dos desafios de permanência e êxito, nasce o desejo de compreender cientificamente essas realidades.

A evasão escolar é um dilema enfrentado na educação básica, e no ensino médio profissionalizante essa realidade não é diferente. Diferentes estudantes abandonam os cursos técnicos por diversas razões, no entanto, estudantes cotistas apresentam ainda mais fatores de vulnerabilidade e fragilidades acadêmicas, visto que são oriundos de escolas públicas, parte deles são pertencentes de famílias mais empobrecidas (cotas sociais), ou que possuem algum tipo de deficiência, ou ainda, fazem parte de uma minoria política historicamente marginalizada (cotas étnico-raciais). Compreender o processo de acesso e permanência dos estudantes cotistas no IFMS é importante para mapear estratégias específicas que possam contribuir para o sucesso acadêmico e profissional desses indivíduos.

A pesquisa está focada nos estudantes autodeclarados pretos, pardos e indígenas, e a escolha por esse recorte se justifica pela dívida histórica que o país tem com esses grupos, os colocando muitas vezes em situação de exclusão social.

Essa afirmação pode ser confirmada pela pesquisa de Cardoso (2008, p.24), que ao analisar comparativamente o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) dos grupos de pessoas pretas e brancas, constatou que o Brasil “preto” está em desvantagem na colocação do Ranking mundial. O autor destaca que “[...] nos indicadores que compõem o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), o Brasil branco ocupa a 46ª posição no ranking de países, enquanto o Brasil preto ocupa a 101ª posição” (CARDOSO, 2008, p.24).

Na esfera educacional, os índices de desigualdade eram tão implacáveis quanto os dados observados por Cardoso, mas, como apresentado no Relatório das Desigualdades Raciais, do Grupo de Estudos Multidisciplinares de Ação Afirmativa (GEMAA), no ano de 2022¹, que demonstram indicadores de um declínio sólido das desigualdades raciais relacionadas à

¹ Relatório divulgado no ano de 2022, pelo Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa. Site: <http://gema.iesp.uerj.br> gema.iesp.uerj.br

escolarização formal da população preta, parda e indígena em comparação aos da população branca e amarela, e essa “distância entre pessoas alfabetizadas dos dois grupos raciais foi sensivelmente reduzida da década 1980 para 2022, de 17,4 para 3,1 pontos percentuais” (CAMPOS et al, 2022, p.10). As pesquisas apontam ainda que,

A distribuição dos brasileiros nos diferentes estratos educacionais, dos sem escolaridade ao ensino superior completo, também viveu mudanças acentuadas. Os patamares de escolaridades cresceram para todos os grupos raciais. Os brancos e amarelos, no entanto, concentram-se de forma desproporcional nos níveis mais elevados, superior completo e incompleto, ao passo que pretos, pardos e indígenas preponderam em todos os demais níveis (CAMPOS et al, 2022, p.11).

O relatório traz também apontamentos históricos dessa desigualdade escolar:

As desigualdades educacionais entre os grupos raciais se iniciam logo nos primeiros anos da educação formal. No passado, o acesso à escola e a permanência eram grandes gargalos. A inexistência de instituições escolares em certas regiões ou menos em áreas específicas dentro dos municípios era importante determinante do bloqueio das oportunidades para populações pretas, pardas e indígenas. Além disso, o acúmulo de desvantagens socioeconômicas impelia muitas crianças e adolescentes ao trabalho infantil, competindo com a dedicação aos estudos. Com a expansão da rede escolar e o advento de programas de permanência e combate ao trabalho infantil (inicialmente o PETI, e em seguida o Bolsa Família), o acesso foi facilitado e a evasão reduzida (CAMPOS et al, 2022, p.11-12).

Já as autoras Dore e Lüscher (2011) trazem um importante apontamento com relação aos motivos do fracasso escolar, abordando as questões socioeconômicas do grupo familiar dos estudantes. Elas destacam que “o background familiar (nível educacional dos pais, renda familiar e estrutura da família) é, reconhecidamente, o mais importante fator isolado para o sucesso ou para o fracasso do estudante em algum ponto de seu percurso escolar” (DORE, LÜSCHER, 2011, p. 776). Neste sentido, Oliveira (2017) traz as reflexões de Bourdieu (1966), autor que produziu relevantes e inéditos pensamentos sobre o contexto escolar e suas desigualdades:

O ambiente escolar poderá se tornar um local hostil e desanimador para crianças/adolescentes, que se sentem inferiores em relação aos demais colegas, pois muitos conteúdos trazidos para este espaço são relacionados a uma realidade não vivenciada por esses alunos. Conforme definição do autor sobre a relação do Capital Cultural, a herança cultural é ‘transmitida’ de geração em geração, e geralmente as famílias mais pobres tem menos acesso aos bens culturais, como por exemplo: livros, teatro, cinema e museus. Com um menor Capital Cultural recebido dos pais, as crianças mais pobres tendem a entender menos os conteúdos socializados na escola (OLIVEIRA, 2017, p.6).

Compreende-se desta forma, que estudantes que ingressaram por meio das cotas étnico-raciais terão vários enfrentamentos para permanecer no IFMS, visto que fazem parte dos grupos sociais historicamente excluídos. Diante dessa compreensão, utilizaremos o termo “camadas populares” para designar nosso objeto de pesquisa, o grupo de estudantes autodeclarados

pretos, pardos e indígenas. O termo camadas popular será concebido neste trabalho como grupos sociais subalternizados, que convivem com a exploração da sua força de trabalho e com algum nível de escassez de bens materiais, culturais e sociais, conforme concepções das autoras Tetzlaff (2017) e Pena (2017), esta última que traz as reflexões de Souza (2009, 2011) e Viana (2008) sobre o conceito.

Diante disso, objetiva-se investigar se a desigualdade vivenciada por essa camada popular (estudantes cotistas autodeclarados) reverbera para a realidade interna do Instituto Federal. Alguns questionamentos ajudarão a delinear a investigação sobre os estudantes oriundos de cotas étnico-raciais. Como por exemplo: quais os fatores que possibilitaram os estudantes pretos, pardos e indígenas, oriundos das camadas populares ingressarem no ensino profissionalizante? Como se deu sua permanência? Como foram suas experiências na educação profissional? Quais os principais desafios encontrados? Em suas trajetórias possuem a vivência da discriminação e racismo no espaço escolar?

Responder essas questões é de grande relevância, pois, após a identificação desses fatores será possível detectar os elementos para a elaboração de ações institucionais, como modo de inibir ou minimizar os percentuais de reprovação, retenção e evasão no ensino médio profissionalizante.

O corpus da pesquisa será composto por estudantes que ingressaram nos três primeiros anos de atividade do Campus Dourados (2016, 2017 e 2018), especificamente aqueles que são oriundos das cotas étnico-raciais²: C1, C2, C5 e C6, conforme categorias de ingresso apresentada no primeiro capítulo desse trabalho. Assim, será possível uma análise histórica do percurso desses estudantes, visto que no ano de 2022 todos teriam tempo hábil (hipoteticamente) para finalizar o curso, e o recorte por esse período possibilitará a análise de toda a trajetória acadêmica, desde sua entrada até a conclusão no curso.

O primeiro capítulo contém a contextualização histórica do surgimento da Rede Federal de Educação Profissional no país, a partir da Lei Nilo Peçanha; na sequência, discurrir-se-á sobre o cenário de criação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul (IFMS), neste mesmo sentido traremos, também, a história do Campus Dourados que é o lócus da nossa pesquisa, e a escolha pelo curso Técnico em Informática para Internet nesse campus. Por fim, ainda no primeiro capítulo, o trabalho buscará descrever um panorama

² “Será garantido aos candidatos autodeclarados pretos, pardos e indígenas (PPI) e às pessoas com deficiência (PCD), no mínimo, a mesma proporção de vagas da soma de pretos, pardos e indígenas e de pessoas com deficiência na população do estado do Mato Grosso do Sul, que é de 51,48% para PPI e de 21,47% para PCD, segundo o último Censo Demográfico divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE” (IFMS, EDITAL 066/2017 – PROEN/IFMS).

da Lei 12.711 de 29 de agosto de 2012, deste as primeiras ações governamentais e mobilização dos movimentos negros até os dias atuais, e neste mesmo sentido a aplicação das cotas para ingressos nos cursos do IFMS.

A proposta dos segundo e terceiro capítulos é trazer reflexões a respeito do espaço escolar para grupos populares, a partir dos conceitos defendidos por sociólogos e pesquisadores que abordam essa temática, dialogando com as entrevistas realizadas com seis estudantes ingressantes pelas cotas étnico-raciais, dos diferentes anos de ingresso que aqui serão pesquisados (2016, 2017 e 2018). As questões levantadas no roteiro de entrevista semiestruturada perpassam pelo percurso dos estudantes desde o ensino fundamental até as experiências vivenciadas no IFMS, correlacionando com questões étnico-racial e mundo de trabalho. Buscarei refletir a relação do espaço acadêmico com os desafios dos sujeitos pretos, pardos e indígenas para ocupar espaços escolares. Entende-se que será necessário discutir as perspectivas de trabalho, visto que os sujeitos pesquisados são estudantes que, hipoteticamente, concluíram o ensino médio com formação profissional. Vale destacar que a pesquisa passou pela apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos (CEP) da Universidade da Grande Dourados (UGD) via Plataforma Brasil³, e por atender as instruções normativas foi analisada e aprovada em setembro de 2022.

³ SOBRE A PLATAFORMA BRASIL: “A Plataforma Brasil é uma base nacional e unificada de registros de pesquisas envolvendo seres humanos para todo o sistema CEP/CONEP. Ela permite que as pesquisas sejam acompanhadas em seus diferentes estágios - desde sua submissão até a aprovação final pelo CEP e pela CONEP, quando necessário - possibilitando inclusive o acompanhamento da fase de campo, o envio de relatórios parciais e dos relatórios finais das pesquisas (quando concluídas). O sistema permite, ainda, a apresentação de documentos também em meio digital, propiciando ainda à sociedade o acesso aos dados públicos de todas as pesquisas aprovadas. Pela Internet é possível a todos os envolvidos o acesso, por meio de um ambiente compartilhado, às informações em conjunto, diminuindo de forma significativa o tempo de trâmite dos projetos em todo o sistema CEP/CONEP” (<http://plataformabrasil.saude.gov.br>).

2. EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NO BRASIL: CONTEXTUALIZAÇÃO DAS POLÍTICAS DE COTAS NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO

2.1 - Histórico da criação dos Institutos Federais

O ano de 1909 é considerado o marco inicial oficial da história dos Institutos Federais de Educação Profissional, quando o então Presidente da República, Nilo Peçanha, criou as primeiras escolas de Aprendizes e Artífices pelo Decreto nº 7.566, de 23 de setembro de 1909, que depois se tornou a Lei Nilo Peçanha, e inicialmente a rede contabilizou o total de 19 escolas, uma para cada estado brasileiro daquela época.

O texto do Decreto enfatiza que esses espaços seriam destinados aos filhos dos desfavorecidos e deveriam proporcionar que esses “menores” adquirissem hábitos e desenvolvessem habilidades para o trabalho, afastando-os da “ociosidade ignorante, escola do vício e do crime” (BRASIL, 1909). As Escolas de Aprendizes Artífices estavam vinculadas ao Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, sendo destinadas ao ensino profissional primário gratuito (BRASIL, 1909).

A educação profissional no Brasil tem, portanto, a sua origem dentro de uma perspectiva assistencialista com o objetivo de “amparar os órfãos e os demais desvalidos da sorte”, ou seja, de atender àqueles que não tinham condições sociais satisfatórias, para que não continuassem a praticar ações que estavam na contra ordem dos bons costumes (MEC, 2007, p.10-11).

Essas escolas tinham por finalidade formar operários e contramestres, por meio do ensino prático e dos conhecimentos técnicos necessários para que os menores pudessem aprender algum ofício. "Oficinas de trabalho manual ou mecânico que forem mais convenientes e necessários ao estado em que funcionar a escola, consultadas, quanto possível, as especialidades das indústrias locais" (CUNHA, 2000, p.63).

A criação das Escolas de Aprendizes Artífices e do ensino agrícola evidenciou um grande passo ao redirecionamento da educação profissional no país, pois ampliou o seu horizonte de atuação para atender necessidades emergentes dos empreendimentos nos campos da agricultura e da indústria (MEC, 2007, p. 11).

Cunha (2000) considera que essas escolas foram inspiradas em outras instituições já existentes no Rio de Janeiro, que tinham como fim a "formação da força de trabalho industrial em termos técnicos e ideológicos". O autor aponta também que no início a rede de escolas de aprendizes e artífices não inovou muito no que diz respeito às questões ideológicas e pedagógicas, mas que “ela trouxe uma grande novidade em relação à estrutura do ensino, por constituir, provavelmente, o primeiro sistema educacional de abrangência nacional” (CUNHA, 2000, p. 64-66).

Após algumas décadas essas escolas foram repensadas e transformadas em verdadeiros centros formadores de trabalhadores, e o aspecto inicial de “abrigos” para menores desamparados ficou no passado. No período da reforma do Estado Novo que corresponde de 1937 à 1945, as escolas técnicas federais passaram a utilizar testes para seleção e ingresso dos estudantes, conforme descreve Cunha:

A aplicação de testes para a seleção dos candidatos às escolas profissionais, assim como a orientação dos aprendizes na escolha dos ofícios, implicou o descarte da concepção (herdada do Brasil escravocrata) que definia o ensino profissional como intrinsecamente destinado aos órfãos, aos pobres e aos desvalidos. Um novo critério passou a se impor, em tudo distinto da miserabilidade - a aptidão e a vocação (CUNHA, 2000, p. 117).

O movimento de modernização e industrialização da produção trouxe ações mais efetivas das camadas dirigentes com relação à educação nacional, e como parte das respostas a essas demandas, foram promulgados vários Decretos e Leis para regulamentar a educação nacional, como veremos a seguir:

Este conjunto de decretos ficou conhecido como as Leis Orgânicas da Educação Nacional – a Reforma Capanema, em função do nome do então ministro da educação, Gustavo Capanema. Os principais decretos foram os seguintes: Decreto nº. 4.244/42 – Lei Orgânica do Ensino Secundário; Decreto nº. 4.073/42 – Lei Orgânica do Ensino Industrial; Decreto nº. 6.141/43 – Lei Orgânica do Ensino Comercial; Decreto nº. 8.529/46 – Lei Orgânica do Ensino Primário; Decreto nº. 8.530/46 – Lei Orgânica do Ensino Normal e; Decreto nº. 9.613/46 – Lei Orgânica do Ensino Agrícola. Além disso, o Decreto-Lei nº. 12 4.048/1942 – cria o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), que deu origem ao que hoje se conhece como Sistema “S”2 (MEC, 2007, p. 11-12).

Com a Reforma Capanema ficou regulamentada a organização da educação brasileira, que foi dividida em dois níveis, a educação básica e a superior, sendo a educação básica fragmentada em curso primário e curso secundário, e este último subdividido em ginásial e colegial (MEC, 2007). Enquanto o ensino profissionalizante era parte do final do ensino secundário, “constituída pelos cursos normal, industrial técnico, comercial técnico e agrotécnico. Todos com o mesmo nível e duração do colegial, entretanto não habilitavam para o ingresso no ensino superior” (MEC, 2007, p.12). Destaca-se ainda que a “Reforma Capanema que criou o SENAI, bem como, transformou os antigos Liceus Industriais em Escolas Técnicas” (FERRAZ, 2021, p. 47).

Ainda neste período é importante destacar outra prescrição legal voltada para a educação profissional:

[...] por meio do Decreto n.4.127, de 25 de fevereiro de 1942, o governo federal avança na construção das bases da organização da rede federal, constituída por escolas técnicas, industriais, artesanais e de aprendizagem. Assim, as escolas de aprendizes artífices são transformadas em escolas técnicas nos diferentes estados, estabelecendo em São Paulo a denominada Escola Técnica de São Paulo. Os cursos

técnicos passam de primários a secundários, destinados exclusivamente a preparar força de trabalho, cunhando-se a partir de então o termo técnico para designar a formação do trabalhador especializado em nível secundário (MANFREDI, 2016 apud BRAZOROTTO; VENCO 2021, p. 490-491).

Esse período contribuiu significativamente para outro momento histórico muito importante, que foi a promulgação da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, pelo decreto 4.024, que entrou em vigor apenas em 1961, mas que já estava sendo debatida desde a década de 1940 (MEC, 2007).

Já os anos de 1970 são marcados por profundas mudanças, em razão do golpe militar, instaurado em 1964, e o contexto educacional também sofreu importantes alterações, como a reformulação do LDB:

Em 1971, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB) transforma, de maneira compulsória, todo currículo do segundo grau em técnico-profissional, reflexo desse momento histórico. Um novo paradigma estabelece-se: formar técnicos sob o regime da urgência. Nesse tempo, as Escolas Técnicas Federais aumentam expressivamente o número de matrículas e implantam novos cursos técnicos. Em 1978, três Escolas Técnicas Federais (Paraná, Minas Gerais e Rio de Janeiro) são transformadas em Centros Federais de Educação Tecnológica (MEC, 2010, p.11).

O MEC (2007) reforçou essa mudança em outro documento, “[...] Lei no 5.692/71 – Lei da Reforma de Ensino de 1º e 2º graus -, a qual se constituiu em uma tentativa de estruturar a educação de nível médio brasileiro como sendo profissionalizante para todos” (p.14), mas, ressaltando ainda que, na prática essa mudança não foi tão bem aderida, principalmente na esfera do ensino privado.

Já na década de 1990 outras importantes mudanças aconteceram na educação profissional brasileira, principalmente pela intensificação do capitalismo globalizado. Reflexo dessas alterações foi a reformulação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, nela a Educação Profissional “foi apresentada como uma modalidade de educação separada dos níveis de ensino ofertados pela educação brasileira” (CAIRES, 2013, p.10).

[...] a educação brasileira fica estruturada na nova LDB em dois níveis - educação básica e educação superior - e a educação profissional não está em nenhum dos dois, consolida-se a dualidade de forma bastante explícita. Dito de outra maneira, a educação profissional não faz parte da estrutura da educação regular brasileira. É considerada como algo que vem em paralelo ou como um apêndice (MEC, 2007, p.17).

Naquele momento ficou notório que a educação profissional pouco foi citada e discutida no texto da nova LDB, o próprio MEC (*Ibidem*, 2007, p.17) reconhece que o “texto é minimalista e ambíguo em geral”, reforçando ainda que a educação profissional é apresentada apenas no Capítulo III, constituído por quatro artigos pequenos.

CAPÍTULO III DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: Art. 39. A educação profissional, integrada às diferentes formas de educação, ao trabalho, à ciência e à tecnologia, conduz ao permanente desenvolvimento de aptidões para a vida produtiva. Art. 40. A educação profissional será desenvolvida em articulação com o ensino regular ou por diferentes estratégias de educação continuada, em instituições especializadas ou no ambiente de trabalho. Art. 41. O conhecimento adquirido na educação profissional, inclusive no trabalho, poderá ser objeto de avaliação, reconhecimento e certificação para prosseguimento ou conclusão de estudos. Art. 42. As escolas técnicas e profissionais, além dos cursos regulares, oferecerão cursos especiais, abertos à comunidade, condicionada a matrícula à capacidade de aproveitamento e não necessariamente ao nível de escolaridade (LEI Nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996).

No ano seguinte foi publicado o Decreto n. 2.208/97, e o Programa de Expansão da Educação Profissional (PROEP) é instituído, com o objetivo de reformar e adequar a educação profissional às "novas demandas econômicas e sociais da sociedade globalizada, portadora de novos padrões de produtividade e competitividade" (BRASIL, 2004, p. 31).

A função do PROEP para a Rede Federal era reestruturá-la desde o ponto de vista de suas ofertas educacionais, da gestão e das relações empresariais e comunitárias na perspectiva de torná-la competitiva no mercado educacional. Mediante projeto, essas instituições receberam aporte de recursos, via PROEP, com o objetivo de reestruturarem-se a fim de assumir a nova função, ou seja, a de buscar arrecadação a partir da prestação de serviços à comunidade na perspectiva de aumentar sua capacidade de autofinanciamento e, dessa forma, o Estado gradativamente se eximiria do custo com sua manutenção (MEC, 2007, p. 20).

Na prática, a maioria das escolas (estaduais e comunitárias) que passaram a atender as demandas propostas do PROEP não se sustentaram, e a autonomia desejada não aconteceu, sendo que as exigências dos contratos não conseguiram ser atendidas, e muitos projetos foram abandonados (MEC, 2007).

No início dos anos 2000, no período de transição do governo federal, os debates acerca do Decreto nº 2.208/97 intensificaram consideravelmente, havendo mobilizações dos setores vinculados à educação profissional, sendo as questões relacionadas entre o ensino médio e a educação profissional um dos pontos mais importantes nesses debates. Nesse ínterim ocorreu a revogação do Decreto, por meio da Portaria nº. 2.736/2003/MEC:

Esse instrumento legal, além de manter as ofertas dos cursos técnicos concomitantes e subsequentes trazidas pelo Decreto no. 2.208/97, teve o grande mérito de revogá-lo e de trazer de volta a possibilidade de integrar o ensino médio à educação profissional técnica de nível médio, agora, numa perspectiva que não se confunde totalmente com a educação tecnológica ou politécnica, mas que aponta em sua direção porque contém os princípios de sua construção (MEC, 2007, p. 24).

Os debates sobre a formulação de uma educação politécnica eram efervescentes, compreendendo que a educação deveria ser “unitária e universal destinada à superação da dualidade entre cultura geral e cultura técnica” (*Ibidem*, p. 2007, p. 23;25). Buscava-se uma

formação integral “voltada para a superação da dualidade estrutural entre cultura geral e cultura técnica ou formação instrumental (para os filhos da classe operária) versus formação acadêmica (para os filhos das classes média-alta e alta)”.

Outro movimento importante na educação profissional foi o Decreto nº 5.154, de 23 de julho de 2004 (BRASIL, 2004), que regulamentou o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 41 da LDB nº 9.394/96, que traz:

Art. 1º A educação profissional, prevista no art. 39 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), observadas as diretrizes curriculares nacionais definidas pelo Conselho Nacional de Educação, será desenvolvida por meio de cursos e programas de: I - formação inicial e continuada de trabalhadores; II - educação profissional técnica de nível médio; e III - educação profissional tecnológica de graduação e de pós-graduação (BRASIL, 2004).

Em 2007 foi lançado o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE) do MEC, e a expansão da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica passou a fazer parte das ações do então Presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Foi anunciado pelo governo que seriam construídas 150 unidades de ensino até 2009 e que todos os Estados seriam contemplados (PACHECO, 2010, p.73). “Divulgou-se, naquele momento, que seriam investidos R\$ 750 milhões para obras e R\$ 500 milhões, por ano, para custeio e salários de professores e funcionários a serem contratados por meio de concurso público” .

Na primeira fase de expansão da Rede Federal de Educação Técnica teve como prioridade inicial a construção de escolas em unidades da federação que ainda não eram atendidas por instituições de educação profissional, “como Acre, Amapá, Distrito Federal e Mato Grosso do Sul, além da instalação de instituições federais de educação profissional nas periferias de grandes centros urbanos e municípios do interior” (MEC, 2018).

O principal marco recente para a educação profissional foi a criação dos Institutos Federais (IFs) instituído pela Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008, que estabeleceu “no âmbito do sistema federal de ensino, a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, vinculada ao Ministério da Educação” (BRASIL, 2008) e “constituiu-se em um marco na ampliação, interiorização e diversificação da educação profissional e tecnológica no país” (BRASIL, 2018).

O ano de 2009 começou produzindo um evento de grande impacto para a Educação Profissional e Tecnológica (doravante aqui referenciada pela sigla EPT), que foi a transformação dos Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFETs), Escolas Técnicas e Agrotécnicas Federais (ETFs e EAFs) e Escolas Técnicas Vinculadas à Universidades Federais em Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. (PACHECO, 2010, p.71-72)

O pensamento que foi expresso na política, era a de formação do cidadão, que visava ultrapassar a ideia de uma educação voltada apenas para a prática profissional, avistava-se uma educação para a vida, e “os documentos oficiais que marcam a inauguração dessa nova instituição preconizam a democratização do acesso à educação de qualidade [...]” (BRAZOROTTO; VENCO, 2021, p. 493).

O que está em curso, portanto, reafirma que formação humana e cidadã precede a qualificação para o exercício da laboralidade e pauta-se no compromisso de assegurar aos profissionais formados a capacidade de manter-se permanentemente em desenvolvimento (MEC, 2010, p. 6).

O mesmo documento do MEC (2010), vai destacar que, por outro lado, entende-se como fundamental para a educação profissional e tecnológica a contribuição para o “progresso socioeconômico, as atuais políticas dialogam efetivamente com as políticas sociais e econômicas, dentre outras, com destaque para aquelas com enfoques locais e regionais” (MEC, 2010, p. 7).

Trata-se de um projeto progressista que entende a educação como compromisso de transformação e de enriquecimento de conhecimentos objetivos capazes de modificar a vida social e de atribuir-lhe maior sentido e alcance no conjunto da experiência humana, proposta incompatível com uma visão conservadora de sociedade. Trata-se, portanto, de uma estratégia de ação política e de transformação social (*Ibidem*, 2010, p. 18).

Outra importante passagem do texto ressalta que:

[...] a política pública assenta-se em outros itens também obrigatórios, como estar comprometida com o todo social, como algo que funda a igualdade na diversidade (social, econômica, geográfica, cultural, etc.); e ainda estar articulada a outras políticas (de trabalho e renda, de desenvolvimento setorial, ambiental, social e mesmo educacional) de modo a provocar impactos nesse universo (*Ibidem*, 2010, p.7).

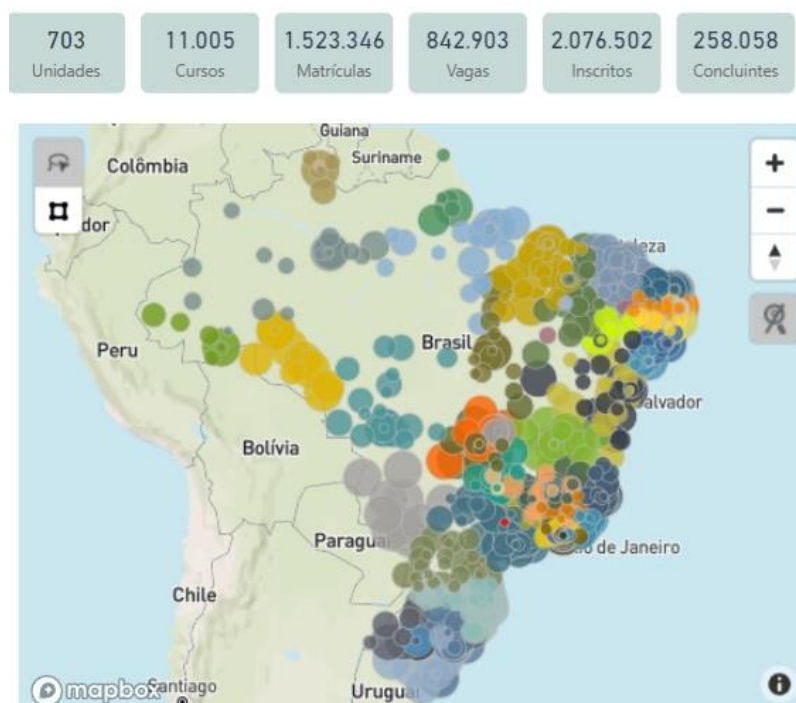
Atualmente os IFs estão presentes em todos os estados brasileiros, a Rede Federal é composta por 38 Institutos Federais, dois Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFETs), 22 Escolas Técnicas vinculadas a Universidades Federais, a Universidade Federal Tecnológica do Paraná (UTFPR) e o Colégio Pedro II, conforme dados do MEC.

Para mensurar a expansão da Rede Federal de Educação Profissional, segue gráfico desse processo de 1909 à 2014.



FONTE: MEC (2018).

Atualmente a Plataforma Nilo Peçanha é uma importante ferramenta de informações e dados da Rede Federal “nela, a população pode ter acesso aos dados de governança e transparência de toda a Rede Federal EPTC” (MEC). De acordo com a Plataforma, já temos 703 unidades em todo o país, 111.005 cursos ofertados, 1.523.346 matrículas e 258.058 concluintes no ano de 2021, conforme imagem abaixo.



FONTE: MEC (2022)

O MEC (2022) salienta que a Plataforma tem o objetivo de “reunir dados relativos ao corpo docente, discente, técnico-administrativo e de gastos financeiros das unidades da Rede Federal, para fins de cálculo dos indicadores de gestão” e que no ano de 2022, será a quinta edição, e que nela estão reunidas “as informações acadêmicas e de gestão alcançadas pelas

instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica durante o ano de 2021”.

2.2 - Do surgimento do IFMS

O Estado de Mato Grosso do Sul (MS) até início do século XXI não contava com nenhuma unidade das Escolas Federais de Educação Profissional, situação observada pelo MEC (2005), que descreve: “decorridos 95 anos da criação das primeiras instituições federais de educação profissional, não existe, até hoje, nenhuma instituição federal de educação tecnológica nos estados do Acre, Amapá, Mato Grosso do Sul e no Distrito Federal” (p. 9). Lembrando que todos os estados citados no trecho foram criados décadas após a proclamação da Lei Nilo Peçanha, o que explicaria essa defasagem, no entanto, é interessante considerarmos o ano de criação desses estados e as décadas que foram postergados com a contemplação dessas Escolas, como por exemplo, nosso Estado do MS, que foi criado em 1977 e passou quase três décadas para ser atendido com unidades da rede.

Vale apontar que outras Instituições de direito privado como a Fundação Centro de Educação Rural de Aquidauana, e a Fundação Bradesco, em Bodoquena, ofertavam ensino profissionalizante vinculado ao ensino básico, e até escolas públicas, como por exemplo, a Escola Municipal Agrotécnica Padre André Capelli em Dourados (localizada no distrito de Panambi) já atendiam parcela da população sul-mato-grossense décadas antes da implementação da Rede Federal.

O Plano de Expansão da Rede Federal de Educação Tecnológica em sua fase inicial (Fase I), contextualiza o cenário em que o Estado se encontrava, e sugere a criação e também a localização da primeira Escola Técnica Federal:

Face à contundente carência de oportunidades de educação profissional, tanto em cursos técnicos de nível médio, como nos de formação inicial e continuada de trabalhadores, e diante da concentração demográfica e posição geográfico-administrativa estratégica, sugerimos a criação da Escola Técnica Federal do Mato Grosso do Sul, sediada em Campo Grande, com proposta pedagógica nas áreas de Agropecuária, Agroindústria, Indústria, prestando suporte ainda na área de turismo, requerendo aporte de recursos financeiros e humanos similares aos projetados para as ETFs do Acre e do Amapá (MEC, 2005, p. 12).

Mas foi apenas com a aprovação da Lei nº 11.534, de 25 de outubro de 2007, que dispôs sobre a criação de Escolas Técnicas e Agrotécnicas Federais, que efetivamente criou-se a Escola Técnica Federal de Mato Grosso do Sul, com sede na capital, Campo Grande e a Escola Agrotécnica Federal, no município de Nova Andradina. Surgindo assim, a primeira versão do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul – IFMS.

Posteriormente, com a criação da Lei nº11.892 que instituiu, “no âmbito do sistema federal de ensino, a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, vinculada ao Ministério da Educação” (BRASIL, 2008), as duas escolas técnicas foram transformadas em Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul (IFMS), surgindo, então, os campi de Campo Grande e Nova Andradina.

Na segunda fase da expansão da Rede Federal, a Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica - SETEC/MEC, por meio de uma chamada pública de apoio à implantação de novas instituições federais, contemplou o IFMS com outros cinco campi nos municípios de Aquidauana, Corumbá, Coxim, Ponta Porã e Três Lagoas. Assim, em 2010 os sete Câmpus iniciaram suas atividades, ofertando cursos técnicos à distância, e já no ano seguinte também foram disponibilizados cursos presenciais técnicos integrados ao nível médio e cursos de nível superior (IFMS, 2016).

Na terceira fase de expansão foram criados os campi de Dourados, Jardim e Naviraí, totalizando 10 campi e 01 reitoria. Na figura 2 visualizamos o mapa com a localização dos 10 campi.

Figura 1 – Mapa com a localização dos campi do IFMS



FONTE: IFMS (2018)

O IFMS está organizado em estrutura multicampi, e a reitoria é responsável pela administração central, e está localizada na capital do Estado, sendo composta por pró-reitorias, diretorias sistêmicas, e órgãos de apoio e de controle (IFMS, 2018).

O Instituto oferta, de acordo com a demanda de cada campus, cursos Técnicos de Nível Médio Integrado, cursos de formação inicial e continuada (qualificação profissional), Técnicos Subsequentes Presenciais, Técnicos Subsequentes à Distância, Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (Proeja), Cursos de Graduação e Pós-graduação, Lato e Stricto Sensu.

Todos esses cursos “são definidos levando-se em consideração, entre outros fatores, as características socioeconômicas de cada região de Mato Grosso do Sul e as demandas do setor produtivo social, cultural, local e regional” (IFMS, 2018, p. 33). Segue tabela com a descrição dos cursos presenciais, apresentados no site oficial do IFMS em página inicial>cursos.

TABELA 1 - GUIA DE CURSOS PRESENCIAIS DE NÍVEL MÉDIO E SUPERIOR

TÉCNICO INTEGRADO	
CURSOS	CAMPUS OFERTADOS
1. AGRICULTURA	Naviraí – Ponta Porã
2. AGROPECUÁRIA	Nova Andradina
3. ALIMENTOS	Coxim
4. AQUICULTURA	Coxim
5. DESENVOLVIMENTO DE SISTEMAS	Coxim
6. EDIFICAÇÕES	Aquidauana – Jardim
7. ELETROTÉCNICA	Campo Grande – Três Lagoas
8. INFORMÁTICA PARA INTERNET	DOURADOS – Naviraí
9. INFORMÁTICA	Aquidauana – Campo Grande – Corumbá – Coxim – Jardim – Nova Andradina – Ponta Porã – Três Lagoas
10. MECÂNICA	Campo Grande
11. METALURGIA	Corumbá
TÉCNICO CONCOMITANTE	
CURSOS	CAMPUS OFERTADOS
1. MARKETING	DOURADOS
TÉCNICO SUBSEQUENTE	
CURSOS	CAMPUS OFERTADOS
1. AGRICULTURA	Naviraí – Ponta Porã
2. AQUICULTURA	Coxim
3. DESENHO DA CONSTRUÇÃO CIVIL	Aquidauana
4. EDIFICAÇÕES	Aquidauana
5. INFORMÁTICA	Aquidauana – Campo Grande
6. INFORMÁTICA PARA INTERNET	Ponta Porã
7. MARKETING	DOURADOS

8.	ZOOTECNIA	Nova Andradina
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (PROEJA)		
CURSOS		CAMPUS OFERTADOS
1.	ADMINISTRAÇÃO	Aquidauana – DOURADOS
2.	EDIFICAÇÕES	Aquidauana – Jardim
3.	INFORMATICA PARA INTERNET	Jardim
4.	MANUTENÇÃO E SUPORTE EM INFORMÁTICA	Corumbá – Coxim – Jardim
GRADUAÇÃO		
Superior em Tecnologia		
CURSOS		CAMPUS OFERTADOS
1.	AGRONEGOCIOS	Ponta Porã
2.	ALIMENTOS	Coxim
3.	AUTOMAÇÃO INDUSTRIAL	Três Lagoas
4.	ANÁLISE E DESENVOLVIMENTO DE SISTEMAS	Corumbá – Naviraí – Nova Andradina – Três Lagoas
5.	JOGOS DIGITAIS	DOURADOS
6.	PROCESSOS METALÚRGICOS	Corumbá
7.	PRODUÇÃO DE GRÃOS	Nova Andradina
8.	REDES DE COMPUTADORES	Aquidauana
9.	SISTEMAS PARA INTERNET	Aquidauana – Campo Grande – Coxim
GRADUAÇÃO		
Bacharelado		
CURSOS		CAMPUS OFERTADOS
1.	AGRONOMIA	Naviraí – Nova Andradina – Ponta Porã
2.	ARQUITETURA E URBANISMO	Jardim
3.	ENGENHARIA CIVIL	Aquidauana
4.	ENGENHARIA DA COMPUTAÇÃO	Três Lagoas
5.	ENGENHARIA DE CONTROLE E AUTOMAÇÃO	Três Lagoas
6.	ENGENHARIA DE PESCA	Coxim
7.	ENGENHARIA ELÉTRICA	Campo Grande
8.	ENGENHARIA MECÂNICA	Campo Grande
GRADUAÇÃO		
Licenciatura		
CURSOS		CAMPUS OFERTADOS
1.	COMPUTAÇÃO	Jardim
2.	QUÍMICA	Coxim
PÓS-GRADUAÇÃO		
Mestrado		
CURSOS		CAMPUS OFERTADOS
1.	EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA	Campo Grande
PÓS-GRADUAÇÃO		
Especializações		
CURSOS		CAMPUS OFERTADOS
1.	CIÊNCIAS DA NATUREZA E MATEMÁTICA	Coxim

2. DOCÊNCIA PARA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL, CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA	Aquidauana - Campo Grande - Corumbá - DOURADOS - Jardim - Naviraí - Nova Andradina - Ponta Porã - Três Lagoas
3. EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS	Nova Andradina
4. EDUCAÇÃO SANITÁRIA E COMUNICAÇÃO EM DEFESA AGROPECUÁRIA	Nova Andradina
5. ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA	Campo Grande
6. ESTRATÉGIAS PARA CONSERVAÇÃO DA NATUREZA	Corumbá
7. GESTÃO DE ORGANIZAÇÕES	DOURADOS
8. INFORMÁTICA APLICADA À EDUCAÇÃO	Corumbá
9. ROBÓTICA EDUCACIONAL	Coxim

Fonte: Adaptado de IFMS, 2021, grifo nosso.

Como podemos observar na tabela apresentada, uma das principais modalidades de formação são os cursos técnicos de nível ensino médio integrado, visto que é o eixo com maior quantitativo de cursos ofertados, sendo 11, no total. Destaca-se que esses cursos têm maior carga horária, comparados com outras instituições de ensino que também ofertam ensino médio, visto que além das disciplinas de currículo “está estruturado integrando a formação geral e de base comum à formação técnica” (IFMS, 2014). Para atender ao disposto em lei, o IFMS oferece esses “cursos técnicos de nível médio em seis eixos tecnológicos: Controles e Processos Industriais, Gestão e Negócios, Informação e Comunicação, Infraestrutura, Produção Alimentícia e Recursos Naturais” (IFMS, 2018).

O Instituto mantém a proposta de verticalização das diversas modalidades e níveis de ensino, de maneira a possibilitar uma formação profissional, tanto de nível técnico quanto de nível superior. Dessa forma, os cursos superiores de tecnologia são do mesmo eixo tecnológico do nível médio [...] (IFMS, 2018, p. 34).

2.3 - A criação do Câmpus Dourados

As primeiras atividades do Câmpus Dourados iniciaram no segundo semestre de 2014, no entanto, as articulações para sua implementação começaram anos antes, conforme discorre o documento Memorial do Câmpus Dourados do IFMS:

As tratativas para implementação do Campus Dourados se deram concomitantemente às discussões para viabilização das unidades de Jardim e Naviraí, sendo que, no ano de 2012, a materialização da ação se deu a partir da destinação, por parte das prefeituras municipais das áreas que foram doadas ao Instituto Federal de Mato Grosso do Sul, possibilitando os processos licitatórios para construção dos três novos campi (IFMS, 2020, p. 25).

No final de 2012, o IFMS divulgou “a abertura de licitação para a contratação da empresa para a construção do referido câmpus, contendo Blocos A e B, quadra poliesportiva, guarita, fechamento de terreno, pavimentação e iluminação externa” (IFMS, 2020, p.29). Após o início das obras, no ano de 2013, o IFMS firmou parceria com a Secretaria de Estado de Educação (SED/MS), e a Escola Estadual Presidente Vargas foi a sede provisória do Câmpus Dourados até fevereiro de 2016 (IFMS, 2020).

As atividades educacionais do Campus Dourados tiveram início em outubro de 2014, tendo como sede provisória a escola estadual Presidente Vargas. A oferta de curso FIC e Técnico na modalidade EaD foi a contribuição inicial do Campus para a comunidade de Dourados. Ao passo que as aulas eram ministradas, a sede do campus entrava em sua fase final de construção, sendo estabelecida na rua Filinto Müller, nº 1790, no Jardim Canaã I (IFMS, 2015, p. 25-26).

Cada unidade dos dez *campi* do IFMS atende também às populações dos municípios vizinhos, nas chamadas áreas de abrangência. A área de abrangência do Câmpus Dourados é composta por dez municípios adjacentes, sendo eles: Caarapó, Deodápolis, Douradina, Fátima do Sul, Glória de Dourados, Itaporã, Jateí, Maracaju, Rio Brillhante e Vicentina. Conforme é visualizado na figura 3, o mapa de abrangência do Câmpus Dourados.

Figura 2 – Localização da área de abrangência do Câmpus Dourados



FONTE: IFMS (2020)

O ano de 2016 foi marcado por importantes conquistas do Câmpus, visto que foi neste período que tiveram início suas atividades no prédio definitivo, e foi também o início da primeira turma do curso Técnico de Nível Médio Integrado em Informática para Internet.

No ano seguinte as parcerias também foram intensificadas, “em 2017, tivemos 07 parcerias, sendo ofertado o Curso Espanhol Básico para a 4ª Brigada de Cavalaria Mecanizada e os seguintes cursos para as Prefeituras Municipais” (IFMS, 2020, p. 46):

Deodápolis – Operador de Computador e Vendedor; Fátima do Sul – Inglês Básico, Operador de Computador e Vendedor; Itaporã – Operador de Computador e Vendedor; Maracaju – Vendedor; Rio Brilhante – Operador de Computador e Vendedor; Vicentina – Operador de Computador e Vendedor (IFMS, 2020, p. 46-47).

Já o ano 2018 foi marcado pela abertura de novos cursos e novas turmas, conforme foi ressaltado no Memorial do Câmpus:

“a primeira Graduação do IFMS em Tecnologia em Jogos Digitais; o primeiro Curso Técnico Integrado em Administração, na modalidade de Educação de Jovens e Adultos; a primeira Pós-graduação lato sensu em Gestão de Organizações em parceria com o Crea-MS; Ingresso de duas novas turmas no Curso Técnico Integrado em Informática para Internet”(Ibidem, 2020, p. 48).

O destaque em 2019 foi o Centro de Recondicionamento de Computadores (CRC), o Câmpus Dourados foi o primeiro a ser contemplado no Estado de MS, e o oitavo do país, projeto em parceria com o Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovação e Comunicação (MCTIC)” (Ibidem, 2020, p. 49).

Os centros são espaços físicos adaptados para o recondicionamento de equipamentos eletroeletrônicos destinados à revitalização de pontos de inclusão digital. Os CRC também são utilizados para a realização de cursos e oficinas, visando formação cidadã e profissionalizante de jovens em situação de vulnerabilidade social (Ibidem, 2020, 49-50).

No ano seguinte, semanas após o início das atividades letivas, as aulas foram suspensas devido às medidas de prevenção para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância nacional decorrente do Coronavírus (COVID-19). Pouco tempo depois foram estabelecidas instruções para realização de atividades letivas e administrativas não presenciais no âmbito do IFMS, e essa situação permaneceu até final de 2021 no Câmpus Dourados.

Além dos cursos do Câmpus Dourados já citados na tabela 1, com a palavra Dourados em destaque, ainda são ofertados cursos de Idiomas em Espanhol, Inglês, Libras e Português, e cursos FIC em Operador de Computador e Vendedor.

2.4 - O Curso Técnico em Informática para Internet no Câmpus Dourados

O projeto pedagógico do curso Técnico em Informática para Internet (PPC) de 2019, apresenta a necessidade do mercado mundial em atender novas demandas de formação profissional, e a informática é um setor que está inserido em todos os segmentos de produção. “A criação de novas oportunidades profissionais e de um novo perfil às profissões já estabelecidas advém da passagem da era da produção para a era da informação” (IFMS, 2019).

Nesta perspectiva, sendo a Informática uma ferramenta essencial no processo de desenvolvimento de diversas atividades administrativas e operacionais, há uma grande solicitação do contexto socioeconômico, para a formação de profissionais técnicos em informática, a fim de atender à grande demanda do mundo do trabalho (IFMS, 2019, p. 15).

O documento menciona a procura de grandes empresas do agronegócio por melhoria de sistemas informatizados, o que gera uma importante demanda de profissionais da área de informática, visto que nesta região do Estado, encontra-se um enorme centro do agronegócio do País (IFMS, 2019). Neste sentido o texto destaca também a indústria e área de serviços,

Considerando o crescimento da indústria e serviços no país que se desenvolve com rapidez e com as novas tecnologias que são oferecidas pelo mercado, a necessidade de profissionais adequadamente capacitados é constante. As instituições preocupam-se cada vez mais em obter vantagens competitivas sobre seus concorrentes utilizando para isso o que a tecnologia pode oferecer de mais moderno (IFMS, 2019, p. 15-16).

Neste contexto, o IFMS procura atender às demandas de formação profissional no Estado, organizando-se para ofertar cursos voltados para “contribuir com a formação de profissionais em Tecnologia da Informação (TI), tendo em vista colaborar com o incremento dos mais variados setores da economia deste Estado” (IFMS, 2019, p. 17). Dado que, esse eixo formativo é o único que se repete em todos os campi do IFMS.

Por essa razão, a escolha do Câmpus Dourados foi pelo curso de Técnico em Informática para Internet, sendo esse o único curso ofertado do eixo Técnico Integrado até o ano de 2023. O curso tem como objetivo;

Formar integralmente o educando, egresso do ensino fundamental, para o exercício pleno da cidadania e para a atuação no mundo do trabalho, por meio da aquisição de conhecimentos científicos, de saberes culturais e tecnológicos, habilitando-o para o exercício da profissão como técnico em Informática para Internet (IFMS, 2019, p. 19).

O PPC do curso destaca que esse profissional,

atua nas áreas comerciais, industriais, empresariais e internet, como analista ou programador (desenvolvimento de 17 sistemas), equipe de suporte aos usuários e configurar em plano detalhado para solução de um projeto de sistemas de processamento de informação pelo computador, ou seja, onde existir a necessidade de recursos nessa área (p.17-18).

O IFMS discorre na página institucional, na aba Câmpus Dourados - cursos, nos quais os estudantes ingressantes aprendem a desenvolver programas de computador voltados especificamente para *web*, e o profissional da “área pode criar interfaces e aplicativos empregados no comércio e marketing eletrônicos, e desenvolver e fazer a manutenção de sites e portais na internet e intranet” (IFMS).

O PPC destaca que a organização curricular visa à integração dos diferentes campos do conhecimento numa visão de totalidade, e tem por características “o foco na formação integral dos estudantes, por meio da articulação e integração entre formação técnica e formação geral” (IFMS, 2019, p. 23).

Na formação geral a organização dos conhecimentos e outros componentes curriculares observa as diretrizes curriculares nacionais, tendo os conteúdos organizados em unidades curriculares, a partir dos conhecimentos e habilidades nas áreas de linguagens e suas tecnologias, matemática e suas tecnologias, ciências da natureza e suas tecnologias, ciências humanas e sociais aplicadas, e, que têm por objetivo desenvolver o raciocínio lógico, a argumentação, a capacidade reflexiva, a autonomia intelectual, contribuindo para constituição de sujeitos pensantes, capazes de dialogar com os diferentes conceitos (Ibidem, 2019, p. 24).

Portanto, a estrutura curricular da formação técnica é organizada por unidades curriculares de acordo com a área profissional, e as “unidades curriculares são agrupadas de forma que as bases tecnológicas, científicas, de gestão e de conteúdos constituam ordenação e sequência lógicas para que se propiciem as aprendizagens referentes ao perfil profissional” (IFMS, 2015, p. 45).

Para a formação técnica os conteúdos são definidos de modo a possibilitar a construção de conhecimentos e saberes, bem como o desenvolvimento das habilidades necessárias ao alcance do perfil profissional do egresso. São contemplados ainda componentes curriculares articuladores, tais como, os conteúdos da área de gestão, visando à construção de conhecimentos que permitam inserção do educando no mundo do trabalho de forma crítica e capaz de ação transformadora (IFMS, 2019, p. 24).

O pré-requisito para ingresso no curso é a conclusão do ensino fundamental até a data da matrícula, e admissão efetivamente se dá por intermédio de exame de seleção, sendo que a prova é composta por questões de língua portuguesa, matemática e conhecimentos gerais. As matrículas são realizadas por unidade curricular e o curso está organizado em regime semestral. Os estudantes precisam atingir média seis (6,0), em cada unidade curricular para ser aprovado

no semestre, podendo ficar retido caso acumule mais de doze horas-aulas semanais, somadas à carga horária das disciplinas que não atingiu a média. A grade curricular é organizada para a conclusão do curso em três anos (seis semestres), sendo que esse tempo foi estipulado pelo PPC desse curso, já que anteriormente, todos os cursos dessa modalidade eram ofertados em três anos e meio. Mas, para conseguir diminuir um semestre, foi preciso ofertar parte das disciplinas no contraturno dos estudantes, como veremos na tabela ilustrativa a seguir:

TABELA 2: HORÁRIOS DE AULAS DE UMA TURMA DE SEGUNDO SEMESTRE.

INFORMÁTICA PARA INTERNET - TURMA E					
	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA
07:00 às 07:45	F. Lóg. P. C.	Filosofia 2	LPLB 2	Ed. Física 2	LPLB 2
07:45 às 08:30	F. Lóg. P. C.	Química 2	LPLB 2	Ed. Física 2	LPLB 2
08:30 às 09:15	Arte	Química 2	Física 1	Física 1	F.P. Int. Gráfica
09:15 às 09:35	INTERVALO				
09:35 às 10:20	Arte	Física 1	Sociologia 2	Física 1	F.P. Int. Gráfica
10:20 às 11:05	Matemática 2	LEM 1	F. Lóg. P. C.	História 2	F. Desenho
11:05 às 11:50	Matemática 2	LEM 1	F. Lóg. P. C.	História 2	F. Desenho
11:50 às 13:00	INTERVALO DE ALMOÇO				
13:00 às 13:45	Geografia 2		Geografia 2		
13:45 às 14:30	Geografia 2		Química 2		
14:30 às 15:15	FDWAI		Química 2		
15:15 às 15:35	INTERVALO				
15:35 às 16:20	FDWAI		Matemática 2		
16:20 às 17:05	Com. Técnica		Matemática 2		
17:05 às 17:50	Com. Técnica		História 2		

Fonte: Adaptado de IFMS, 2019.

Os horários de contraturno são diferentes durante os semestres, no primeiro e no último (sexto) semestres os estudantes não têm aulas no contraturno, enquanto nos terceiros, quartos e quintos semestres as aulas são ofertadas em apenas um dia de contraturno, diferente do segundo, período no qual os estudantes precisam permanecer mais tempo na Instituição, como é possível observar na tabela. Vale destacar que essa organização curricular foi desde o início das atividades do Câmpus Dourados em 2016, mas que mudaria no semestre de 2022, pois essas disciplinas do contraturno passariam a ser ofertadas em formato online, possivelmente reflexo do período de atividades não presenciais.

Para finalizar os cursos, os estudantes precisam realizar estágios curriculares supervisionados, com uma carga horária mínima pré-determinada, e apresentar um trabalho de conclusão de curso para uma banca composta por três integrantes. Observa-se que a organização didática pedagógica é muito diferente do ensino médio tradicional, aproximando-se mais da realidade vivenciada em universidades. Sendo esse o novo contexto apresentado aos estudantes ao entrar no curso Técnico em Informática para Internet. Nesse curso vários estudantes conseguem inserção pelo sistema de cotas etnicorraciais, uma lei recente no Brasil e que no caso do IFMS tem sido importante, como veremos a seguir.

2.5 - Lei de Cotas: um breve histórico da Lei 12.711/2012

Desde o Brasil colônia as populações negras e indígenas foram marginalizadas, visto que, eram considerados pelos colonizadores como grupos atrasados e primitivos. Nesse período, as pessoas “negras e indígenas serviam, na visão do colonizador, apenas como mão-de-obra escrava, e sequer eram reconhecidos como seres humanos” (VIEIRA, 2018, p. 50).

Segundo Vieira (2018), essas populações eram designadas para o serviço braçal dos senhores de engenho e para a elite da casa-grande, e mesmo após o fim da escravidão em 1888,

o imaginário social regurgitava a ideia de que brancos, negros e indígenas se diferenciavam racial (fator biológico), ao passo que tal pensamento se (re)produzia estratificação social que hierarquizava brancos e negros, com os negros sempre ocupando as piores posições sociais (VIEIRA, 2018, p. 50).

Neste contexto, de posições sociais subalternas serem majoritariamente ocupadas por pessoas negras, as questões raciais começam a ser debatidas por importantes teóricos brasileiros no século XX, tendo como destaque o sociólogo Florestan Fernandes, que trouxe importantes apontamentos da hegemonia da raça dominante.

A tese fundamental de Fernandes (1971; 1978) pode ser resumida da seguinte forma: a sociedade pós-Abolição não criou as condições necessárias para a absorção do elemento negro. O negro não estava preparado social e psicologicamente para se tornar um trabalhador livre (AGUIAR, 2005, p.17).

Mesmo com o fim da escravidão os negros continuaram em posições sociais subalternas, com poucas ou nenhuma chance de ascensão social, posto que, o estado e a sociedade “escravocrata não forneceu subsídios para a mobilidade do negro e do ‘mulato’, e com o desenvolvimento das cidades, esse distanciamento só aumentou” (VIEIRA, 2018, p. 50).

Nesta conjuntura, destaca-se a mobilização de coletivos negros, movimentos organizados que reivindicavam os direitos que não tinham acesso. Vale ressaltar que as lutas

desses movimentos foram de fundamental importância para angariar os avanços nas pautas antirracistas.

Os avanços obtidos até o momento em benefício da população afrodescendente são resultado de conquistas do Movimento Negro, que vem a ser o movimento social mais antigo no Brasil, pois atua desde os primórdios do escravismo, isto é, desde meados do século XVI. A discriminação racial foi, desde o início, interna ao sistema. Abolida a escravidão em 1888, os afrodescendentes continuaram a sofrer uma exploração específica graças aos mecanismos de exclusão que acompanham o racismo (Jaccoud; Beghin, 2002, p.15)

Neste sentido Aguiar (2014) descreve que,

Historicamente, o Movimento negro brasileiro reivindica a adoção de políticas públicas que minimizem as desigualdades existentes entre brancos e negros no Brasil, no que se refere ao acesso ao mercado de trabalho, à saúde e, principalmente, à educação. A população negra, nos séculos XIX, XX e no começo do século XXI defendeu e lutou pelo direito de acesso à educação (AGUIAR et al., 2014, p. 102).

Paiva (2009, p.12) descreve também que o movimento negro “logra achar um consenso em torno de duas questões: a denúncia do racismo e demandas por acesso aos bens sociais, em especial a educação e mercado de trabalho”.

Evidencia-se que é apenas em meados dos anos 1980 que surgem as primeiras ações efetivas do estado, quando o então governador do estado de São Paulo, Franco Montoro, implementa a primeira medida governamental para se pensar e planejar ações de enfrentamento às questões de desigualdade racial.

É preciso esperar os anos de 1980 para que o poder público comece a dar algumas primeiras respostas. Com o processo de redemocratização do país, medidas concretas são tomadas em algumas localidades. Em São Paulo, o governo Franco Montoro cria, em 1984, o Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra com o objetivo de desenhar e implementar políticas de valorização que facilitem a inserção qualificada da população negra. A instalação desse conselho é um marco importante, pois, por seu intermédio, o Estado reconhece – após negar sempre – que há discriminação racial na sociedade e cabe ao setor público uma ação retificadora (Jaccoud; Beghin, 2002, p.16).

Posteriormente, outros estados também inseriram o Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra em suas agendas. Outra importante conquista aconteceu nesse período, pois foi “nos primeiros anos de 1980 que o IBGE publica estudo que, de forma inédita, permite visualizar as desigualdades entre brancos e negros no mercado de trabalho” (*Ibidem*, 2002, p.16).

O principal marco legal da sociedade brasileira moderna, a promulgação da Constituição Federal de 88, trouxe também importantes progressos sobre essa pauta, ao menos no plano formal, conforme narra Jaccoud e Beghin (2002),

A Constituição Cidadã, como foi batizada por Ulysses Guimarães, institui um Estado Democrático de Direito destinado a assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade justa, fraterna, pluralista e sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e sem qualquer forma de discriminação. Tal Estado Democrático de Direito é ainda reforçado pelos princípios da prevalência dos direitos humanos e pelo repúdio ao racismo. Como resultado dos ativismos social e político do Movimento Negro, podem ser destacadas as seguintes conquistas no âmbito da Carta Magna: o reconhecimento das contribuições culturais dos diferentes segmentos étnicos, considerando-as em pé de igualdade com a sociedade envolvente; a criminalização do racismo e o direito das comunidades remanescentes de quilombos ao reconhecimento da propriedade definitiva de suas terras, devendo o Estado emitir-lhes os títulos de propriedade (JACCOUD E BEGHIN, 2002, p.16).

Mas, somente nos anos noventa iniciam-se discussões mais fecundas em âmbito nacional sobre questões de desigualdade racial e principalmente acerca das ações afirmativas no país. Conceito aqui entendido como políticas que buscam “[...] reverter o quadro de desigualdades entre brancos e negros, combater a discriminação e promover oportunidades iguais no mercado de trabalho e na educação” (AGUIAR et al., 2014, p. 105). Sendo que, tais medidas contribuem “para o reparo das desigualdades étnico-raciais construídas historicamente” (BENATTI; AGUIAR, 2018, p. 197).

O surgimento de propostas de ação afirmativa assenta-se em uma crítica ao ideal da igualdade de direitos como instrumento eficaz para a promoção da igualdade. O reconhecimento de que a igualdade formal não garante aos que são socialmente desfavorecidos o acesso às mesmas oportunidades que têm aqueles que são socialmente privilegiados promoveu um esforço de ampliação não apenas do conteúdo jurídico e moral da ideia de igualdade, mas das próprias possibilidades jurídicas de concretizá-la. Assim, as políticas de ação afirmativa ancoram-se em uma crítica ao princípio de igualdade formal perante a lei e organizam-se em torno de uma demanda concreta de igualdade – a igualdade de oportunidade. As ações afirmativas visam, com efeito, restituir a igualdade de oportunidades entre os diferentes grupos raciais, promovendo um tratamento diferenciado e preferencial àqueles historicamente marginalizados (Jaccoud; Beghin, 2002, p.45-46).

Aguiar (2014) relata ainda que,

As lutas antirracistas do final do século passado se traduziram nas demandas de inclusão étnico-racial no ensino superior. O questionamento do mito democracia racial, por meio de denúncias de grupos do Movimento Negro e da produção acadêmica, mostrou que a cor ou a raça era um dos fatores mais importantes na estruturação das desigualdades sociais no Brasil. Ao mesmo tempo, cresciam as pressões dos movimentos sociais no sentido da construção de uma igualdade efetiva no Brasil. Nasceram, assim, as primeiras experiências de ações afirmativas no ensino superior. No final da década de 90 várias universidades brasileiras já haviam adotado o sistema de cotas étnico-raciais, na tentativa de democratizar o acesso de negros e indígenas aos seus cursos de graduação (AGUIAR et al., 2014, p. 102).

Segundo o mesmo autor (2014, p. 103), uma das conquistas mais importantes na história dos movimentos negros são as “cotas raciais para o acesso da população negra à educação superior”.

O estado pioneiro na implantação de cotas no ensino superior foi o Rio de Janeiro, que instituiu em 2000 a Lei n. 3.524, que estabelecia a reserva de vagas para estudantes oriundos da escola pública em todas as universidades estaduais (VIEIRA, 2018). Vieira aponta ainda que houve aperfeiçoamento dessa “política em 2001 com a Lei n. 3.708/01, dispondo-se quarenta por cento das vagas na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e da Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF) para a população negra” (2018, p. 66).

Em nosso estado, a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) foi a precursora, e também esteve em destaque no cenário nacional, por estar entre as primeiras a instituir cotas étnico-raciais “mediante leis estaduais: a) Lei n. 2.589/02 que dispõe a reserva de vagas para estudantes indígenas; b) Lei n. 2.605/03 que institui a reserva de vagas para estudantes negros” (VIEIRA, 2018, p. 67).

Ainda segundo Vieira (2018) até 2007, às universidades estaduais foram as principais responsáveis pelos programas de cotas sociais no país, e só a partir de 2008 as universidades federais iniciaram esse debate, “por meio do Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), na maioria das instituições prevaleceram às ações afirmativas de cunho social” (FERES JÚNIOR; DAFLON, 2014, p.36 apud VIEIRA, 2018, p. 30).

Mas somente em 29 de agosto de 2012 é decretada a Lei 12.711 que dispõe da reserva de vagas no ingresso das universidades federais e das instituições federais de ensino técnico de nível médio. Essa lei ficou conhecida como Lei de Cotas, e ela preconiza que os processos seletivos deverão ter no mínimo 50% (cinquenta por cento) de suas vagas destinadas para estudantes que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas para ingresso nas universidades e no caso dos institutos federais os estudantes deverão ter cursado integralmente o ensino fundamental em escolas públicas. No artigo 3º fica definido que essas vagas serão preenchidas por autodeclarados pretos, pardos e indígenas, em proporção no mínimo igual à de pretos, pardos e indígenas na população da unidade da Federação onde está instalada a instituição, segundo o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Em 2016 a Lei 13.409 altera esse artigo para inclusão de pessoas com deficiência nos processos de ingresso no ensino superior e nos institutos federais.

Ações afirmativas de cunho étnico-racial se universalizaram com aprovação da Lei nº 12.711 de 29 de agosto de 2012, regulamentando o ingresso nas universidades

federais e nas instituições de ensino técnico de nível médio, trabalhando com dois recortes: social e étnico-racial (VIEIRA, 2018, p. 68).

A Lei de cotas previa um período de quatro anos para plena adequação no cumprimento dos percentuais de reserva de vagas, mas, segundo o MEC essa meta foi atingida antes mesmo do esperado “as metas da Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, têm sido atingidas antes mesmo do previsto pelas 128 instituições federais de ensino que participam do sistema” (MEC, 2015).

A Lei previa também o prazo de dez anos para sua revisão, neste sentido a Agência Senado publicou uma matéria com importantes reflexões, conforme pontuado no trecho abaixo:

O estudo, escrito em conjunto com o advogado e professor de direito na PUC de Minas Marciano Seabra Godoi, reforça que a política de cotas funcionou para incluir parcelas da população antes excluídas do ambiente acadêmico, mas os autores sugerem aperfeiçoamentos na política pública. Segundo Maria Angélica dos Santos, é preciso dar um passo além e garantir o ingresso e a permanência de negros e indígenas também nos cursos de pós-graduação e nas seleções para professores. — A política de cotas vem permitindo que mais integrantes da população negra e indígena acessem o ensino superior e este precisa ser um caminho sem volta. É importante que sejam estabelecidas estratégias que ampliem políticas afirmativas para estes grupos minoritários e que garantam mais do que o ingresso nas universidades, mas também sua permanência e a formação de uma nova geração de pesquisadoras e pesquisadores que tragam outras visões de mundo e outros saberes para o ambiente acadêmico — apontou a pesquisadora (AGÊNCIA SENADO, 2022).

2.6 - Política de cotas no IFMS

A característica do ensino profissionalizante da Rede Federal vem atraindo cada vez mais estudantes oriundos tanto do ensino fundamental da rede pública quanto da rede privada, o que torna a disputa por uma vaga desigual. Isso porque, em sua maioria, os processos seletivos se constituem de provas escritas, a fim de avaliar os conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, reafirmando o velho hábito da meritocracia e, de certa forma, tolhendo o direito à educação de uma população que sai um passo atrás daqueles com condições de pagar uma escola particular.

A migração de estudantes da rede privada para o ensino público federal, tende a dificultar a entrada dos estudantes da rede pública de ensino, visto que, não tiveram as mesmas condições e oportunidades de ensino, pois a entrada desses estudantes depende do desempenho atingido no processo seletivo.

Assim, a Lei de Cotas torna-se um importante mecanismo de inclusão e garantia de acesso “em direção à diminuição dos abismos sociais reinantes no país, acenando como uma ação afirmativa mitigadora da elitização dos institutos federais, dando àqueles que sempre

estudaram em escola pública o direito de acesso ao ensino médio tecnológico gratuito” (MORAES, 2018, n.p). A autora complementa seu raciocínio dizendo que tal Lei “veio para tornar os Institutos Federais de Educação mais acessíveis à população de baixa renda e ‘minorias’ historicamente apartadas dos direitos sociais e do desenvolvimento econômico brasileiro” (MORAES, 2018).

Do primeiro processo seletivo até hoje, diversos estudantes puderam ingressar nos cursos de ensino médio técnico a partir da reserva de vagas, mesmo antes das diretrizes estabelecidas pela Lei de Cotas, o IFMS formulou mecanismos para garantir a entrada de estudantes oriundos das escolas públicas, conforme descreve o primeiro edital destinado ao processo de seleção de estudantes do ensino médio profissionalizante (edital 001 de 2009):

Serão destinadas 50% (cinquenta por cento) das vagas ofertadas em cada curso para candidatos cotistas que, tenham optado por esta condição, no momento de sua inscrição e a comprovem no ato da matrícula. O candidato que optou, no ato de sua inscrição, pelas vagas destinadas a candidatos cotistas e não comprovar esta condição será sumariamente eliminado do processo seletivo. Observe-se que para se beneficiar de tais vagas o candidato deve ter cursado efetivamente e concluído com êxito todas as séries do Ensino Fundamental em escolas públicas no Brasil, não valendo para tal condição, a comprovação de ter o candidato recebido bolsa de estudo em escola privada (IFMS, EDITAL 001/2009 - PROEN).

Nota-se que a aplicação de um amplo sistema de cotas foi concretizada antes mesmo de uma normativa prescrita por lei, reflexo de uma Instituição que nasce em um período de importantes reflexões sobre as ações afirmativas.

No decorrer dos anos, o processo de cotas foi evoluindo, e já em 2012 o IFMS adotou às instruções normativas da Lei de Cotas no seu edital de seleção para ingresso no ano seguinte, conforme nota-se o item “1.8.4.3 Os quantitativos de vagas destinados a pretos, pardos e indígenas, conforme determina a Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, estão dispostos neste edital (item 2.2) e encontram-se de acordo com os dados do Censo 2010 do IBGE” (IFMS, EDITAL 009/2012- PROEN).

Mas, observou-se que os editais de ingresso das turmas de 2016, 2017 e 2018, recorte dessa pesquisa, trazem diferentes configurações na aplicabilidade das cotas, isso porque houve reformulação da Lei de Cotas com a inclusão de pessoa com deficiência, e notórias tentativas de adequar as cotas étnico-raciais a uma seleção mais rigorosa.

Em 2015, foi lançado o edital 028/2015 - PROEN/IFMS para seleção das turmas de 2016, dos cursos Técnicos de nível médio integrado no âmbito do IFMS, ressalta-se que esse foi o primeiro processo de seleção do Câmpus Dourados dessa modalidade. E a divisão das cotas ficou estabelecida da seguinte forma:

AC – Ampla concorrência; L1 – Candidatos com renda familiar bruta per capita igual ou inferior a 1,5 salário mínimo que tenham cursado integralmente o Ensino Fundamental ou equivalente em escolas públicas (Lei nº 12.711/2012); L2 – Candidatos autodeclarados pretos, pardos ou indígenas, com renda familiar bruta per capita igual ou inferior a 1,5 salário mínimo e que tenham cursado integralmente o Ensino Fundamental ou equivalente em escolas públicas (Lei nº 12.711/2012); L3 – Candidatos com renda familiar bruta per capita superior a 1,5 salário mínimo e que tenham cursado integralmente o Ensino Fundamental ou equivalente em escolas públicas (Lei nº 12.711/2012); L4 – Candidatos autodeclarados pretos, pardos ou indígenas, com renda familiar bruta per capita superior a 1,5 salário mínimo e que tenham cursado integralmente o Ensino Fundamental ou equivalente em escolas públicas (Lei nº 12.711/2012) (IFMS, 2015).

Esse sistema de divisão ficou vigente de 2012 até a reformulação da Lei de Cotas em 2016, e a divisão da turma ficava da seguinte forma, 50% para a ampla concorrência (AC), e a outra metade de vagas eram reservadas para estudantes oriundos de escolas públicas, com subdivisões L1, L2, L3 e L4, conforme é descrito no parágrafo acima.

Assim, no ano letivo de 2016 o IFMS reservou, para o Câmpus Dourados, 24 vagas para os candidatos autodeclarados, de um total de 80 vagas, atendendo a “proporção de vagas da soma de Pretos, Pardos e Indígenas na população do estado do Mato Grosso do Sul, que é de 51,95% segundo o último Censo Demográfico divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE”. Conforme é possível visualizar na configuração da tabela abaixo:

CAMPUS DOURADOS							
Curso	Turno	Vagas					
		Ampla Concorrência	Estudantes de Escola Pública Beneficiários de Ações Afirmativas				Total
			Renda < ou = 1,5 salários mínimos per capita devidamente comprovada		Renda > 1,5 salários mínimos per capita ou renda não comprovada		
			Autodeclarados pretos, pardos e indígenas	Não autodeclarados	Autodeclarados pretos, pardos e indígenas	Não autodeclarados	
Técnico em Informática para Internet	Matutino e Vespertino ¹	40	12	8	12	8	80

FONTE: IFMS (2015)

No edital de seleção de 2016, essa configuração permaneceu igual, com a diferença que o Câmpus Dourados ofertou o dobro de vagas para 2017, passou a ofertar um total de 160 vagas, consequentemente o número de vagas para cotistas autodeclarado também dobrou para 48. No entanto, esse edital trouxe uma inovação que impactou vigorosamente no número de matriculados nas categorias L2 e L4 (os autodeclarados), tal medida se tratou da verificação da autodeclaração de pretos e pardos, conforme segue texto abaixo:

Os candidatos autodeclarados pretos e pardos deverão comprovar esta condição por meio de uma foto nítida, recente e datada que deverá ser enviada através do campo indicado na página da Central de Seleção do IFMS durante a realização da inscrição.

As características fenotípicas de cada candidato serão avaliadas por meio da foto enviada que será analisada por uma comissão específica entre os dias 08 e 10 de novembro de 2016 (IFMS, EDITAL 030/2016).

Essa medida impactou de tal maneira que no ano de 2017 apenas 7 candidatos autodeclarados foram convocados para realização de suas matrículas, enquanto no ano anterior foram convocados 34 candidatos, lembrando que no ano de 2017 era previsto o dobro de estudantes dessa categoria. Vale pontuar ainda, que a verificação dessas fotos aconteceu antes do exame de seleção, e o edital previa que o candidato que tivesse sua autodeclaração indeferida passaria a compor a lista dos candidatos de ampla concorrência.

Já no exame de seleção de ingresso para 2018, essa prerrogativa de verificação de fotos não foi utilizada, mas, o edital destacou que:

2.13 Durante o período destinado às chamadas, poderão ser oferecidas denúncias nos casos em que a autodeclaração firmada pelos candidatos pretos, pardos ou indígenas se mostrar falsa. 2.13.1 Será constituída comissão, composta por integrantes do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (Neabi) do campus, para verificar a veracidade da denúncia e da declaração firmada pelo candidato (IFMS, EDITAL 066/2018).

A novidade deste edital foi sua reformulação para atender pessoas com deficiência, incluídas pela Lei de Cotas, assim foram adotadas as seguintes categorias de ingresso a: (IFMS, EDITAL 066/2017 – PROEN/IFMS)

- AC - Ampla concorrência.
- C1 - Candidatos egressos de escola pública, com renda familiar bruta igual ou inferior a 1,5 salário-mínimo per capita, que se autodeclararam pretos, pardos e indígenas e que sejam pessoas com deficiência.
- C2 - Candidatos egressos de escola pública, com renda familiar bruta igual ou inferior a 1,5 salário-mínimo per capita, que se autodeclararam pretos, pardos e indígenas e que não sejam pessoas com deficiência.
- C3 - Candidatos egressos de escola pública, com renda familiar bruta igual ou inferior a 1,5 salário-mínimo per capita, que não se autodeclararam pretos, pardos e indígenas e que sejam pessoas com deficiência.
- C4 - Candidatos egressos de escola pública, com renda familiar bruta igual ou inferior a 1,5 salário-mínimo per capita, que não se autodeclararam pretos, pardos e indígenas e que não sejam pessoas com deficiência.
- C5 - Candidatos egressos de escola pública que não comprovarem renda, que se autodeclararam pretos, pardos e indígenas e que sejam pessoas com deficiência.

- C6 - Candidatos egressos de escola pública que não comprovarem renda, que se autodeclararam pretos, pardos e indígenas e que não sejam pessoas com deficiência.
- C7 - Candidatos egressos de escola pública que não comprovarem renda, que não se autodeclararam pretos, pardos e indígenas e que sejam pessoas com deficiência.
- C8 - Candidatos egressos de escola pública que não comprovarem renda, que não se autodeclararam pretos, pardos e indígenas e que não sejam pessoas com deficiência.

Até a seleção de 2020 não existiam bancas de heteroidentificação, no entanto, a Instituição entendeu a necessidade de estabelecer esse procedimento no decorrer dos processos de seleção, como observamos as tentativas, possivelmente, frustradas de deixar o processo mais rigoroso, e a partir de 2021 os grupos autodeclarados passaram a ser convocados para análise das bancas, que são formadas por servidores, que geralmente compõem o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI). Conforme o IFMS esse processo se daria da seguinte forma:

1.1 Os candidatos que optarem por preenchimento das vagas destinadas aos pretos e pardos serão submetidos a procedimento de heteroidentificação, que consiste na verificação de veracidade da autodeclaração firmada pelo candidato pela constatação das características fenotípicas, conforme o item 5 do edital 054/2020. 1.2 A Banca de Heteroidentificação será composta por 5 membros, respeitando o princípio da diversidade, garantindo que seus membros sejam distribuídos por gênero, cor e, preferencialmente, naturalidade. 1.3 A banca deverá ser filmada e gravada, para, em caso de recurso ou denúncia, uma nova comissão de comprovação de veracidade de autodeclaração analisar a filmagem. 1.4 Antes de entrar na sala onde ocorrerá a verificação, o candidato, acompanhado de seu responsável legal, quando menor de 18 anos, deverá apresentar documento oficial de identificação com foto, assinar o termo de autorização de filmagem e autorizar a leitura do termo de Autodeclaração. 1.5 Caso o candidato não assine a autorização da filmagem ou o responsável não a autorize, será declarado ausente (IFMS, 054/2020).

Assim, as categorias L2 e L4 dos anos de ingressos 2016 e 2017, e as categorias C1, C2, C5 e C6 ingressantes em 2018, serão o recorte de análise para esta pesquisa, e como ingressaram por meio das cotas étnico-raciais antes de 2020, são compostas por estudantes que não passaram por avaliação de bancas de heteroidentificação.

3. TRAJETÓRIAS ESCOLARES: CAMINHOS PERCORRIDOS POR SEIS ESTUDANTES COTISTAS

3.1 Os caminhos metodológicos

Neste capítulo buscarei dialogar os relatos dos estudantes entrevistados com os autores que debatem a educação no âmbito sociológico, para isso, optaram-se pela abordagem qualitativa para análise de conteúdo, a partir, das falas de seis estudantes selecionados. A escolha pelo método qualitativo se deu por compreender que ele atende ao objetivo dessa pesquisa, de investigar trajetórias escolares, de estudantes cotistas ingressantes no IFMS.

...as chamadas metodologias qualitativas privilegiam, de modo geral, da análise de microprocessos, através do estudo das ações sociais individuais e grupais. Realizando um exame intensivo dos dados, tanto em amplitude quanto em profundidade, os métodos qualitativos tratam as unidades sociais investigadas como totalidades que desafiam o pesquisador [...]. Se há uma característica que constitui a marca dos métodos qualitativos ela é a flexibilidade, principalmente quanto às técnicas de coleta de dados, incorporando aquelas mais adequadas à observação que está sendo feita (MARTINS, 2004, p. 292).

A escolha da amostra - estudantes cotistas ingressantes por cotas étnico racial do curso Técnico em Informática para Internet - deve-se ao fato de entender que esses indivíduos são pertencentes as camadas sociais menos favorecidas e mais excluídas historicamente. Foram selecionados estudantes autodeclarados das diferentes categorias raciais; pretos, pardos e indígenas, conforme preconizado na Lei de Cotas, para melhor compreensão das realidades vivenciadas, por um grupo tão heterogêneo. Para a escolha dos estudantes entrevistados, utilizou-se a seleção casual (por conveniência), conforme descreve Amatzuzi et al. (2005, p.53) "amostra por conveniência é uma amostragem não probabilística, definida metodologicamente como aquela em que há escolha deliberada de respondentes". Assim, buscou-se contato com estudantes que tinham maior abertura e facilidade em relatar acontecimentos diversos para a equipe técnica de apoio ao ensino, na qual faço parte, eventos que ocorreram enquanto eles estavam em curso no IFMS.

O processo de escolha dos estudantes entrevistados ocorreu após o levantamento minucioso dos ingressantes oriundos das cotas étnico-raciais para ingresso no curso Técnico em Informática para Internet, e foram escolhidos estudantes de diferentes anos de ingresso, mais especificamente dos anos de 2016, 2017 e 2018, período que corresponde aos anos iniciais de atividades do Câmpus Dourados na sede definitiva.

Destaca-se que, como consequência deste recorte temporal (2016, 2017 e 2018) todos os estudantes entrevistados já são maiores de 18 anos, sendo assim, não foi necessário o

consentimento dos pais e/ou responsáveis. Os estudantes entrevistados foram identificados com nomes fictícios para preservação de suas identidades. Vale ressaltar que para participar dessa pesquisa os estudantes assinaram o Registro de Consentimento Livre e Esclarecido, documento que obteve aprovação do CEP pelo sistema Plataforma Brasil.

A escolha do lócus da pesquisa se deu pela minha proximidade com a comunidade escolar envolvida, e levou-se em consideração a localização que o Câmpus Dourados está inserido, visto que a região tem duas grandes aldeias urbanas, e um índice elevado de autodeclarados pretos e pardos, que abrange metade de população douradense, segundo dados do IBGE (2010).

Ressalta-se que todos os entrevistados já tiveram algum contato com a pesquisadora, visto que todos os estudantes do IFMS têm livre acesso ao setor de apoio ao ensino, e por vezes precisam ser atendidos, orientados e acompanhados por essa equipe, da qual faço parte. Assim, entende-se que para os estudantes entrevistados a pesquisadora poderia representar a Instituição IFMS, e tal visão e interpretação tende a gerar algumas interferências nas descrições dos fatos e acontecimentos. No entanto, em todas as entrevistas, buscou-se esclarecer sobre o objetivo e relevância da pesquisa, reforçando quanto ao anonimato deles, e principalmente ressaltando a importância em se relatar todas as situações e pontos de vista.

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com roteiro de perguntas que permitiram perpassar toda a trajetória escolar dos estudantes, desde o ensino fundamental até a conclusão, evasão ou transferência no IFMS.

O emprego da entrevista qualitativa para mapear e compreender o mundo da vida dos respondentes é o ponto de entrada para o cientista social que introduz, então, esquemas interpretativos para compreender as narrativas dos atores em termos mais conceituais e abstratos, muitas vezes em relação a outras observações. A entrevista qualitativa, pois, fornece os dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais e a sua situação. O objetivo é uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos (GASKELL, 2002, p. 65).

Três entrevistas foram realizadas presencialmente e as demais via Google Meet (videochamadas criptografadas), considerando as realidades individuais de cada estudante. As entrevistas foram gravadas, utilizando-se um aplicativo (gravador de voz) do aparelho smartphone nas entrevistas presenciais, e gravando direto no Google Meet, no caso das entrevistas em formato remoto. Todas as entrevistas duraram uma média de quarenta a sessenta minutos.

Foi formulado um roteiro⁴ de perguntas a fim de direcionar nossa conversa com os estudantes entrevistados, compreendendo que esse roteiro também poderá ser denominado como tópico guia, conforme Gaskell (2002, p.66), que descreve: “é fundamental colocar tempo e esforço na construção de um tópico guia, e é provável que se tenha que fazer várias tentativas. Em sua essência, ele é planejado para dar conta dos fins e objetivos da pesquisa”. O autor evidencia ainda que:

Ele não é uma série extensa de perguntas específicas, mas ao contrário, um conjunto de títulos de parágrafos. Ele funciona como um lembrete para o entrevistador, como uma salvaguarda quando der um "branco" no meio de uma entrevista, um sinal de que há uma agenda a ser seguida, e (se um número de minutos é fixado a cada parágrafo) um meio de monitorar o andamento do tempo da entrevista. Um bom tópico guia irá criar um referencial fácil e confortável para uma discussão, fornecendo uma progressão lógica e plausível através dos temas em foco. À medida que o tópico guia é desenvolvido, ele se torna um lembrete para o pesquisador de que questões sobre temas sociais científicos devem ser apresentadas em uma linguagem simples, empregando termos familiares adaptados ao entrevistado. Finalmente, ele funciona como um esquema preliminar para a análise das transcrições (*Ibidem*, p.66 - p.67).

O uso da abordagem da análise de conteúdo foi importante para melhor compreender as respostas dos entrevistados, buscando o conhecimento “expresso no texto verbal do entrevistado, conhecendo suas relações e escolhas” (TETZLAFF, 2017, p.26). No caso desta pesquisa, a busca se dá na compreensão mais aprofundada da trajetória escolar de sujeitos previamente selecionados, como já mencionado.

Utilizou-se também de levantamentos documentais, contendo informações de aprovação, reprovação, retenção e dados referentes à composição familiar, renda e demais informações socioeconômicas do grupo familiar dos seis estudantes entrevistados para melhor compreensão da realidade do grupo de estudantes entrevistados.

As informações referentes ao histórico acadêmico foram retiradas do sistema acadêmico SigaEdu⁵, uma plataforma que contém todas as informações relacionadas à matrícula, notas, aprovações, reprovações, retenções, trancamento, transferências, evasões etc. Enquanto os dados socioeconômicos do grupo familiar foram encontrados no sistema online conhecido como QSE⁶ (questionário socioeconômico), plataforma que tem por objetivo conhecer a realidade social e econômica de cada estudante, sendo alimentado pelo próprio estudante e/ou familiar, a cada início de semestre, nela são solicitadas informações que perpassam por inúmeras questões, como; escolaridade dos pais, tipo de residência, profissão

⁴ O projeto de pesquisa, assim como o roteiro de entrevistas foram submetidos ao Comitê de Ética através da Plataforma Brasil, pelo endereço eletrônico <http://plataformabrasil.saude.gov.br>, e obteve aprovação em 15/09/2022.

⁵ <https://academico.ifms.edu.br>

⁶ http://sistemas.ifms.edu.br/questionario_socioeconomico

dos sujeitos do grupo familiar, renda, tipo de moradia, transporte utilizado até a escola, questões de saúde etc.

Também foram coletados dados dos editais de seleção de 2015, 2016 e 2017; Edital nº 028/2015 – PROEN/IFMS, Edital nº 030/2016 – PROEN/IFMS e Edital nº 066/2017 – Proen/IFMS, que correspondem aos anos de ingresso de 2016, 2017 e 2018 respectivamente, dados esses que foram utilizados para fins de informações relacionadas às cotas raciais (trazidas no primeiro capítulo desse trabalho) e para filtrar e selecionar os indivíduos da amostra.

Importante destacar que cada ano de ingresso, em seus respectivos editais, os documentos trouxeram algumas nuances, por exemplo, nos editais 028/2015 e 030/2016 a separação das cotas é realizada de forma a atender uma variável de quatro tipos de subcotas (L1, L2, L3 e L4)⁷, enquanto o edital 066/2017 abrange o dobro de variáveis (C1, C2, C3, C4, C5, C6, C7 e C8), visto que naquele ano a Lei de cotas havia sofrido uma importante alteração e incluiu as pessoas com deficiência.

Outro fato marcante aconteceu no edital 030/2016, pois foi solicitado aos candidatos das cotas étnico-raciais o envio de uma foto nítida, situação que aparentemente trouxe prejuízo para o processo, visto que de 24 vagas destinadas para essas categorias apenas 6 estudantes ingressaram como cotistas pretos, pardos e indígenas por aquele edital, no ano de 2017. Vale destacar, que no ano anterior, de 2016, ingressaram pelas cotas raciais 25 estudantes de um total de 80 vagas, enquanto em 2018 foram ofertadas 160 vagas e 43 estudantes ingressantes pelas cotas étnico raciais.

3.2 - Sociologia da Educação na perspectiva de Bourdieu

Neste capítulo será utilizado o termo camada popular para identificar o grupo de estudantes aqui pesquisados, posto que eles pertencem à camada da sociedade menos favorecida e mais excluída historicamente, como já descrito na introdução, compreendida ainda como uma camada social subalternizada, que vivencia situações de escassez, e são pertencentes à parcela da população que não detém o poder, posto que não possuem os meios de produção de riqueza.

Compreende-se que o conceito camada popular é complexo, e sua definição também não é simples, conforme destaca Tetzlaff (2017):

...a dificuldade de definição do conceito camadas populares, que não se conjuga a um conceito de classe - como "classe média" ou "classe baixa", ligados somente ao fator de renda-, mas que envolve um sistema de estratificação social, em que o estilo de

⁷ Como possível observar na tabela 3.

vida pode sobrepor-se e ser variável quanto aos rendimentos, por exemplo. Ou seja, a mediação de elementos simbólicos distancia as famílias de uma homogeneidade de classe e as aproxima por uma situação de escassez, seja ela objetiva ou simbólica, financeira ou cultural, mas com formas diferenciadas de viver tal situação (ROMANELLI, 2003 apud TETZLAFF, 2017, p. 25).

Para fins desta pesquisa, o conceito de camada popular aqui será definido como grupo em situação de dominação, a partir da concepção de Pena (2017), que traz as reflexões de Souza (2009, 2011) e Viana (2008) para explicar esses grupos sociais, conforme segue:

Souza (2009) considera meios populares ou camadas populares, aqueles grupos que estão na base da pirâmide social e constituem a classe dominada, devido à situação desfavorável em que se encontram em relação à distribuição das formas de riqueza que – num dado momento histórico – configuram fatores de classificação social: os bens econômicos, os bens culturais, o poder. “Camada popular” pode ser entendida, na perspectiva de Souza (2011), como segmento social cujos agentes têm como principal força de trabalho o corpo; baixa escolaridade e baixo rendimento econômico. Viana (2008) considera indicadores de pertencimento às camadas populares, indivíduos com baixa renda familiar, cujos pais possuem baixo nível de escolaridade e com ocupação predominantemente manual. A autora chama a atenção para a complexidade da realidade de classe e as suas diferentes dimensões, como as famílias, as etnias, as culturas, os espaços, o estilo de vida etc. Além disso, destaca que um dos traços marcantes das camadas populares é a heterogeneidade de sua composição, verificando uma diversidade cultural, racial e profissional, além de uma enorme diferenciação interna, provenientes de diversas experiências de práticas culturais, de processos de trabalho e de dominação (p. 48, nota de rodapé 16).

Sendo a heterogeneidade um importante traço na composição das camadas populares, é relevante destacar também seus limites ao se tratar de questões específicas dos grupos étnicos raciais. Visto que, o termo camada popular não consegue abranger as inúmeras situações de exclusão vivenciada pelos grupos racializados. Uma característica ressaltada na definição do termo é a precariedade de acesso a bens econômicos que caracteriza os grupos que compõem o conceito. O fenômeno de racialização decorre do processo histórico de formação da sociedade brasileira marcada pelos processos de exclusão e negação das especificidades dos povos negros e indígenas. Portanto a precariedade econômica se intersecciona à diferença étnico-racial, colocando negros e indígenas em desvantagens maiores do que brancos de origem pobre. Ao adotar o termo camadas populares, é preciso reconhecer a necessidade de ressaltar que a diferença étnico-racial é um aspecto importante na reprodução das desigualdades que ultrapassa a precariedade econômica.

A pesquisa tentará compreender a trajetória dos estudantes pretos, pardos e indígenas, oriundos das camadas populares, no ensino profissionalizante. Sendo a trajetória aqui definida pelo conceito pensado pelos autores Silva, Piotto e Aguiar (2022, p.131) “entendemos como trajetória escolar todo o percurso de escolarização anterior e atual do estudante, ou seja, toda a história escolar, os caminhos e as narrativas dos acontecimentos dessa história até o ingresso no ensino superior”.

Refletir sobre o campo escolar e as camadas populares inseridas neste espaço, pelo viés sociológico⁸, será imprescindível para esta pesquisa. Importante destacar que essa área de pesquisa é recente, já que esse olhar sociológico para questões educacionais teve seu início em meados do século XX. É neste período que se iniciaram os movimentos que questionavam a concepção do real papel das escolas, visto que, até então os espaços escolares eram concebidos como um local de “superação do atraso econômico, do autoritarismo e dos privilégios adscritos, [...] e de construção de uma nova sociedade, justa (meritocrática), moderna (centrada na razão e nos conhecimentos científicos) e democrática (fundamentada na autonomia individual)” (NOGUEIRA C.; NOGUEIRA M., 2002, p.16).

Neste contexto surge um dos mais importantes sociólogos, o francês Pierre Bourdieu, que formulou uma “resposta original, abrangente e bem fundamentada, teórica e empírica, para o problema das desigualdades escolares” (NOGUEIRA C.; NOGUEIRA M., 2002, p.16). Os autores apontam que, “onde se via igualdade de oportunidades, meritocracia, justiça social, Bourdieu passa a ver reprodução e legitimação das desigualdades sociais” (NOGUEIRA C.; NOGUEIRA M., 2002, p.16). Eles acrescentam que na teoria de Bourdieu, a Educação perderia seu papel “que lhe fora atribuído de instância transformadora e democratizadora das sociedades e passa a ser vista como uma das principais instituições por meio da qual se mantêm e se legitimam os privilégios sociais” (IDEM., 2002, p.17).

Para Bourdieu o espaço escolar contribuía para perpetuar o que já era socialmente consolidado, frente às desigualdades sociais, e que as classes dominantes eram as protagonistas nessa configuração de ensino, num contexto de educação profundamente excludente. Os autores NOGUEIRA; NOGUEIRA (2002) elucidam o pensamento do sociólogo Bourdieu frente ao sistema escolar, posto que para ele a escola não seria uma instituição imparcial que difunde uma forma de conhecimento “superior e que avaliaria os alunos a partir de critérios universalistas, mas, ao contrário, seria uma instituição a serviço da reprodução e legitimação da dominação exercida pelas classes dominantes” (p. 28).

É provavelmente por um efeito de inércia cultural que continuamos tomando o sistema escolar como um fator de mobilidade social, segundo a ideologia da “escola libertadora”, quando, ao contrário, tudo tende a mostrar que ele é um dos fatores mais eficazes de conservação social, pois fornece a aparência de legitimidade às desigualdades sociais, e sanciona a herança cultural e o dom social tratado como dom natural (BOURDIEU, 2012, p. 41).

⁸ "Recorremos aos estudos de Sociologia da Educação, que ofereceram, ao longo da segunda metade do século XX até os dias atuais, subsídios para a compreensão das desigualdades escolares e das trajetórias escolares de estudantes das diferentes camadas sociais” PENA (2017, p. 49).

O estudo de Pena (2017), também traz importantes reflexões sobre a literatura de Bourdieu, especialmente quando ela destaca que um dos temas centrais da pesquisa apresentada pelo autor “considera que os estudantes são atores socialmente constituídos, portadores de uma bagagem social e cultural diferenciada, geralmente incorporada ao longo dos anos e que reflete diretamente no destino escolar desses indivíduos” (p.50).

O grau variado de sucesso alcançado pelos alunos ao longo de seus percursos escolares não poderia ser explicado por seus dons pessoais – relacionados à sua constituição biológica ou psicológica particular –, mas por sua origem social, que os colocaria em condições mais ou menos favoráveis diante das exigências escolares (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2002, p. 18).

Bourdieu (2012) entende que durante o processo de escolarização existem mecanismos de eliminação de certos grupos sociais, partindo desta concepção, o sociólogo formula o conceito de capital cultural. Esse conceito pode ser compreendido como a bagagem cultural herdada pela família e transmitida para os filhos, como no caso de acesso a bens culturais, nível de domínio da língua formal, residência, e características demográficas do grupo familiar, todos esses fatores facilitariam a compreensão dos códigos escolares pelos filhos. Thiry-Cherques (2006) descreve o conceito de capital cultural e as três formas que o conceito é identificado:

o capital cultural, que compreende o conhecimento, as habilidades, as informações etc., correspondente ao conjunto de qualificações intelectuais produzidas e transmitidas pela família, e pelas instituições escolares, sob três formas: o estado incorporado, como disposição durável do corpo (por exemplo, a forma de se apresentar em público); o estado objetivo, como a posse de bens culturais (por exemplo, a posse de obras de arte); estado institucionalizado, sancionado pelas instituições, como os títulos acadêmicos (p. 39).

Enquanto a autora Piotto destaca a importância do conceito para identificar as disparidades escolares entre os estudantes dos diferentes grupos sociais:

[...] esse conceito impõe-se como uma forma de explicar as diferenças de rendimento escolar obtido por crianças de classes sociais distintas; e, em consonância, opor-se às explicações provenientes da teoria do capital humano e da crença na existência de "aptidões" (Bourdieu, 1998). Contrariamente às afirmações de que as desigualdades no desempenho escolar seriam devidas a fatores econômicos ou a "dom", Bourdieu afirmou que essas desigualdades são frutos da distribuição, também desigual, do capital cultural entre as classes e as frações de classes: "O rendimento escolar da ação escolar depende do capital cultural previamente investido pela família" (PIOTTO, 2009).

Para Bourdieu (2012) as famílias são responsáveis por transmitir para seus filhos, “mais por vias indiretas do que diretas, um certo capital cultural e um certo ethos, sistema de valores implícitos e profundamente interiorizados, que contribui para definir, entre coisas, as atitudes face ao capital cultural e à instituição escolar” (BOURDIEU, 2012, p. 41-42).

O autor destaca que o nível de formação dos pais está fortemente ligado ao desempenho

escolar dos filhos, no entanto, ele acrescenta que "mais que os diplomas obtidos pelo pai [...] é o nível cultural global do grupo familiar que mantém a relação mais estreita com o êxito escolar da criança (IDEM, 2012, p.42).

O conceito de *habitus* também é muito importante na obra de Bourdieu, sobre ele os autores Gonçalves; Gonçalves (2010) elucidam, numa síntese da obra de Bourdieu na educação, de forma bastante congruente:

A Educação aparece na obra de Bourdieu em três dimensões: a familiar, a escola, e a social, que podem ser abordadas didaticamente em suas especificidades, mas que são necessariamente articuladas e interdependentes. O *habitus* adquirido no seio familiar, compatível com a posição desse grupo na sociedade ou campo específico, é fundamental para a inserção do indivíduo na escola, que por sua vez seleciona e reforça esse *habitus* em função do lugar deste agente na sociedade; esta, por sua vez, condiciona fortemente a família e a escola – seus agentes. Ou seja, o autor busca discutir e analisar, no âmbito educacional, os princípios e mecanismos que constituem o *habitus*, ou como os agentes, situados em determinada posição no campo, em dada conjuntura, são influenciados pelas estruturas e tendem a reproduzi-las (GONÇALVES; GONÇALVES, 2010, p.65).

3.3 - Conhecendo os estudantes

Para facilitar o entendimento e compreensão do leitor, optou-se em organizar os seis estudantes entrevistados por ordem alfabética, seguindo assim essa sequência: Bernardo, Claudia, Gabriela, Logan, Rosa e Thomas. Nesta mesma direção, também foram elaboradas duas tabelas com algumas informações sobre esses estudantes e seu contexto familiar.

TABELA 4: DADOS INICIAIS DOS ESTUDANTES ENTREVISTADOS

Estudante	Ano de ingresso	Idade (quando ingressou no IFMS)	Cor/raça Declarada	Cota de ingresso
BERNARDO	2016	15	Pardo	L4
CLAUDIA	2018	14	Preta	C6
GABRIELA	2018	14	Preta	C2
LOGAN	2016.2	15	Pardo	L4
ROSA	2017	14	Parda	L2
THOMAS	2016	16	Indígena	L4

Fonte: Elaboração própria.

Legenda:

L4 - Candidatos autodeclarados pretos, pardos ou indígenas, com renda familiar bruta per capita superior a 1,5 salário mínimo e que tenham cursado integralmente o Ensino Fundamental ou equivalente em escolas públicas;

C6 - Candidatos egressos de escola pública que não comprovarem renda, que se autodeclararam

pretos, pardos e indígenas e que não sejam pessoas com deficiência;

C2 - Candidatos egressos de escola pública, com renda familiar bruta igual ou inferior a 1,5 salário-mínimo per capita, que se autodeclararam pretos, pardos e indígenas e que não sejam pessoas com deficiência;

L2 - Candidatos autodeclarados pretos, pardos ou indígenas, com renda familiar bruta per capita igual ou inferior a 1,5 salário mínimo e que tenham cursado integralmente o Ensino Fundamental ou equivalente em escolas públicas.

Os estudantes Bernardo e Thomas ingressaram no início do semestre do primeiro ano de atividades no Câmpus definitivo, enquanto o estudante Logan entrou no segundo semestre daquele mesmo ano, contexto único na história do Câmpus Dourados, visto que, todo ano letivo começa no primeiro semestre, no mês de fevereiro. Enquanto a peculiaridade da estudante Rosa consiste no fato de ela ser uma das pouquíssimas candidatas que ingressaram em 2017 pela cota étnico-racial, sendo esse cenário bem atípico, com apenas 6 estudantes conseguindo usufruir de tal direito, tendo em vista as mudanças do edital 030/2016, que solicitava o envio de uma foto nítida para análise de uma banca, situação já mencionada neste texto. As estudantes Claudia e Gabriela ingressaram pelo mesmo edital, e apenas as duas se declaram negras (nesta pesquisa), e essa percepção de cor/raça será evidenciada nos relatos delas no tópico que trataremos sobre questões raciais.

TABELA 5: DADOS SOCIOECONÔMICOS DOS ESTUDANTES ENTREVISTADOS

Estudante	Localização da residência	Número de pessoas do grupo familiar	Profissão pai	Profissão mãe	Escolaridade de pai	Escolaridade mãe
BERNARDO	Região periférica nas proximidades do Câmpus	7	Serralheiro	Empregada Doméstica	E.M. incompleto	Superior incompleto
CLAUDIA	Zona rural em um município próximo onde se localiza o Câmpus	5	Autônomo (trabalhador rural) *	Do Lar	E.M. completo	E.F completo
GABRIELA	Região periférica distante do Câmpus	4	Construtor	Pedagoga (desempregada)	E.F. incompleto	Superior completo

LOGAN	Região periférica próxima a parte central da cidade onde se localiza o Câmpus	4	Bombeiro Militar	Aposentada	E.M. completo	Superior incompleto
ROSA	Região periférica em um município próximo onde se localiza o Câmpus	2	Não consta	Babá	Não consta	E.M. completo
THOMAS	Aldeia na cidade onde se localiza o Câmpus	7	Trabalhador rural	Do Lar	E.F. completo	E.F. incompleto

FONTE: Elaboração própria.

Legenda: E.F. – Ensino Fundamental;
E.M. – Ensino Médio.

Os dados da tabela 5 foram extraídos do QSE e das respostas dos estudantes durante as entrevistas, a maioria dessas informações retratam a realidade dos estudantes durante o período que estavam em curso no IFMS.

Os estudantes são residentes de regiões bem diferentes, reflexo da realidade dos grupos atendidos no IFMS, instituição que recebe estudantes de toda a cidade, e de vários municípios próximos. A quantidade de membros do grupo familiar também é muito distinta, com famílias composta com duas pessoas, como é o caso da estudante Rosa que mora apenas com a mãe, e outras bem mais extensas, como no caso dos estudantes Bernardo e Thomas, ambas famílias com mais de três filhos, além de algum familiar agregado.

Como é possível observar, praticamente todos os pais, aqueles presentes no grupo familiar, possuem baixo nível de escolaridade e trabalham em ocupações predominantemente manuais, características evidenciadas por Viana (2008) como definição da camada popular. No grupo das mães, a maioria exerce atividades não remuneradas, como na situação “do lar” e/ou “desempregada”, neste último caso entende-se que ela está excluída do mercado de trabalho, enquanto as outras duas mães trabalham em subempregos, profissões consideradas com menos valor e prestígio social. Apesar da inexistência de remuneração, ou baixa remuneração

(considerando as profissões), as mães despontam no quesito escolarização, em relação aos pais, visto que a maioria tem um nível de estudo maior do que o do companheiro.

3.4 - Percurso no Ensino Fundamental

Para melhor compreensão das trajetórias escolares dos estudantes, foram formuladas perguntas norteadoras, referentes ao ensino fundamental. Assim, foram elaborados quatro questionamentos sobre esse período escolar, conforme segue:

1. Você concluiu o ensino fundamental no tempo previsto? Houve reprovações?
2. No ensino fundamental você tinha facilidade com os conteúdos, quais sim e quais não?
3. A escola era um local prazeroso, você gostava dos professores e colegas?
4. Passou por experiências ruins na escola, poderia nos relatar?

Bernardo, que atualmente tem 22 anos, sempre estudou na mesma escola, até sua entrada no IFMS, escola que está localizada na periferia de Dourados, em uma região bem próxima ao IFMS, Câmpus Dourados. Bernardo se descreve como um bom aluno; “pra mim foi tranquilo, porque eu sempre fui muito quietinho, sentava na frente, era um bom aluno, com boas notas” e lembra ainda que:

Todo mundo estudou na mesma escola na minha casa, no ensino fundamental, aí meu irmão foi um bom aluno, minha irmã que veio depois foi mais ou menos, daí minha mãe me achava um menino muito inteligente, aí ela sempre teve cobrança de responder às expectativas dela, aí quando tirava tipo um oito ou uma nota assim que era para tirar mais, ela me cobrava.

Acrescenta que tinha bastante facilidade com tudo relacionado ao ambiente escolar:

Fico até com vergonha, porque parece que quero me achar, porque era o queridinho das professoras, toda vez fechava tudo no terceiro bimestre aí chegava final do ano ia até a época que o pessoal estava fazendo recuperação, porque não queria ficar em casa, porque não tinha o que fazer. Tinha muitos amigos, sempre os mesmos, levei pra vida toda, até pro IF eram os mesmos [do fundamental].

Claudia, de 20 anos, residente na zona rural de um município vizinho de Dourados, estudou em escolas urbanas, até o quarto ano estudou em uma escola municipal e o restante em uma escola estadual, relata suas principais recordações do ensino fundamental:

O meu ensino fundamental foi bom, aprendi bastante coisa, só que passei por algumas situações, passei por essas coisas de bullying, e eu era muito tímida, não era de fazer amizade, aí teve um tempo que não foi bom, mas tirando essas coisas de passar por bullying, foi ótimo, foi ótimo, nunca reprovei e terminei no tempo certinho (...) então eu tinha dificuldade em língua portuguesa, tinha facilidade em história, matemática, ciências que eu me lembre, só português mesmo que eu era péssima.

Apesar dessas experiências negativas ela destaca que “eu sempre gostei muito de estudar, então pra mim até doente eu queria estar lá presente, queria aprender mais”. Claudia

residiu com a avó materna durante muitos anos, no perímetro urbano, já no final do ensino fundamental foi morar com a mãe e o pai em um sítio. Esclarece que a mãe sempre acompanhou de perto seus estudos, mesmo quando elas não moravam juntas.

Gabriela de 19 anos, residente em uma região periférica de Dourados, relatou que no ensino fundamental sempre estudou em escolas municipais da região que residia, onde também está localizado o IFMS, descreve: “olha é até legal, eu sempre falo que eu só estudei em escolas públicas, somente em escola municipal, e da municipal fui para federal e continuo, não tive experiência em escola estadual”. Destaca também sua experiência em uma instituição filantrópica, ressaltando a importância de ter participado de um projeto no contraturno escolar;

Também tive uma experiência da primeira a quinta série quando estudei no marista, era tipo mais educação, eu falo que a época que eu estudei lá foi uma experiência sensacional, eu indicava para todo mundo, inclusive meu irmão, e meus primos mais próximos estudaram lá também. A infraestrutura era sensacional, com computadores, uma biblioteca gigantesca, tinha aula de malabarismo, esporte, eu gostava muito porque os maristas incentivavam muito a cultura. Foi a primeira experiência que tive em uma instituição maior, com infraestrutura maior.

Quanto à questão de adaptação no ensino fundamental, ela relembra que até a quarta série “morava a uma quadra da escola, então eu sempre gostei muito de ir, e os colegas iam passando um na casa do outro, aí na minha casa chegava uma galera, eu sempre gostei muito de ir para a escola”. Ela entende que foi uma ótima aluna, que gostava muito de apreender; “no primário era 10, no fundamental também me dei bem, só no médio que foi um pouco diferente, mas nunca reprovei, nunca peguei exame”. Outro fator importante na dinâmica familiar relatado por ela foi quando a “minha mãe começou fazer faculdade eu já estava na escola e eu gostava muito de ver ela fazendo as dinâmicas, preparação das aulas, eu tinha lousa em casa pra brincar de escolinha, eu gostava muito”.

Logan, de 22 anos, estudou praticamente todo o ensino fundamental na mesma escola, sendo uma escola municipal, localizada em uma região relativamente próxima à região central da cidade de Dourados, bairro onde a família sempre residiu.

Quando eu entrei no pré, em vez de ir para a primeira série eles pularam minha turma inteira para segunda série já, aí entrei meio deficiente sabe, por não ter passado pelo primeiro ano não sabia fazer tarefas e atividades. Tipo olhando meu caderno tinha muito recado tipo ‘não fez a tarefa e tals’, porque não tinha essa maturidade para saber que não era mais brincadeira igual no prézinho, sabe!? tipo não tinha maturidade que ali era para estudar e tals, e é tanto que eu brincava muito, era muito hiperativo e as professoras me odiavam e as coordenadoras também.

Relata que gostava bastante da escola, mas que teve bastante dificuldade em matemática, e alguns problemas de saúde também dificultaram sua vida acadêmica:

No fundamental eu reprovei na oitava série, matemática, eu sempre fiquei de exame em matemática, do quarto ano até o último ano que eu fiquei no fundamental, né!?

Sempre tive muita dificuldade, muita, só na matemática. Então, eu tinha um problema que foi esclarecido muito tempo depois, que eu nunca copiava as coisas completa no meu caderno, era sempre faltando um trecho até que eu fiz uma bateria de exames e eu fui constatado que eu tinha miopia e astigmatismo. Aí eu passei a usar os óculos, resolveu isso, sabe!? Aí minhas notas melhoraram e tals, foi com onze anos, foi na sexta sétima série por aí.

Relembra que sofreu bullying por sua aparência física, situação que desencadeou a decisão de realizar um procedimento cirúrgico;

Eu tinha bastante amigos na escola, eu gostava, e apesar de sofrer muito bullying, né!? Eu sofri tanto ali no fundamental que eu fiz cirurgia plástica por causa disso. (...) a minha orelha era um pouquinho aberta só, aí começaram a implicar com a minha orelha, fazia muito bullying comigo. Acho que foi na sexta, sétima série, aí eu fiz a cirurgia pra tentar acabar com isso, sabe!?.

Rosa lembra que o ensino fundamental “foi suave, eu passava sempre no terceiro semestre”, destaca que tinha maior facilidade na área de humanas, e que nas áreas de exatas e ciências biológicas sentia um pouco de dificuldade, e que “gostava de alguns professores, não tinha muito amigos, porque morava na fazenda, e era seletiva com amigos, ainda sou com questão de amigos”. Explica que estudava na região urbana, mas, residiu por um tempo na área rural desse mesmo município “até o sétimo por aí, eu morei em fazenda, depois que fui morar na cidade”, relata que “sempre amei ir para a escola porque era a única coisa que tinha para ir, já que eu passei boa parte do tempo na fazenda”. Lembra ainda de uma premiação que foi muito importante para ela, marcando sua trajetória;

No quinto ano, assim, eu ganhei um prêmio de melhor aluna do governo. Ganhei um tablet, eu morava na fazenda, então minha vida era estudar e eu adorava estudar e aí eu passava no terceiro semestre, na maioria do tempo né!? tipo a maioria das vezes eu conseguia passar no terceiro semestre, que aí eu já me livrava logo. E aí eu ganhei um tablet do governo como melhor aluna, uma das coisas mais marcantes assim, porque eu consegui ganhar tipo de uma menina que ganhava todo ano. Todo ano ela ganhava o tablet de melhor aluna, ela era branca, loira, olho azul, padãozinho, e eu consegui assim, morava na fazenda, pobre, né!? E aí tipo foi bem marcante eu ter conseguido, e aí saiu um pouquinho dessa coisa do padãozinho, né!? E toda a escola ficou chocada, todo mundo veio me parabenizar e tal, nossa finalmente alguém além dela ganhou.

Rememora também que era preciso se deslocar até a cidade, de van, para conseguir estudar, e sua mãe trabalhava de empregada doméstica para conseguir pagar pelo transporte, e ela entende que a figura da mãe foi indispensável para sua vida escolar.

A trajetória de Thomas, estudante indígena aldeado, também foi marcada pelo bom desempenho, o estudante cursou todo o ensino fundamental em escolas municipais da aldeia que reside.

Sempre estudei nas escolas da aldeia, eram escolas municipais, e reprovei um ano só, que eu lembro. Cara, eu tinha bastante facilidade, mas tipo assim, eu sabia fazer na

hora, só que depois tipo assim, não era estudo muito aprofundado, sabe? Passava um tempo eu esquecia. Tanto que algumas coisas básicas que eu lembro que quando era criança eu sabia fazer de boa, quando eu entrei no IF tinha que fazer aquelas coisa básica, eu não lembrava mais, entendeu tinha umas coisas que eu sofri bastante aí.

Pontua que se destacava na escola como um ótimo aluno;

Eles queriam ter me passado de ano, que eles me consideravam autodidata que eu conseguia fazer as coisas, sabe!? Eu sempre era muito hiperativo, tipo assim, eu terminava as coisas muito rápido, fazia as coisas muito rápido, entendeu!? só que tipo assim, eu era muito bom nas matérias que eu gostava, né!? Que eu não gostava muito, tipo assim, eu meio que dava uma relaxada assim, só que era criança, né!? Criança é assim mesmo.

Refletindo sobre a qualidade do ensino que teve acesso, Thomas relata que;

Cara, as áreas de humanas acho que todas era fácil, até geografia me identificava bastante. Tanto que se você for ver no meu boletim, tinha português que eu errei muito aí, que eu sofri bastante com a professora Karina [do IF], era que eu não sabia muito, tipo umas coisas, tipo assim, básica mesmo, sabe!? Porque eu falei que eu aprendia, só que tipo assim, não tinha aquele estudo aprofundado, sabe!? Porque aqui na aldeia não sei se vocês já conhecem o método de estudo daqui, tipo ensina assim, eles tem lá os cronograma deles, né!? Eles tem que só pegar e passar aquele lá, ensinar só, tipo eles ensina de um jeito meio que abreviado, sabe!? E não se aprofunda muito assim.

Para ele o estudo no fundamental não foi satisfatório, e no IFMS sofreu muito porque o que foi aprendido não era o suficiente para acompanhar sua turma:

Porque no IF, se você pensar bem, tipo assim a equação de primeiro grau, aí pra mim era só uma conta, né!? eu usava aquela conta só que eu fui ver que essa função de equação primeiro grau servia pra resolver outras contas, né!? No caso outras questões também, entendeu!? Isso que não teve, tipo um desenvolvimento muito sabe!? Depois tipo assim, quando eu entrei no IF eu vi que tipo assim que aquelas coisas que eu tinha aprendido há muito tempo, sabe!? se encaixavam em outras matérias, eu vi que eu tinha que aprender, esse aprofundamento, né!? na matéria, porque daí, tipo assim, eu me senti meio com desvantagem, sabe!?

É possível observar, até com certa facilidade, alguns marcadores em comum entre a maioria dos estudantes entrevistados, como o bom desempenho escolar no ensino fundamental, e um certo comprometimento com os estudos e apoio das famílias na formação escolar dos filhos. Conforme notado, eles concluíram o ensino fundamental com êxito, visto que a maioria não teve reprovações e se destacaram como bons alunos, desta forma, entende-se que esses estudantes obtiveram durante o ensino fundamental o sucesso escolar. Perrenoud define que sucesso escolar “está associado ao desempenho/êxito dos alunos, aqueles que progridem nos estudos, satisfazendo as normas de excelência escolar” (PERRENOUD, 2003 apud VIANA, 2021, p. 17).

Viana (2021) aponta que a excelência escolar é formada da junção de diversos fatores, como aprendizagens, comportamentos e disposições, e que a excelência escolar não está absolutamente na intelectualidade,

A excelência escolar é constituída de uma mistura específica de diversos elementos em cada situação – aprendizagens, comportamentos e disposições –, sendo possível a sua existência em múltiplas formas. A excelência escolar não repousa necessariamente sobre aprendizagens intelectualmente exigentes, como pode parecer à primeira vista, mas também “sobre aprendizagens metódicas, escolares”, com o que isso implica de “conformismo, perseverança e de resistência ao tédio”, assim como sobre competências estratégicas que são acionadas nas situações de aprendizagem e de avaliação (PERRENOUD, 1999, p. 45-49).

A autora ainda traz importantes reflexões das pesquisas de Lahire (1997), descrevendo que o aluno bom pode ser aquele que “obtem boas notas (dimensão cognitiva do desempenho), quanto o aluno dócil, interessado, disciplinado; ou, ainda, o aluno que apresenta todos esses indicadores ao mesmo tempo” (VIANA, 2021, p. 18). Temos como exemplo o estudante Bernardo, que apresentou esse conjunto de indicadores, quando relata que passava no terceiro semestre e que era o “queridinho” entre os docentes, enquanto Logan não era considerado um aluno dócil no início do ensino fundamental, reflexão possível de se fazer quando o estudante descreve que “era odiado pelas professoras”.

O estudante Thomas apesar de ter realizado o ensino fundamental com bastante êxito, visto que, era considerado um excelente estudante pelos professores, conseguindo alcançar as normas preestabelecidas nas escolas da aldeia, percebe, no ensino médio, que tudo que aprendeu no fundamental não foi suficiente o bastante para que ele pudesse acompanhar seus colegas, o que culminou em sua transferência após alguns semestres de tentativa frustrada (situação que será detalhada no próximo capítulo).

Uma possível resposta para essa dicotomia de experiências escolares tão distintas vivenciada por Thomas, pode ser pensada como a não obtenção de uma competência geral, e essa competência, segundo Perrenoud, pode ser entendida como o “domínio da língua, do pensamento lógico-matemático, da estrutura matemática (do conceito de subtração, por exemplo), do espaço, da expressão gráfica, para além de saberes e saber fazer particulares” (PERRENOUD, 2008, apud VIANA, 2021, p. 19).

A realização de tarefas rotineiras, estereotipadas, mesmo num contexto de avaliação formal, não mostra, necessariamente, que os estudantes tenham adquirido essa competência geral, que pressupõe, sobretudo, condições de generalização e transferência de aprendizagem para situações novas (VIANA, 2021, p. 19 - 20).

Em alguns relatos é possível perceber a presença das famílias, de forma mais direta, como um importante apoio na vida escolar dos estudantes, as falas de Rosa e Gabriela são mais instigantes ao observar que tal apoio direto ou indireto foram muito marcantes na trajetória das estudantes, para Rosa que destaca a importância da mãe incentivando sempre e dando suporte financeiro (no caso do transporte) e de Gabriela que, graças ao processo de formação da mãe em pedagogia, podia acompanhar a preparação das aulas, e tinha acesso a material como

quadro para “brincar” de estudar. A presença efetiva na vida escolar das crianças tende a gerar resultados positivos nas competências requeridas na escola, mesmo que esse apoio não esteja na formulação dos conteúdos trazidos da escola.

Sem dúvida, uma configuração familiar relativamente estável, que permita à criança relações sociais frequentes e duráveis com os pais, é uma condição necessária à produção de uma relação com o mundo adequada ao “êxito” no curso primário. Através de uma presença constante, um apoio moral ou afetivo estável a todo instante, a família pode acompanhar a escolaridade da criança de alguma forma (por exemplo, através de um autoritarismo meticuloso ou uma confiança benevolente). Neste caso, a intervenção positiva das famílias, do ponto de vista das práticas escolares, não está voltada essencialmente ao domínio escolar, mas a domínios periféricos (Lahire, 1997, p.26).

3.5 - Questões raciais no contexto escolar

A formação cultural do Brasil se caracteriza pela fusão de etnias e culturas, pela contínua ocupação de diferentes regiões geográficas, pela diversidade de fisionomias e paisagens e também pela multiplicidade de visões sobre a miscigenação em sentido amplo, algumas ainda presas à desinformação e ao preconceito. Esse caldo de cultura muitas vezes gera atritos e conflitos em casa, na rua, no trabalho e na escola (SOUZA, 1999, p.7).

Neste tópico, foram formuladas perguntas relacionadas à discriminação, ao racismo, debates acadêmicos e cotas raciais no contexto da educação básica, para tentar compreender como foram as vivências dos estudantes com relação a essas situações, tanto no ensino fundamental, quanto no ensino médio profissional. Para isso, foram elaboradas seis questões, conforme segue:

1. Sofreu alguma situação de racismo e discriminação na escola?
2. Durante o ensino fundamental foi discutido a existência do racismo e discriminação no Brasil?
3. Por que você decidiu ingressar no IFMS através do sistema de cotas?
4. No IFMS, existem disciplinas que tratam das desigualdades raciais e do sistema cotas?
5. Vivenciou alguma situação de racismo e discriminação no IFMS?
6. Você acredita que é importante o sistema de cotas para o ingresso no IFMS?

Bernardo que ingressou pela cota L4, se considera pardo, e descreve que algumas pessoas o consideram branco, “me considero pardo, mas aí tem o povo que fala que eu sou branco, mas, eu me considero pardo, não tenho propriedade de falar, mas eu tenho traço e tem uma parte da família que é negra retinta. Meu irmão é bem pardo mesmo, bem moreno”.

Destaca que nunca sofreu nenhum tipo de racismo ou discriminação, cabe pontuar que seu tom de pele é claro. Na escola, durante seu ensino fundamental relembra que o tema

racismo era debatido apenas no mês de novembro, não se recorda de professores debaterem o assunto durante o ano letivo “normalmente sempre é no mês de novembro, né!? Que tinha. Ai sempre tinha um evento, nunca tinha um professor a parte que falava”.

Em relação à sua entrada pelas cotas, ele tem certeza que estava utilizando das cotas como estudante de escola pública, mas, como cotista autodeclarado pardo não tinha certeza se estava ciente, “cotas de escola pública certeza, aí por racial eu não tenho certeza, mas eu sempre me considere pardo, até tipo na universidade eu coloquei pardo também em todos”.

No IFMS ele relata que “tinha bastante discussão sobre esse tema”, destacou as disciplinas de sociologia, filosofia, história e literatura que, segundo ele sempre faziam algum tipo de conexão com o tema;

Tinha essas discussões, tinha bastante, a professora Carmem, o professor Cleiton, professor Bruno, quando dava e colocava, a professora Karina sempre falou tipo na literatura sempre tinha um ponto e dava pra perceber ela falava assim esse termo está relacionado a isso. Sempre foi algo tipo que estava ligando. Não era igual no ensino fundamental que era só o mês da consciência negra. Dá pra dizer que foi quase que cotidiano na escola.

Enfatiza que, a partir dessas reflexões que ele começou a compreender seu papel como cidadão;

e tipo assim, uma coisa que abriu minha cabeça foi tipo esse negócio tipo assim, de começar expressar a minha opinião como pessoa perante a sociedade, não só matéria, matéria, matéria, mas tipo cidadão além de ser estudante. Desde que entrei no IF isso abriu minha cabeça, comecei a pensar como pessoa, tipo isso.

Declara que não sofreu racismo no IFMS ou discriminação, lembrando que o estudante não apresenta características fenotípicas de uma pessoa negra. Bernardo entende que as cotas são importantes como forma de nivelar as oportunidades;

eu acho que é um modo de nivelar as coisas, né!? Porque nem todas as pessoas tem a mesma oportunidade de ter um ensino bom. Pessoas com o poder aquisitivo maior mesmo e com uma oportunidade de ensino melhor do que muitos que prestam, né? O processo seletivo é meio desleal, não sei se essa é a palavra, mas é meio injusto, né!? Porque a pessoa sempre tem que estar se preparando melhor, aí quando coloca pra competir e fica meio injusto.

Cláudia se declara estudante preta, ingressante pela cota C6, enfatizou que não tem um bom repertório sobre o assunto, que não é algo que ela tenha muito conhecimento, mas, entende que no ensino fundamental sofreu por ter características físicas da sua raça;

por causa do meu cabelo sofri bullying, né! que eu me lembre só por conta do cabelo. E tinha sempre um grupinho, né!? Que tira sarro, e aí como eu não era muito boa em fazer amizade, né!? Eu sempre ficava isolada nos cantos, e era tipo de eu ir apresentar e o povo jogar papel, essas coisas, foi bem ruim essa parte, mas graças a Deus eu estou assim, eu acho que eu evolui bastante e agora eu aceito o meu cabelo do jeito que é.

Claudia tenta lembrar se no ensino fundamental teve contato com o tema racial, mas pouco se recorda; “olha no ensino fundamental eu não lembro da gente ter estudado sobre, assim, no máximo a gente viu na matéria de artes, alguma coisa, mas eu não lembro nem o que foi ao certo”. Já no IFMS sua experiência foi um pouco diferente; “nas aulas de português tinha trabalhos e debates sobre questões raciais, apresentamos livros que tinham relação, foi a única matéria que houve debates”, e ressalta que essa professora é uma mulher negra. Finalizou dizendo que não sofreu nenhum tipo de racismo ou discriminação no IFMS e que considera as cotas importantes; “é eu acho que é importante sim ter ainda [cotas] no IF”.

Gabriela estudante negra, ingressou pela cota C2, e lembra de ouvir piadinhas sobre seu cabelo, e sua cor de pele;

Então no fundamental eu tenho assim, lembrança de piadinha, de brincadeira em relação ao cabelo, em relação a cor, mas, eu brinco, né? Que tipo, é no caso eu sempre tive o meu irmão na maioria das escolas que eu passei, né? Eu sempre entrava na escola porque ele estava lá, né? Eu tinha meu irmão, então tipo ele brigava e aí sabe era mais fácil, mais só no fundamental que eu acredito que eu tenha lembrança assim, né? E de principalmente piada com o cabelo.

Gabriela recorda que como forma de aceitação dos colegas de escola em relação ao seu cabelo, ela recorreu ao alisamento capilar;

Cara me lembro que eu ouvia assim, piadas sobre o meu cabelo e etc. A minha mãe tinha um salão na época né, de cabeleireiro, e eu cheguei nela e falei tipo assim, aí mãe eu não quero mais ter esse cabelo, porque estão me incomodando estão falando coisas, não gostam, o pessoal da minha escola não gosta do meu cabelo então eu não quero mais, e aí eu acho que a minha mãe ficou tipo assim, meio em choque, ela não sabia muito o que falar e aí ela tipo atendeu o meu pedido, sabe? Mas não cheguei a conversar também nem com os meus pais em relação a isso, sabe? Foi tipo uma coisa meio vai indo, e eu alisei o cabelo. Minha família lembra, assim, que desde que eu era pequena que eu já usava, vivi de chapinha.

Lembra que no bairro em que ela cresceu tinham muitas crianças pretas, mas nenhuma tinha o cabelo como o dela;

maioria das crianças realmente eram negras, mas eu não conheci na minha época do primário, ali eu não conheci nenhuma criança que tinha o cabelo tecnicamente igual o meu. Todas as crianças tinham o cabelo liso, alisado ou preso ou cortado, mas nenhuma tinha o cabelo igual o meu. Então eu falo nessa relação assim de ver realmente uma pessoa e falar nossa o meu cabelo pode ser assim, sabe. De alguém pra eu usar como exemplo.

Relata que quando entrou no IFMS começou a transição capilar e foi lá que descobriu como de fato era seu cabelo natural;

eu comecei a transição capilar quando eu entrei no IF, no caso no ensino médio né, foi assim uma experiência completamente nova, completamente diferente pra mim. Porque eu não fazia ideia de como era o meu cabelo, não fazia nenhuma. Nem de foto, de quando eu era criança, de quando eu era pequena também não tenho nada, nada de foto. Então foi ali que eu comecei a transição, e falei vou descobrir agora como é que é o cabelo, entendeu? Cara eu falo assim pra mim quando eu entrei no IF

eu me senti muito, não sei se representada seria a palavra certa, mas assim eu me senti de uma forma acolhida, sabe? Eu tive uma experiência muito maior lá, de ver pessoas que eram como eu, sabe! Então acho que uma coisa casou com a outra ali. Eu via as meninas que tinham o cabelo black, né? Afro tipo maior, assim. Eu pensava tipo, será que o meu é assim, né? Tipo, eu não sabia, como eu disse, realmente eu não fazia ideia de como é que era o meu, aí falei eu acho que eu vou tentar, né? (...) eu acredito que ali tenha sido um ponto assim de apoio.

Destaca a importância de uma prima que já estudava no IFMS que apoiou ela no processo de decisão para a transição “ela comprou turbante, umas coisas assim pra gente usar, pra gente testar”.

Lembra ainda que, durante o ensino fundamental não teve debates ou reflexões sobre as questões relacionadas ao tema racial; “não teve nada, nem semana da consciência negra, não tive nada não”. Talvez por essa razão quando entrou no IFMS não conhecia muito bem as questões relacionadas às cotas, acredita que a inscrição pelas cotas foi por intuição, mas esclarece que sabia que estava usufruindo de um direito;

Não era uma coisa que eu não tive muito acesso a essas informações, assim de nunca, acho que eu nunca tinha, não sei, conversado com alguém sobre isso, né? Sobre o sistema de cotas, sobre essa parte de conscientização racial e tudo mais. Então eu acho que foi mais uma coisa ali intuitiva, mas, quando eu fui me inscrever eu tinha pedido ajuda né, pra poder fazer e aí me perguntaram, falaram olha você tem a opção de entrar sem a cota, né? E eu falei não, eu vou entrar e é o meu direito né, tipo porque assim eu não conhecia completamente não tinha propriedade pra falar, mas, eu optei por algo que realmente era um direito meu.

Ressalta que no IFMS tinha sempre a semana da consciência negra, e esse tema também foi debatido em algumas disciplinas;

no IF eu tive bastante essa experiência, ali né? Esse conhecimento, tinha sempre a relação do dia da conscientização, sempre teve evento, sempre teve apresentação e tudo mais. E acho que das matérias assim mesmo, a princípio nas matérias de língua portuguesa e literatura brasileira, a gente sempre falou muito sobre isso, sempre conversou muito em relação a cota e tudo isso, acho que teve bastante conhecimento, assim a gente teve bastante oportunidade de conhecer, sabe?

Lembra que nunca passou por nenhum tipo de discriminação, racismo ou algo parecido, e que se sentiu tranquila e segura em passar pelo processo de transição capilar estando no IFMS. Gabriela termina dizendo que entende que as cotas são extremamente importantes:

eu acredito que seja extremamente importante, indispensável! eu tive essa experiência de ter no IF pessoas que se pareciam comigo e isso me fez muito bem, sabe? Isso me ajudou muito no meu crescimento, no meu crescimento pessoal, né? E até na minha jornada acadêmica, dentro da instituição, me ajudou muito ter pessoas realmente que se pareciam comigo. E mesmo tendo muitas pessoas, a diferença ainda era muito grande, sabe, não sei como que tá o IF hoje, né? Mas, ainda era muito grande, eu acho que na minha sala, de tipo, quarenta alunos eu acho que não chegava a dez sendo negros. Então, mesmo me sentindo representada por ter pessoas, ainda era uma minoria, sabe? Então, acho que essa questão deveria ficar mais equilibrada, acho que facilitaria muito nas relações dentro da instituição, né? No crescimento pessoal também eu acho que ajudaria muito. E eu acho que assim, eu vejo realmente como

como um direito, sabe? Como uma coisa que está ali, que eu tenho a opção de querer ou não, mas, pelo menos na minha percepção eu acredito que eu sempre vou querer porque eu acredito mesmo que seja um direito meu. Tanto que algumas pessoas falam que é privilégio né, e eu acho que assim se for seguir esse caminho de privilégio todo mundo tem privilégio de alguma coisa, entendeu? Tenha sido o privilégio de estudar a vida inteira uma escola particular, quer comparar, não dá pra comparar, entendeu? Então se quer levar pro lado do privilégio, beleza é privilégio então está, ótimo sabe? Então assim eu prefiro não discutir, tento dar a minha opinião, escutar. Mas, eu realmente na minha percepção assim, na minha experiência acadêmica eu acho que é indispensável, e eu ainda acho que deveria ser muito mais, alguma coisa muito, muito mais forte, sabe? Muito mais falado, muito mais questionado, acho que deveria realmente ficar num equilíbrio, e sair dessa ideia de minoria, que eu acho que ainda é uma minoria muito grande. Eu acho que na minha sala atualmente da universidade tem trinta alunos, eu acho que tem eu e uma outra garota de São Paulo aqui, que somos pretas.

Logan ingressou pela cota L4 (assim como Bernardo), atualmente se declara como pessoa branca, e esclarece que entrou no IFMS como autodeclarado pardo porque se entendia como uma pessoa parda, visto que seus pais sempre disseram que ele era pardo, destaca também que na sua certidão de nascimento sua cor/raça é pardo. Como é uma pessoa de pele clara e sem traços evidentes de descendência negra, ele destaca que nunca vivenciou situações de racismo, mas lembra que viu “colegas vivenciando racismo, ouvi apelidos racistas, mas lembro bem vagamente”. Sofreu muito com ataques e bullying relacionados ao seu comportamento e características do seu corpo, mas, nada relacionado à questão racial. Na escola (no ensino fundamental) lembra de ter coisas didáticas sobre racismo, que traziam conteúdos sobre o tema, tinham questões que caíram em prova, mas, não lembrava de grandes debates. Já no IFMS ele destaca várias disciplinas que abordaram o tema, ele cita; administração, português, filosofia, sociologia, história e geografia, “quase todas foram debatidas a questão de racismo, era uma pauta bem alta, era um assunto sempre debatido”.

No IFMS viveu discriminação relacionada a homofobia, nos primeiros semestres, “conversei com os professores, coordenação e psicóloga, eles não tinham muito o que fazer, mas a situação só melhorou quando o aluno que me perseguia mudou e melhorou, e até viramos amigos”. Por fim, ele entende que as cotas são muito importantes, “porque pode inserir alunos diversos lá dentro, de classes diferentes, porque na minha turma só tem gente branca, por exemplo”, reflexão que Logan fez pensando no curso superior em que ele está matriculado, que é na área de saúde, sendo um curso integral de uma universidade particular. Observa-se que, apesar de se considerar uma pessoa branca (atualmente), ele não se colocou como parte desse grupo, da “gente branca”, indicando que talvez o estudante ainda não consiga fazer uma clara leitura da sua identidade étnico-racial.

Cabe lembrar que a maioria dos estudantes ao se inscreverem no processo de seleção do IFMS, tem no máximo 15 anos de idade, assim, entendendo que nesse período do desenvolvimento humano estamos vivenciando mais profundamente um processo de autoconhecimento e reconhecimento psicossocial, e que a adolescência “está caracterizada por um período de vulnerabilidade física, psicológica e social, com complexas mudanças no processo de desenvolvimento do ser humano” (DAVIM, et al. 2009, p.132). Não é de causar estranheza que o estudante Logan não tenha conseguido fazer uma leitura mais clara e coerente de sua cor/raça naquele momento, e por isso, entendia que seus pais teriam mais propriedade sobre o assunto.

Rosa ingressante pela cota L2, foi a única estudante entre os entrevistados que precisou “comprovar esta condição por meio de uma foto nítida, recente e datada” (IFMS, 2016), os demais editais aqui pesquisados não exigiam quaisquer tipos de comprovação dos autodeclarados. Rosa destaca que ainda tem dúvida quando a sua identificação racial, ainda não sabe se é uma pessoa parda ou negra, mas, para efeitos desta pesquisa, podemos considerá-la parda.

Ela não se lembra de ter vivido racismo no fundamental “era muito *tiquinha* para entender”, mas, relata que sofria bullying na escola “por gostar de jogar bola e não performar estereótipos da feminilidade”. Recorda que no mês da consciência negra sempre tinha eventos, e uma atividade ficou muito presente em sua memória;

Tipo uma coisa que foi bem marcante, não sei se eu estava no sétimo ou oitavo, mas, teve um desfile de pessoas negras na escola. Aí foi a coordenadora que era negra, professora, alunos, aí eles usaram uma roupa bem bonita e desfilaram no dia da consciência negra. Isso foi muito positivo, porque tipo estava mostrando uma coisa positiva de que pessoas poderiam desfilar e se orgulhar do quem elas são.

Para sua entrada no IFMS, Rosa explica que ela e sua mãe fizeram juntas a inscrição e “e a gente foi e pensou se tem a cota vamos usar né? Porque é uma forma de ter uma vantagem sobre pessoas que já tem mais condição de ter estudado do que eu. Aí ela falou então vamos por a cota aqui, porque você tem mais chance de passar. Eu falei então bota mãe”.

Durante o curso no Instituto ela relata que alguns professores abordavam com bastante frequência o tema relacionado ao racismo; “o de educação física, o Jack falava bastante, era bem interessante, foi um dos que mais abordou o tema, tinha também a Karina, ela colocava rap pra gente na aula, pra estudar junto, então era bem interessante. E a professora Elizete abordava bastante também”.

Ela lembra que:

não, no IF não, nunca aconteceu de ver nenhum racismo da minha parte, mas alguns colegas eu sei que sim, que tinha preconceito, que era humilde, né? E tals, mas, comigo assim não, eu também nunca deixei me abalar por qualquer coisa se alguém fala alguma coisa já arrebatava e tals, mas, de outro tipo, racial não.

Sobre a Lei de cotas destaca que:

é de extrema importância, inclusive está vencendo essa lei aí e me deixa bem preocupada. Porque vai continuar sendo mais elitista do que já é, se não tiver as cotas, ela dá oportunidade pra quem realmente precisa desse ensino e não pra quem tipo tem condição de pagar um ensino bom.

Rosa também ingressou como cotista parda na universidade pública que está matriculada, em um curso integral na faculdade de ciências humanas.

Thomas ingressou pela cota L4, o estudante entrou no mesmo edital e cota de ingresso dos colegas Bernardo e Logan. Lembrando que o estudante é indígena e cursou todo o ensino fundamental dentro da própria aldeia; ele entende que não vivenciou racismo ou discriminação nesse período, “racismo aqui na aldeia, bom, pelo menos eu nunca passei, né?”. Vale destacar que a comunidade escolar era composta por estudantes pertencentes à comunidade indígena de Dourados, das aldeias Jaguapiru e Bororó.

Quanto aos debates sobre questões raciais no ensino fundamental, Thomas declara:

eu lembro que principalmente minha professora de português, ela passava bastante, tipo assim, trechos de música pra nós, principalmente da Legião Urbana sabe, daquele acho que é pais e filhos, sabe? Ela estudava muito com nós sobre isso, sabe? Tipo era uma aula que eu me sentia muito bem. Porque eu consegui meio que entender, sabe? O que que ele estava querendo passar, através da música e que foi uma coisa que eu me identifiquei, sabe? Porque tipo assim eu conversava com meus colegas assim cada um tinha um ponto de vista sabe? E eu também tinha meu ponto de vista tipo cada um chegava de uma forma entendeu, eu achava muito legal isso da questão racial, étnica aí. A professora sempre falava pra nós, né? Que tipo assim, só pelo fato da gente ser indígena, ia ser muito difícil, né? Mas, era pra gente prosseguir, que não era pra gente nunca desistir, né.

Sobre a cota para entrada no IFMS, Thomas diz que o pai foi quem fez sua inscrição, “ele falou que ia me inscrever, eu acho que ele me inscreveu pela cota sim, né? Porque tipo, naquela época, tipo, ele sempre falava, né? Tipo assim, de ser indígena tem que ser inscrito pela cota”. Completa lembrando que “eu mesmo fiz a ESA⁹, eu não me inscrevi pela cota, sabe!? Queria passar por mérito mesmo”.

Quanto ao IFMS ele relembra que sempre tiveram discussões e debates sobre questões raciais, principalmente em sociologia e português, “tinha bastante, tipo assim, por exemplo, a sociologia, falava bastante, e em português, né? Professora Karina sempre debateu bastante

⁹ Escola de Sargentos das Armas – ESA. Escola Sargento Max Wolf Filho, é uma instituição de ensino superior (Nível Tecnólogo) do Exército Brasileiro.

também, acho que era mais essas matérias mesmo”. Destaca ainda que não sofreu racismo ou discriminação no IFMS, “racismo? Nada. Vinculado a isso nem sentia nenhum tipo de exclusão por ser indígena”. Finaliza com importantes reflexões sobre os desafios dos ingressantes por cotas, que para ele deveria haver um trabalho no IFMS de preparo desses estudantes:

Eu acho que vocês têm que ter o trabalho de reciclagem, tipo com os alunos antes de tudo, eu acho que os alunos que entrar por cota, vocês têm que pegar eles e tipo fazer um curso preparatório, tipo assim, mostrando o básico do básico, sabe? Porque os alunos que entra por cotas, a maioria deles estudam em escola sabe precária mesmo. Vai pegar, eles vão entrar numa sala, vai se deparar com tipo colegas que tão tipo dez, trinta vezes na frente dele, entendeu? Eu acho que vocês têm que ter um trabalho de reciclagem, porque nas escolas municipais tem sim alunos inteligentes e eu era uma prova disso. Aqui na minha escola eu conseguia tirar dez, entendeu? Mas tipo, quando eu entrei, pra mim foi outra realidade, entendeu? Eu acho que vocês tinham que ter um trabalho mais intensivo com esses alunos de como no primeiro ano né? De se pega tem aula só de manhã, né pega os alunos, pega esses alunos e estuda tarde com eles, pede pra eles ficar de tarde, ensina as coisas básica pra ele das matérias, entendeu? É uma coisa que vai ajudar eles. Entendeu?

Percebe-se que a maioria dos entrevistados não tiveram disciplinas ou grandes debates que discutiram temas relacionados às questões raciais, no contexto do ensino fundamental, mesmo sendo oriundos de diferentes realidades escolares, e até mesmo em regiões mais periféricas e com uma maior concentração de pessoas negras, como foi notado na descrição da estudante Gabriela.

Neste sentido a autora Lopes (2005, p. 186) observa que “um olhar atento sobre a realidade do povo brasileiro mostra uma sociedade multirracial e pluriétnica que faz de conta que o racismo, o preconceito e a discriminação não existem”. Gomes (2005), complementa que em nosso país “o racismo ainda é insistentemente negado no discurso do brasileiro, mas se mantém presente nos sistemas de valores que regem o comportamento da nossa sociedade, expressando-se através das mais diversas práticas sociais” (GOMES, 2005, p.148).

Notou-se que apenas as duas estudantes autodeclaradas pretas, que tem a pele mais retinta e o cabelo crespo sofreram racismo, assim conclui-se que quanto mais características fenotípicas de descendência africana, maiores as chances das crianças e/ou adolescentes vivenciarem discriminação racial. Não foi percebido que elas tiveram apoio ou orientação do corpo escolar sobre essas questões, nota-se que ao contrário, às escolas do ensino fundamental se ausentaram deste combate.

Os negros, ao longo da história do Brasil, têm sido, juntamente com os índios, os mais discriminados. Essa questão deve ser abordada na escola, incluída objetivamente no currículo, de tal forma que o aluno possa identificar os casos, combatê-los, buscar resolvê-los, fazendo com que todos sejam cidadãos em igualdade de condições, a despeito das diferenças e especificidades que possam existir (LOPES, 2005, p. 187).

Mesmo com a Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabeleceu a inclusão no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", fica notório que esses alunos não tiveram acesso ao tema em sua grade curricular no ensino fundamental. Por isso, a reflexão de Gomes (2005) retrata uma infeliz realidade,

Ainda encontramos muitos(as) educadores(as) que pensam que discutir sobre relações raciais não é tarefa da educação. É um dever dos militantes políticos, dos sociólogos e antropólogos. Tal argumento demonstra uma total incompreensão sobre a formação histórica e cultural da sociedade brasileira. E, ainda mais, essa afirmação traz de maneira implícita a ideia de que não é da competência da escola discutir sobre temáticas que fazem parte do nosso complexo processo de formação humana. Demonstra, também, a crença de que a função da escola está reduzida à transmissão dos conteúdos historicamente acumulados, como se estes pudessem ser trabalhados de maneira desvinculada da realidade social brasileira (p. 146).

Já os relatos das experiências vivenciadas no IFMS sobre questão racial foram em grande medida bem positivas, notou-se que um número expressivo de docentes buscou trabalhar o tema em suas aulas, nesta direção temos o Projeto Pedagógico do Curso (PPC) do curso que traz no item 6.4:

AÇÕES INCLUSIVAS: Nos Cursos de Educação Profissional ofertados pelo IFMS estão previstos mecanismos que visam à inclusão de estudantes portadores de necessidades especiais, conforme o Decreto nº 3.298/99 e a expansão do atendimento a negros e índios. Para isso, conta com o Núcleo de Apoio a Pessoas com Necessidades Específicas (NAPNE), o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI) [...]. Com o objetivo de promover ações de valorização das identidades negra e indígenas, impulsionando a cultura da educação para a convivência e aceitação da diversidade, o NEABI atua no sentido de estimular o desenvolvimento de ações educativas que divulguem a influência e a importância da cultura negra e indígena na formação do povo brasileiro e suas repercussões no âmbito do país, do estado, da região e do município. Em parceria com a equipe pedagógica e coordenação de cursos, ocupa-se, ainda, em promover a realização de atividades de extensão, como cursos, seminários, palestras, conferências, painéis, simpósios, oficinas e exposições de trabalhos, com participação da comunidade interna e externa, referentes às temáticas ligadas às diversidades étnico-racial, cultural e social (ou múltiplas diversidades) (IFMS, 2019, p. 60-61).

Observou-se no mesmo documento institucional, que na ementa das unidades curriculares de arte, história e português, existe a previsão de estudos sobre história e cultura afro-brasileira, povos africanos, descolonização da África, literatura africana, entre outros. Para Lopes (2005), a escola deve ser agente de transformação, assim, entende-se que o IFMS esteja caminhando neste sentido.

A escola, como parte integrante dessa sociedade que se sabe preconceituosa e discriminadora, mas que reconhece que é hora de mudar, está comprometida com essa necessidade de mudança e precisa ser um espaço de aprendizagem onde as transformações devem começar a ocorrer de modo planejado e realizado coletivamente por todos os envolvidos, de modo consciente (LOPES, 2005, p. 189).

4.DAS VIVÊNCIAS NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: TRAJETÓRIA ACADÊMICA NO CÂMPUS DOURADOS

4.1 – O ingresso no IFMS

Os estudantes e/ou suas famílias que desejam tentar ingresso no IFMS passam por um longo processo de seleção, que geralmente inicia em meados de agosto e setembro com a inscrição online, e o pagamento ou isenção de uma taxa de R\$ 20,00, posteriormente passam pela prova escrita objetiva em outubro ou novembro, e acompanham as chamadas a partir de janeiro, etapas descritas a grosso modo¹⁰. Por isso, a entrada no IFMS requer atenção às datas previstas em edital, organização do tempo e processos, e certo conhecimento e habilidade em decodificar o edital, que é documento bastante extenso.

Para compreender melhor a decisão dos estudantes e/ou de seus familiares por optarem pela tentativa de ingressar no IFMS, foram elaboradas as seguintes perguntas norteadoras:

1. Qual o ano de seu ingresso no IFMS?
2. Por que você quis ingressar no IFMS?
3. Como foi sua experiência com o processo de seleção, a prova foi fácil ou difícil, o processo de matrícula foi tranquilo ou achou muito complicado?

Bernardo, ingressante da primeira turma em 2016, conheceu as instalações do IFMS antes mesmo de sua inauguração, pela proximidade de sua casa com a sede do Câmpus, então já tinha certa familiaridade com a Instituição;

Eu quem quis entrar, tanto que eu fui atrás de tudo. Minha mãe só me deu acho que era vinte reais da inscrição na época. Ela me deu daí eu fui no shopping paguei, eu e meu amigo ficamos conversando bastante sobre isso, aí a gente foi, resolveu ir, aí meus professores também apoiou, falando que era uma oportunidade de estar em um ambiente bom e um ensino de qualidade, excepcional, tanto que foi.

Lembra da divulgação do primeiro evento, "Mostra de Foguetes", que aconteceu na sede definitiva do Câmpus, em 2015, o evento aconteceu antes mesmo da inauguração da sede. "Foram lá na escola, e teve amostra de foguetes também. Acho que o primeiro evento do IF Dourados". Sobre sua inscrição no processo de seleção ele lembra que;

eu não lembro onde que eu fiz, que não tinha computador em casa, eu acho que época, acho que eu fiz na escola mesmo, no Clarice. Aí na inscrição foi isso eu fui eu corri atrás das coisas, né? fui no shopping, paguei o boleto, é vestibular que fala, né? Do processo seletivo foi feito lá no Clarice, a prova, então eu lembro até a sala que foi. A prova foi tranquila, acho que acertei quarenta e três, não lembro de cabeça. E

¹⁰ Vide edital de seleção para ingresso em 2023 com um cronograma de ações que está dividido em 26 etapas (<https://selecao.ifms.edu.br/perfil/estudantes/processo-seletivo-2023-tecnico-de-nivel-medio-integrado-edital-061-2022>).

a matrícula também foi fácil, só aconteceu esse caso aí de que faltou o documento da escola que tive que correr atrás desse documento [histórico escolar].

Claudia, ingressante em 2018, destaca que não sabia da existência do IFMS e foi através de uma professora de matemática, que levou panfletos entregues em outra escola, que ela soube do que se tratava a escola;

Então eu nem sabia da existência do IF, só que teve uma aula de matemática que minha professora chegou lá com o papel das inscrições, né? Que sempre vocês distribuem, né? E aí ela falou que levou para os alunos da outra escola que nem era pra nossa escola o negócio lá e aí ela explicou aí é um ensino com o técnico e é uma boa oportunidade pra vocês. Aí eu já me interessei naquele dia mesmo já pesquisei sobre o IF e mais pela oportunidade, né? De ter um curso junto com o ensino médio, a oportunidade já de sair pro mercado de trabalho. Já comecei a pesquisar, já vi o que era o instituto, tudo mais. E até essa professora me ajudou, ela e a professora de português me ajudou até estudar pra prova.

Achou que a prova não estava muito difícil, “tipo meio a meio, teve umas questões de matemática sim, que eu tive um pouco de dificuldade, mas, eu fui bem, lembro que eu passei na primeira chamada”. Lembra que não sentiu dificuldade na matrícula, pois conseguiu auxílio de servidores do setor responsável pelo processo.

Gabriela também ingressou em 2018, e não era do mesmo turno que a estudante Claudia. A estudante Gabriela conheceu o IFMS quando ainda estava no oitavo ano, pois uma prima muito próxima estava no nono ano e se preparava para ingressar no IFMS, e as duas estudavam na mesma escola;

eu estava no oitavo ano e ela estava no nono, então a gente já conheceu, e ela falou ‘eu quero entrar, vou tentar no ano que vem’, e eu ainda tinha o último ano, né? Então ela entrou, ela teve toda a experiência e eu via, e eu falava cara eu quero, desde que a gente conheceu, na verdade a gente já tinha se interessado muito, a gente já tinha se encantado muito, sabe? Já queria. E aí quando ela entrou, eu acompanhei, então, eu quis também.

Por morar muito próximo do prédio da IFMS, também já conhecia a estrutura física. Pontua que estava acostumada com outro sistema de entrada nas escolas, por isso, tudo foi uma grande novidade;

Ah eu acho que estava acostumada a só escolher a escola, a mãe ia lá e fazia inscrição, né? E estava tudo certo. Então foi tudo novo, era um monte de coisa pra ler, era um monte de coisa de documento diferente e tudo mais. E a experiência da prova foi até bem legal, né? estava tudo sendo novo ali já, né? E a experiência da prova assim eu já tinha tido experiência de fazer olimpíada, né? No fundamental, mas, uma prova assim de todo um processo, né? E toda uma importância. Tipo assim, foi uma experiência, e estudar pra fazer a prova foi tudo uma experiência, assim, completamente diferente, né? Um pouco assustadora, fiquei com medo realmente.

Relembra também que não passou na primeira chamada e isso gerou nela muita angústia;

Eu já estava com toda a expectativa do mundo, e ao mesmo tempo com muito medo, porque eu já tinha tido uma experiência de uma amiga que não tinha entrado, né? E aí eu não passei na primeira chamada e foi muito, muito, muito, muito traumatizante, assim que eu fiquei caraca não estou acreditando. Aí eu fui chamada na segunda, chorei um monte, mas pelo menos foi assim, foi perto, sabe? Que saiu a primeira chamada e a segunda, não teve um intervalo muito grande.

Logan, ingressou no segundo semestre de 2016, relata que queria sair da escola onde sempre estudou porque achava muito ruim o ensino, e o IFMS surgiu como uma oportunidade de mudar de escola.

Eu tava de saco cheio do meu ensino médio porque era tipo, muito ruim o ensino, por exemplo a física, a minha primeira prova de física que eu fiz, e eu não entendia nada da matéria eu fui com zero, foi meu primeiro zero na vida. Foi aí que eu percebi que eu tinha que mudar de escola porque eu estava fazendo aula particular. Estudava só por fora pra tentar ir bem nas matérias, sabe? Porque com os professores não estava dando certo. Aí surgiu como oportunidade pra mim mudar de escola, daí.

Conta que tem um parente que é servidor do Instituto (em outro Câmpus), e ele explicou como era o ensino e o incentivou muito a entrada no IFMS “ eu não conhecia muito sobre o IF né, eu tenho um primo que trabalha no IF, ele me explicou melhor sobre como é, o que é, me incentivou, daí eu entrei”. Lembra também que a prova foi fácil, eram conteúdos que já tinha visto e estudado, “a prova estava fácil, só que eu era inexperiente com esse tipo de coisa, né, tipo algumas questões eu errei por bobeira, por falta de atenção mesmo”.

A matrícula foi feita por convite, para entrada de estudantes no meio do ano, o convite foi realizado apenas para os estudantes que haviam participado do processo de seleção daquele ano. Decisão essa que a gestão entendeu ser acertada naquele contexto, sendo que essa foi a primeira e única experiência de ingresso no segundo semestre. Logan relembra que chegou a ser chamado no início do ano, mas optou em não entrar naquele momento, quando surgiu o convite ele entendeu que seria a melhor opção para ter acesso a um ensino melhor, seus pais que fizeram a matrícula, por isso não lembra muito bem desse processo.

Rosa, entrou no IFMS em 2017, relata que houve divulgação e entrega de panfletos sobre o processo de entrada do Instituto, entregues na escola onde ela estudava;

Aí chegou lá a propaganda do Instituto Federal, entregaram o panfleto e guardei na bolsa e nem dei moral, porque tipo, eu fiquei, ah, muito trampo, é Dourados, meu Deus, né? Minha mãe trabalha, todo mundo é ocupado. Lembro que no dia, que era o último dia, pra se inscrever, eu achei o panfleto em casa e mostrei pra minha mãe, falei nossa olha só, esqueci de comentar pra senhora que tem essa escola aqui, do Instituto Federal, ela falou ‘o quê? você não falou comigo?’ no mesmo dia minha mãe foi na escola, conseguiu o histórico, ela conseguiu me inscrever no último dia, pra dar tempo, né? E ela falou, não, a gente se vira, dou um jeito de levar você, conversou com o vizinho pra ele me levar no dia da prova. Acho que eu tinha uns dois, três meses pra estudar, eu não estudei, porque eu não tive tempo, porque eu tava fim de semestre, né? Mas aí tipo, nem estava muito animada pra ir porque eu estava, a vai ser muito trampo ter que estudar em outra cidade.

Sua mãe fez o possível para garantir a entrada da filha no IFMS, e Rosa retribuiu o esforço da mãe com dedicação na prova de seleção:

Minha mãe estava muito empolgada, né? E aí tipo, eu pensei, cara, eu também acho que estava pensando que não era pra mim uma escola assim, né? No fundo eu acho que eu pensava isso. Mas a minha mãe estava tipo, é sim! Você vai conseguir ter um futuro melhor. Falei, ah, pela minha mãe eu vou, vou me esforçar aqui, eu lembro que no dia da prova eu não tava muito confiante, né? Mas eu dei o meu melhor, eu fui uma das últimas a sair porque eu me esforcei mesmo pra passar, fiquei nisso, eu tô aqui, pelo menos vale a pena, todo esforço que minha mãe teve de acordar cedo, conversar com o vizinho, vim comigo.

Thomas, ingressou na primeira turma em 2016, assim como Bernardo. Lembra que a divulgação foi num dia que ele havia faltado na escola, e sua amiga pegou um panfleto para ele:

Era um dia que eu tinha faltado na escola, daí, uma colega minha que era muito minha amiga, tinha pegado o panfleto. Ela falou pra mim, ontem vieram um povo aqui e falaram dessa escola aqui que está abrindo, que é tipo uma escola meio que prepara você, é junto com o ensino médio. Ela falou pra mim que era difícil interessar pra ela, mas, que eu era bastante inteligente, né? Que talvez ia ser uma boa pra mim, né? Eu vi tipo assim, na maior inocência, peguei e trouxe pro meu pai, meu pai pegou, olhou, eu nem sabia que ele tinha me escrito nada, pegou e me inscreveu, daí chegou um dia, acho que um mês pra fazer a prova, e pegou pediu pra mim fazer a prova lá, eu fui lá e fiz, e consegui passar, né?

Thomas achou a prova muito difícil e acredita que seu ingresso se deu porque era cotista:

Mas, eu passei mais pela cota, sabe? Porque na prova do IF eu vi que era muito difícil de fazer, eu falei ‘pai reprovei, não adianta eu reprovei’. Foi muito difícil cara, porque tipo assim, nas coisas que tinha umas coisas básicas lá, que as coisas do ano que tipo assim, que caiu, da nona série, eu acho, que eu me lembro que eu tinha estudado na nona, eu consegui acertar, mas, tinha umas coisas assim que sabe foi tipo tudo muito novo, assim que eu não consegui, tipo assim, tinha conteúdo lá que eu não tinha visto, principalmente de matemática.

Finaliza dizendo que a matrícula foi bem tranquila, é importante destacar que nesse processo os pais dos estudantes precisam necessariamente participar, visto que, praticamente todos os estudantes são menores de idade, talvez por esse motivo os entrevistados entenderam que o processo de matrícula foi tranquilo, posto que eles não participaram efetivamente.

No discurso da estudante Rosa, sobre sua crença de inadequação ao espaço escolar de uma Instituição Federal, percebe-se que tal pensamento reflete sua concepção dos ambientes que ela acreditava ser possível alguém como ela, proveniente de camadas populares, dos locais que deveria ou não ocupar. Neste sentido, Bourdieu (2012) traz no texto ‘A escolha do destino’ que a posição social e os sistemas de valores (implícitos ou explícitos) frente ao futuro escolar e a interiorização do destino objetivamente determinado, medido em termos de probabilidades estatísticas, influenciam diretamente nesse processo de escolha.

Se os membros das classes populares e médias tomam a realidade por seus desejos, é que, nesse terreno como em outro, as aspirações e as exigências são definidas, em sua forma e conteúdo, pelas condições objetivas, que excluem a possibilidade de desejar o impossível (BOURDIEU, 2012, p. 47)

Nesta mesma direção os autores Gonçalves; Gonçalves (2010), contribuem com o pensamento de Bourdieu, trazendo que “são estabelecidas, intuitivamente, probabilidades para cada indivíduo, que tende a se orientar e ajustar a elas, estabelecendo expectativas ‘razoáveis’ a si mesmo” (p.68).

Pensando ainda no relato de Rosa, mas agora sobre o papel da mãe nesse processo de escolha, podemos notar no trabalho Lacerda outro relato similar ao de Rosa (citado na pesquisa de Pena):

Um dos estudantes entrevistados por Lacerda (2006) confere grande importância ao orgulho que sua mãe demonstrava sentir em relação a ele, o que lhe dava forças para fazer as renúncias e sacrifícios necessários em prol de resultados escolares brilhantes. Trata-se dos efeitos do *fatum* familiar, entendido como “o conjunto dos veredictos, positivos ou negativos, endereçados à criança, enunciados performáticos do ser da criança que fazem ser aquilo que anunciam” (BOURDIEU, 2001, p.203 Apud PENA, 2017, p.60).

Os professores também são outros atores importantes nesse processo de decisão, pois aparecem em alguns relatos. Fica evidente a importância dos professores do ensino fundamental no direcionamento e apoio dos estudantes na escolha do destino escolar, tanto acreditando no potencial de seus alunos como ajudando na preparação para realizar o exame de seleção. Percebe-se que alguns docentes foram fundamentais nesse processo de decisão, e isso deve-se também pelo prévio conhecimento que eles tiveram sobre o IFMS, e suas oportunidades de ensino profissionalizante, compreendido como de qualidade pela comunidade escolar.

A presença dos professores na tomada de decisão do destino escolar dos estudantes é um tema de bastante relevância, e várias pesquisas demonstram essa importância, como observado no trabalho de mestrado da autora Tetzlaff (2017), que traz o processo de escolha de estudantes de camadas populares por uma escola de ensino médio técnico federal, que é menos uma escolha do estudante e mais um processo em que eles são escolhidos, “a indicação de um determinado estabelecimento de ensino médio, por parte de um professor, por exemplo, tem grande repercussão na trajetória de diversos estudantes” (p.22).

4.2 – Desafios da permanência

O objetivo deste tópico é de apresentar os principais desafios enfrentados pelos estudantes para cursar o ensino médio profissionalizante, para isso, além dos relatos dos

entrevistados também serão apresentados alguns dados¹¹ extraídos do histórico escolar deles, para melhor elucidar suas trajetórias. E para melhor entender essas vivências foram realizadas às perguntas que seguem:

1. Como foi sua adaptação nos primeiros semestres, gostou da turma e dos professores? Se sentiu acolhido?
2. No IFMS você vivenciou alguma situação que não esperava? Dê exemplos, que te surpreenderam.
3. Quais suas principais dificuldades nas disciplinas ofertadas? Quais teve as menores notas e/ou reprovações?
4. Ficou retido(a) em algum semestre? Se sim, como foi a experiência?
5. Você acredita que sua formação no IFMS te ajudou a querer continuar estudando?

Antes dos relatos dos seis estudantes entrevistados, serão apresentados os dados gerais dos boletins semestrais deles, constando o número de disciplinas que estavam matriculados em cada semestre, e das disciplinas que houve aprovação nesses respectivos semestres, para melhor visualização de suas trajetórias.

4.2.1 ESTUDANTE BERNARDO

Estudante Bernardo						
SEMESTRES	1º período (2016.1)	2º período (2016.2)	3º período (2017.1)	4º período (2017.2)	5º período (2018.1)	6º período (2018.2)
Número de disciplinas matriculado	11	16	16	17	19	14
Número de disciplinas aprovado	11	15	16	16	19	13

¹¹ Informações que foram obtidas pelo sistema acadêmico do IFMS < <https://academico.ifms.edu.br/>>.

Bernardo reprovou em apenas três disciplinas durante seu percurso escolar no IFMS, no segundo semestre (2016/2) não conseguiu atingir a média sete na disciplina de química II, por apenas quatro décimos, no quarto período (2017/2) ficou com a nota 5,4 em matemática IV, e no último semestre (2018/2) também não atingiu a média em matemática VI, obtendo uma nota de 4,9.

Relembra que apesar do encantamento inicial com a Instituição, principalmente com a estrutura física, ele pensou em sair do IFMS ainda nos primeiros meses;

Nos primeiros dois meses eu fiquei com muita vontade de sair, por questão de amizade. Só tinha eu e mais dois amigos. Aí demorou um pouco pra gente se enturmar com o resto. O resto é porque parecia que bastante gente já se conhecia de outros locais. Mas, eu tinha só nós três. Aí tipo tinha pouco aluno, aí foi um pouco desanimando, mas, a escola em si o primeiro dia também eu nunca esqueço que foram mostrar toda essa escola, a demais ali, e eu tinha vindo tipo escola municipal né, ruim lá, mas, tipo assim ver o lugar assim, ficamos meio impressionado, tipo o prédio as coisas assim, eu falei, nó que bacana. Mas, eu achava muito vazio a escola, eu queria ir pra um lugar que tinha bastante gente, era estranho também esse espaço está tão vazio. Mas, minha mãe que me incentivou, ela me incentivou a não sair.

Recorda que no começo se esforçou muito por medo de não se sair bem;

No começo eu estava me esforçando muito porque eu pensei que ia ser muito difícil, aí depois que tipo, não sei se por conta do esforço, por conta que estava ficando mais de boa, aí eu fui um pouco abrindo mão, aí tanto que chegou lá pro final que tipo matemática que era a matéria que eu mais gostava, foi a que me segurou. Eu achava de boas, mas, dava pra mim ter me esforçado mais, aí acabou dificultando, então não era uma coisa tipo estava fácil pra mim, estava fácil se eu estudasse, se eu me esforçasse. Peguei acho que três ou quatro DPs, peguei em matemática e química só.

Bernardo explica que no último semestre, no ano de 2018, ficou com uma DP (dependência) na disciplina de matemática, e por isso, cita que a matéria que ele mais gostava acabou por “segurar” ele no IFMS. Mas, ele conseguiu reverter a situação no mês de janeiro do ano seguinte, no entanto, essa dependência mudou seus planos, “em 2018 eu fiquei em matemática só, aí eu fiz a turma de verão, aí terminei em 2019. Eu tinha passado numa faculdade, aí eu não consegui por causa dessa matéria, não deixaram eu fazer a matrícula, aí falei, vou aproveitar e ir trabalhar”. Ele foi chamado para realizar a matrícula em um curso que havia passado na UFGD, naquele ano.

Reprovou em algumas disciplinas (como vemos na tabela acima) e entende que foi consequência de seu descuido “em química sim, tinha dificuldade, mas matemática não, na matemática era, acho que por desleixo meu”. Quando questionado se teria alguma crítica que achava importante relatar, ele entende que foi o causador das situações ruins que vivenciou;

Acho que foi mais em relação ao pessoal, é pessoal, é de eu não ter enxergado as oportunidades, e não ter ido nelas, porque sempre teve incentivo, sempre explicaram

certinho, aí eu tipo no momento da minha vida que eu estava lá, que era mais moleque, é porque eu gostava mais da parte de esporte, gostava mais dessas coisas, eu focava mais nisso, e eu acabei esquecendo um pouco, fui deixando mais de lado, eu acho que foi um descuido meu, as dificuldades foi descuido meu, não foi tipo da instituição.

Apesar de entender que não aproveitou bem as oportunidades oferecidas, lembra que sempre participava do projeto de olimpíadas de matemática:

...tinha um projeto por fora, por exemplo da Olimpíada de Matemática, foi uma coisa que eu sempre gostei, eu participava sempre. Esses projetos eram legais, feira de ciências, a iniciação científica me deu bastante bagagem também, e também foi monitor¹². Fui monitor de Lógica 2 e tentei pra história também, mas eu desisti, gosto muito da parte de exatas, apesar de também gostar de humanas.

Para ele, o IFMS foi o responsável por “abriu minha cabeça para muita coisa”, e destaca a importância da relação que se estabeleceu com vários professores;

Graças aos professores, que tipo são foda, no campo deles, na área deles, de filosofia, de português, a professora Karina, o professor Cleiton, né? O professor de história Bruno, também foi muito legal, também do curso técnico mesmo, professor Evandro, professor Rodrigo. Como que a gente foi a primeira turma, tipo não sei se a conversa foi maior, daí a gente foi criando bastante intimidade, também com o professor Jack, aí por exemplo, eu passava mais tempo aqui do que em casa, eu tipo criei bastante intimidade de conversar, bastante, sobre tudo. Aí eu aprendi muita coisa, tipo não só sobre a escola, não só do conteúdo, mas sobre a vida. Daí é uma coisa tipo que eu nunca esperava, tipo de ter um professor mais pra conversar com ele, tipo assim, como uma pessoa, né? Não vê ele só como professor. Aí foi uma coisa que tipo quebrou esse estigma que tinha.

Mas, para ele nem todos os docentes foram tidos como excelentes profissionais, “a metodologia de alguns professores não ajudava” e o professor de matemática “eu gostava muito dele, mas dando aula tipo, a gente só ficava conversando, tipo sobre as outras coisas, mas não sobre a matéria”. Explica que as aulas em que os professores divagavam muito em assuntos que não eram dos conteúdos, ele não gostava, porque sabia que aprendia muito do conteúdo nas explicações em sala de aula.

Outra experiência inédita para ele foi de conviver com colegas de grupos sociais muito distinta da sua;

Nunca tinha estudado com ninguém, que tipo, que tinha dinheiro, né? Aí eu achava meio estranho, tanto que a gente falava assim, ficávamos meio zoando quem tinha dinheiro, entre si. Ficava falando que é boy, era brincadeira...vai ser a mó boy? Vai ser otário, vai ficar se achando. Mas, se você conhecer a pessoa, e a pessoa é a mó legal, era igualzinho você, a única coisa que separava era isso.

¹² Programa de monitoria (2017) estabelece no artigo 4º que a “monitoria tem a finalidade de fortalecer a articulação entre teoria e prática, assim como promover a cooperação mútua entre discentes e docentes e permitir ao estudante a experiência com as atividades pedagógicas”.

O estudante foi contemplado com auxílios do Programa de Assistência Estudantil, pois sua família tinha uma renda per capita inferior a um salário-mínimo. Dos auxílios ele lembra que o dinheiro ajudou bastante, principalmente nas questões pessoais, por morar perto do IF e não ter gastos com transporte e alimentação, “comprava calçado e roupa, coisas para mim”. Finaliza dizendo: “eu ficava brincando, falava assim, nossa como a gente é importante na minha reunião, da iniciação científica, por conta disso mais eu acho, que foi assim que entendi que tinha que estudar pra ir subindo, sabe? Na vida”.

4.2.2 ESTUDANTE CLAUDIA

Estudante Claudia								
SEMESTRES	1ºperíodo (2018.1)	2ºperíodo (2018.2)	3ºperíodo (2019.1)	4ºperíodo (2019.2)	5ºperíodo (2020.1)	6ºperíodo (2020.2)	7ºperíodo (2021.1)	8ºperíodo (2021.2)
Número de disciplinas matriculada	11	16	17	20	18	16	4	1
Número de disciplinas aprovada	9	13	15	17	14	16	4	1

A estudante Claudia vivenciou mais de uma reprovação em todos os cinco primeiros semestres, circunstâncias que fizeram a estudante ter que estender sua permanência na instituição por mais dois semestres (7º e 8º períodos), conforme observado na tabela acima.

No primeiro semestre (2018/1), Claudia não conseguiu atingir a nota sete nas disciplinas de:

- Fundamentos de lógica e programação de computadores I - nota : 5,3;
- Matemática I- nota: 4,2.

Segundo semestre (2018/2) ela não atingiu a média em três disciplinas:

- Fundamentos de lógica e programação de computadores II - nota: 5,0;
- Química II- nota 4,1;
- Fundamentos para design web e arquitetura da informação - nota:6,3.

Terceiro semestre (2019/1) não atingiu a média em duas disciplinas:

- Programação orientada a objetos I - nota: 5,0;
- Física II - nota: 6,2.

No quarto semestre (2019/1) a estudante ficou com três pendências nas disciplinas de;

- Banco de dados I - nota: 4,0;
- Programação orientada a objetos II - nota: 5,0;
- Biologia II - nota: 6,6.

Por fim, no quinto semestre (2020/1), ela não atingiu sete em quatro disciplinas;

- Arquiteturas, metodologias e ferramentas de apoio I - nota: 3,5;
- Banco de dados II - nota: 2,3;
- Desenvolvimento baseado em frameworks I - nota: 2,5;
- Física II – nota: 0,8.

Apesar de não ter atingido a média em duas disciplinas logo no primeiro semestre, Claudia relata que, para ela, o primeiro semestre foi tranquilo, apesar de não ter entendido como suas notas tinham caído tanto, em comparação às disciplinas da escola anterior que eram boas. Já no segundo semestre ela achou que ficou complicado, porque iniciaram as disciplinas do contraturno;

Pra mim foi tranquilo, só na parte de começa a ter turno, né? Você tem que vim de manhã e tarde, que eu achei um pouco cansativo. E também mudou muita coisa, tipo o mesmo conteúdo que eu estudava na minha escola lá, eu tirava nota boa, aqui no IF minhas notas despencou pra baixo, eu não entendi essa parte, mas OK, né! Mas, pra mim foi tranquilo, em algumas matérias que eu era assim, tirava nota boa né? Na escola lá, aqui não foi a mesma coisa.

Lembra que era cansativa essa nova rotina, de ter que ficar dois períodos na instituição, lembra que pegava dois ônibus para chegar no Câmpus, um intermunicipal que a levava até a rodoviária de Dourados, e depois uma circular urbana para conseguir chegar até o Câmpus. Quando tinha aulas no contraturno era preciso vir de carro com o pai porque os horários não coincidiam com o início da aula, “era assim, ainda mais quando eram os dois turnos que tinha aula. De manhã eu vinha de carro, porque não teria como eu chegar a tempo nas aulas, aí pra não ficar toda vez chegando atrasada, aí eu vinha de carro, aí era cansativo sim”.

Descreve que logo de início conseguiu se identificar com alguns colegas e por isso conseguiu fazer amigos bem rápido, “então, desde o primeiro dia, quer dizer, antes de eu fazer a prova, eu já fiz amizade com a A. P., né, e com outras pessoas”.

Relata que o IFMS só proporcionou coisas positivas “eu fui bem acolhida por todos, são muito carinhosos eles [os professores], e eu gostei bastante”. A única situação que a incomodou, foi seu último sobrenome que constava no crachá, “tive muitas experiências boas, mas, teve uma, é a questão do meu sobrenome, que começaram a fazer muita piada e eu até conversei com o pessoal de lá, pra tirar meu sobrenome de tanto que aquilo me incomodava, sabe?”, e conta que seu pedido foi atendido prontamente.

Ela evidencia das disciplinas que sentia maior dificuldade, “eu tive dificuldade em matemática, hum e no português, porque, como eu era muito tímida, eu não saía muito bem assim, nas apresentações, eu não sabia muito me expressar lá na frente, e nas disciplinas do curso, fazer código, essas coisas eu não era muito boa”. Apesar de apresentar várias reprovações no histórico escolar, ela só lembrou de ter reprovado em matemática e lógica, “peguei DP (dependência) em matemática e lógica, pelo que me lembro, mas nunca fiquei retida”.

Para ela o IFMS contribuiu em muitas coisas;

Tive muitas experiências boas, nos conteúdos mesmo, no meu crescimento e eu falo assim, que na evolução também da Claudia que entrou em 2018 com a Claudia que saiu, teve muita diferença, me ajudou muito aqui o IF e as pessoas também, na parte de timidez principalmente, com os trabalhos que eu tinha nas aulas eu fui me soltando aos poucos, mais agora eu assim, tenho dificuldade ainda de conversar olhando pro rosto da pessoa, mas já tive uma evolução né, nessa parte e na timidez.

Destaca que ter estudado no IFMS também a ajudou a querer continuar estudando, “saí do IF preparada para a faculdade, principalmente por ser um sistema semestral”.

Questionada sobre os auxílios recebidos durante os anos que esteve no IFMS, sobre sua importância, ela relata que:

tanto o auxílio, como aquela vez que teve cesta básica¹³, sabe? ajudou muito assim, na minha casa. Eh o auxilio era pro transporte, que tinha que comprar passe e colocar crédito no cartão. E a alimentação que eu não trazia, né? eu comprava marmita, era nisso, que eu mais gastava.

¹³ Ao final de 2020 o IFMS lançou um edital para fornecer cestas básicas aos estudantes e suas famílias “O Kit Alimentação Escolar - PNAE, em caráter excepcional, possui a finalidade de distribuição de kits de gêneros alimentícios aos estudantes dos cursos técnicos integrados e Proeja visando a garantir a segurança alimentar e nutricional dos estudantes IFMS, durante o período de atividades não presenciais, em decorrência da pandemia do Coronavírus (COVID-19), adquiridos de acordo com o recurso do Programa Nacional de Alimentação Escolar – PNAE (IFMS, 2020 – edital n.036/2020 – PROEN/IFMS).

Devido à pandemia global de covid 19, em março de 2022 às aulas no IFMS foram suspensas, e em abril, do mesmo ano, as atividades de ensino voltaram no formato remoto, e por ainda estar em curso, Claudia vivenciou essa experiência, de passar pelo ensino à distância no IFMS. Desta forma, entendemos pertinente compreender melhor esse momento que a estudante experienciou:

No começo estudar online foi um pouco difícil, tive que me organizar, porque você tem que criar seu tempo, para concluir as atividades, concluir o que tem que fazer, já me organizava bastante, aquela organização da pedagoga me ajudou bastante, os mapas mentais, organização por mês, o que tinha que fazer.

Acrescenta que para entrar na rotina de estudo em casa foi um pouco complicado, “porque não eram só os estudos, tinham os afazeres de casa, tinha que ajudar meus irmãos”. O mais complicado foi lidar com as disciplinas que tinha maior dificuldade de forma remota, “porque não tinham mais às PEs¹⁴, para tirar dúvidas presencialmente com os professores, eles explicavam pelo Moodle, mas não era igual, senti falta de estar na sala de aula, de estar com a minha turma”.

4.2.3 ESTUDANTE GABRIELA

Estudante Gabriela						
SEMESTRES	1º período(2018/1)	2º período(2018/2)	3º período(2019/1)	4º período(2019/2)	5º período(2020/1)	6º período(2020/2)
Número de disciplinas matriculadas	11	16	15	17	17	13

¹⁴ O termo PEs como é usualmente utilizado pelos estudantes, refere-se ao horário de permanência dos professores no contraturno das aulas em que os estudantes estão matriculados, e tem por finalidade disponibilizar horários semanais para que os estudantes possam esclarecer eventuais dúvidas que não conseguiram sanar em sala de aula. O IFMS (2016) estabelece “que ocorre semanalmente no contraturno da aula regular, possibilitando um atendimento individualizado ao estudante e consequentemente, um redirecionamento de sua aprendizagem” (p. 64).

Número de disciplinas aprovada	11	16	15	17	17	13
--------------------------------	----	----	----	----	----	----

Como é possível observar na tabela acima, a estudante Gabriela não foi reprovada em nenhuma unidade curricular (disciplina) no decorrer dos seis semestres, desta forma, ela concluiu o curso no prazo previsto de três anos. Notou-se também que nos boletins da estudante Gabriela a média de suas notas finais eram acima de 8.0, sendo que a média final é obtida a partir do cálculo das notas parciais do primeiro bimestre, com a nota de recuperação (caso necessário) desse mesmo período, quando o estudante não conseguiu atingir a média necessária para ser aprovado na disciplina, somando-se com as notas parciais do segundo bimestre, com as notas da recuperação, também se necessário for.

Gabriela, recorda que "era tudo novo, né? Tudo, assim das matérias, a estrutura, a experiência, tudo era bem novo, mas desde o começo, que nem eu falei, eu já estava com a expectativa altíssima, entendeu!?", e destaca como foram incríveis as experiências vivenciadas já no primeiro dia; "eu me lembro até que no primeiro dia de aula a gente fez uma dinâmica de educação física e aí a gente correu o IF inteiro e depois da aula de educação física a gente ia tirar foto do crachá, então estava todo mundo destruído na foto do crachá, e foi ótimo", e finaliza relembando outra situação marcante deste dia:

até no primeiro dia teve uma amiga minha, até a gente fez TCC juntas, né? A gente se conheceu no primeiro dia, e foi é até hoje, né! Ela perdeu o celular e aí ficou a sala inteira, ninguém se conhecia e ficou a sala inteira ajudando a procurar e ligando, e ela é religiosa, né! Foi todo mundo, tipo assim, ajudar ela e ela queria orar e todo mundo orou com ela. E foi uma experiência que foi de zero a cem, sabe? Foi de ninguém se conhece a estar todo mundo junto. E foi muito legal.

Sobre o acolhimento, ela descreve que desde o início sentiu que foi acolhida na Instituição;

Cara, eu acho que completamente, completamente. Desde os alunos, da turma, das outras turmas, os professores, até os professores que não davam aula pra gente eu acho que essa relação assim que tinha, né! Com professor, com as pessoas ali, né! Que estavam, que estavam presentes todos os dias na instituição. Eu acho que pra mim, pelo menos, sempre foi uma experiência muito boa, muito tranquila, muito acolhedora, desde o início.

Destaca que tudo era diferente;

tudo já era diferente, né!? A carga horária era diferente, as matérias já eram diferentes, daí tinha a relação da média, né!? Que a gente eu pelo menos sai da municipal ali com a média seis, entrei lá, a média era sete, aí eu falei opa! Mas, eu acho que assim as matérias tradicionais foram bem tranquilas, né! A não ser a metodologia, a dinâmica ali, o método, né! De aula, era completamente diferente, também do que eu já tinha conhecido, era mais slide, mais seminário também, que eu não tinha tido nenhuma relação ainda, nenhum conhecimento nessa questão, não tinha apresentado um seminário na minha vida, quando eu entrei então acho que foi tudo diferente, as estratégias assim de aula era tudo diferente, né! E as matérias tradicionais assim já conhecidas, foi bem tranquila. As matérias do curso confesso que no começo deu uma assustada, assim que não, não tinha visto, não, tinha conhecimento nenhum, mas também eu acho que tinha uma rede de apoio muito grande, né! Dos professores que sempre estavam disponíveis pra dúvida, pra auxílio, né? Monitoria, biblioteca, então acho que a princípio assustou um pouco as matérias do curso, mas depois foi mais tranquilo a adaptação.

Quando questionado sobre o que havia marcado sua trajetória no IFMS, ela conta com entusiasmo que;

A melhor experiência que eu tive no IF, pra mim, em relação à pesquisa que foi um universo completamente diferente, assim acho que de tudo, que eu estou falando aqui, que pra mim foi diferente do IF, a parte completamente diferente, o universo completamente diferente, que eu realmente não tinha, propriedade zero, assim no assunto, que de início eu me apaixonei foi em relação à pesquisa. E em relação a apresentar feira, a apresentar o projeto, desenvolver um projeto do zero, a criar tudo ali, ler sobre ele, falar sobre ele, ter realmente propriedade numa coisa que eu podia falar assim, olha, eu estou estudando, eu estou pesquisando, a gente fez tudo, todo o projeto do zero. Acho que foi, acho que foi a melhor experiência que eu tive, a melhor sem dúvida nenhuma. A gente ficou em segundo lugar na FECIGRAN¹⁵, acho que a gente ficou em segundo lugar na FETEC¹⁶ também, a gente apresentou, eu acho que era a FETEC, foi o primeiro que a gente fez também, que a gente apresentou. Nossa, a gente participou de tudo lá, de tudo, incrível. Fiz com a Julia¹⁷, né? A amiga que eu falei que perdeu o celular no primeiro dia de aula. A gente fez em relação a literatura, a gente fez um projeto voltado a dar visibilidade pra mulher brasileira e a gente até colocou um adendo, né! A gente falava da mulher brasileira, mas a gente tinha uma parte no projeto especificamente falando sobre essa parte racial da mulher na literatura brasileira, a mulher negra na literatura brasileira.

Como observado na tabela acima, Gabriela não teve reprovações, mas, destaca que achou difícil a uma disciplina da parte técnica do curso;

as primeiras assim, matérias de programação, acho que a gente deu uma apanhada, assim que eu não conhecia muito, mas que nem eu falei, né! Eu sempre tentei aproveitar muito a estrutura de apoio, de auxílio, então quando eu vi que eu estava ali com um pouco de dificuldade no início da matéria, né! Eu já ia direto nas PEs do professor, já ia nas monitorias e já corria atrás, sabe!? Já tentava, o máximo assim, aprender desde o começo, acho que no começo das matérias de programação eu apanhei um pouco, mas depois peguei o ritmo.

¹⁵ Feira de Ciência e Tecnologia da Grande Dourados (FECIGRAN).

¹⁶ Feira de Tecnologias, Engenharias e Ciências de Mato Grosso do Sul (Fetec)

¹⁷ Nome também fictício.

Ela destaca também que ficava muito tempo na instituição, para poder participar de tudo que queria e/ou precisava, “se eu pegar minha relação de faltas lá é extremamente mínima assim, mínima, mínima mesmo, não faltava, de jeito nenhum”. Gabriela conta que no primeiro semestre seus pais se separaram, e ela foi morar com o pai em um bairro bem distante do IF, por isso, precisava pegar dois ônibus urbanos para chegar ao Câmpus, e por esse motivo ficava muitas horas do seu dia na instituição.

Quanto aos auxílios financeiros que recebeu, ela rememora: “eu acho que o processo de inscrição ali era extremamente cumprido, extremamente difícil, extremamente burocrático”, apesar de toda essa dificuldade, ela destaca a importância dos auxílios em sua permanência:

Mas, depois da primeira vez, sabe! Com uma com uma ajuda ali, né! Dava super certo. Acho que sempre no final dava certo, entendeu? (...) Mesmo com toda dificuldade no final ajudava muito. Ajudava muito, eu comecei a fazer pesquisa cedo, né! Bem no início mesmo, eu e a Julia ficava direto, assim a partir do segundo semestre já era duas vezes na semana que ficava de tarde, né! Então sobrava três dias que era basicamente os dias que a gente ficava de tarde pra poder trabalhar no nosso projeto. Então praticamente a semana inteira a gente ficava aí acho que era basicamente assim o auxílio a gente usava pra alimentação mesmo. E depois eu fui morar com meu pai e aí eu pegava dois ônibus então ajudou muito, em relação ao ônibus.

Como foi ingressante em 2018, Gabriela também passou os dois últimos semestres (2020/1 e 2020/2) vivenciando o ensino remoto, devido à pandemia, e descreve que para ela foi:

Cara, eu falo assim que acho que foi um baque, assim foi triste realmente. A gente queria ter ficado no presencial, a gente ainda estava finalizando o nosso projeto, nosso TCC, né! Então foi, bem assim, foi bem chato eu acho, que mudou muito, e a gente já estava ali num numa questão de adaptação, sabe? da metodologia dos professores e tudo mais. Então o EAD foi muito, ficou muito assim, em atividade no moodle, em a leiam isso daqui, façam um resumo, ficou muito, assim fácil, sabe!? Não, não sei se fácil, mas não sei como explicar, mas assim a metodologia do EAD foi bem, foi bem mínima, assim, foi bem só, aí tem que passar, então, passam. A gente fala, que a gente daria tudo, assim pra ter feito o último ano no presencial, acho que teria sido demais. Porque assim, acho que tudo isso realmente é pesado, tudo isso realmente é difícil, tem muitas falhas, tem muitas coisas que estão melhorando, mas que ainda vai é todo um processo, né? E aí eu acho que essa relação do presencial ajudava muito, sabe? Porque às vezes a gente estava mal, mas aí a gente estava lá, a gente estava junto, a gente estava estudando junto, a gente estava fazendo as coisas juntos e eu acho que isso ajudava, sabe? deixar mais leve, a deixar mais fácil. E foi bem tipo, bem acho que diminuiu, muito assim a qualidade do ensino, sabe? Muito mesmo. (...) Então eu me senti completamente sozinha ali no mundo. Eu não estava acostumada, sabe? Desde o começo que eu entrei no IF qualquer dúvida que eu tinha, qualquer dificuldade assim que eu tinha, eu buscava monitor, eu buscava ajuda do professor, buscava amparo, buscava auxílio, sabe? Tipo sempre, sempre, sempre, não ficava ali quebrando a minha cabeça e mesmo assim já ficava pesado. (...) online foi Deus e eu.

Gabriela, recordando as experiências negativas que viveu, destaca a grade curricular “eu acho que querendo ou não, o ensino ele era pouco assim, mais voltado ao curso e as matérias tradicionais realmente, o que a gente utilizava mais né pra fazer vestibular e ENEM aí a gente tinha que aprender sozinha ali”. Outro ponto levantado que trouxe bastante reflexão da estudante foi sobre saúde mental dos estudantes;

Cara, eu acho só que assim, pelo menos quando eu estudava lá, que nem eu estou falando, né? eu tive realmente uma experiência muito boa. Mas, eu não falo assim, que foi fácil, nem de longe, não foi fácil e aí eu acho que eu principalmente, né? Tive muitas experiências ruins, assim em relação à saúde mental, sabe? Na minha turma também eu via muito isso, e eu acho que nessa questão, assim, não tinha na instituição, né!? Eu sempre achei a estrutura assim de auxílio, de amparo pras nossas necessidades muito boas, mas eu acho que nesse quesito de saúde mental não tinha umas um bom amparo ali, sabe? Não tinha um bom socorro ali pros alunos, eu acho que isso faltou muito e falo assim de mim, né? E dos colegas que eu tinha mais próximos, eu acho que saúde mental realmente é algo muito tentado porque assim que nem eu falei, realmente é uma experiência boa, realmente tinha uma infraestrutura, mas querendo ou não, é bonito, é legal, tudo ser novo, só que o que é novo também você tem que aprender desde o zero, né? Então você tem que estar disposto ali a errar e aprender e fazer de novo e de novo mesmo, e tendo esse pensamento de não ‘eu erre, não deu certo, mas eu vou lá e vai dar certo’ acho que vai desgastando de certa forma, né? E que nem eu estava falando pelo menos eu e a Julia a gente ficava muito, aula todos os dias de manhã, dois dias à tarde, praticamente os outros três dias a gente ficava trabalhando ali na nossa pesquisa, né? Então a gente ficava muito, o cansaço físico, mental, sempre foi muito grande. Então acho que nessa parte assim na época que eu fiquei pelo menos a instituição não tinha um bom amparo pra gente.

Ela reforça dizendo que o sentimento de insuficiência era complicado, “quando estudávamos muito e não íamos bem”, neste sentido, a estudante conta que passou por uma situação extremamente frustrante;

Teve um projeto sobre literatura, e teve um evento que foi em Bonito, que foi uma feira, né? Literária, a gente foi numa feira em Maringá e aí a gente ia em Bonito, já estava marcado, estava tudo certo pra gente ir, a gente não podia ficar de exame física. E tipo assim eu sempre estudava com a Julia, né? E a gente já estava estudando há um tempão, a gente sabia o conteúdo. O professor sempre passava muita lista de atividades que ajudava muito. E a gente estava de boa, a gente nem estava pensando nisso, e aí no final a gente até começou, deu uma pausa ali na preparação pra feira pra gente poder estudar, a Julia estava com dificuldade na nas listas de física, e eu já tipo, já estava conseguindo fazer, já tinha realizado várias vezes já, fui ajudar a Julia e a gente estudou tudo, eu ensinei ela, né? Tipo assim, ajudei ela em física, a gente se ajudava muito, e aí chegou na prova ela foi bem e eu fui mal e aí a gente não conseguiu ir pra feira, porque eu precisei fazer a recuperação da prova. E nossa, ali assim acabou comigo, acabou mesmo. Foi uma coisa assim que acho que eu demorei muito pra processar, sabe? Que eu fiquei totalmente sem chão assim, que eu falei, cara, não, não estou acreditando. Porque era uma coisa que eu sabia tinha feito as listas, as questões da prova eram muito parecidas, eu tinha ajudado ela, tipo, ela tava com dificuldade, eu ajudei ela e no final, no final até tirei a oportunidade dela, né? Porque, como eu não ia, e aí ela não quis ir.

Completa trazendo as falas que ouvia dos docentes sobre as dependências (DP) de disciplinas (reprovações) “falavam assim, ‘gente pegar DP tá tudo bem. Pega DP, vai fazer a

DP, vai dar certo, pá'. Só que se você pegar, o professor ficava falando, sabe? Ah, não, porque fulano pegou DP. Ah, não, porque você paga DP. Se pegar você vai ser criticado sabe?"

A percepção da estudante sobre a ausência de apoio emocional significativo, principalmente para ajudá-la a compreender as frustrações durante o processo de ensino foi bem marcante em seu relato, neste sentido, vale destacar que no quadro do IFMS, existe o Núcleo de Gestão Administrativa e Educacional (NUGED), que é composto por uma equipe multidisciplinar como explica o trecho abaixo:

O NUGED é um núcleo responsável pela assessoria técnica especializada. Caracterizado como uma equipe multidisciplinar, formada por pedagogo, técnico em assunto educacionais, psicólogo, assistente social e enfermeiro, que tem como o objetivo principal implementar ações que promovam o desenvolvimento escolar e institucional. Atende às demandas institucionais de acordo com as atribuições específicas de cada cargo que compõe o núcleo, auxiliando os estudantes e servidores a identificar as dificuldades inerentes aos processos da instituição, assim como os aspectos biopsicossociais que interfiram no desenvolvimento institucional e pessoal. Dessa forma, o núcleo ocupa-se das atividades de formação continuada, da Avaliação do Docente pelo Discente (ADD), de orientações de planejamentos de ensino, das ações da Assistência Estudantil, do atendimento à comunidade escolar visando orientar, encaminhar e acompanhar estudantes no enfrentamento dos problemas observados (IFMS, 2019, p. 60).

No entanto, observa-se que o núcleo e os demais profissionais da instituição não conseguiram atender as demandas emocionais da estudante, apesar do NUGED ser, por vezes, um lugar de referência para os estudantes, já que há profissionais que trabalham para dar atendimento aos estudantes, orientações, e informações diversas. Geralmente há psicólogos que podem ouvir e aconselhar os estudantes em situações de dificuldade ou com algum tipo de conflito. Entretanto, nota-se que nem todas as questões conflituosas conseguem ser atendidas pelo núcleo e/ou pela comunidade escolar, por falta de conhecimento/reconhecimento dos conflitos ou por omissão dos envolvidos.

4.2.4 ESTUDANTE LOGAN

Estudante Logan						
SEMESTRES	1º período(2016/2)	2ºperíodo(2017/1)	3ºperíodo(2017/2)	4ºperíodo(2018/1)	5ºperíodo(2018/2)	6º período(2019/1)

Número de disciplinas matriculado	11	14	15	17	17	17
Número de disciplinas aprovado	8	11	11	14	15	6

O estudante Logan teve reprovações em todos os semestres que foi matriculado, e solicitou transferência de escola no período que corresponderia ao seu sétimo semestre (2019/2), chegou a ser matriculado em três unidades curriculares nesse período, no entanto, aparece no sistema acadêmico que sua situação (vínculo com a instituição) é a de ‘transferido externamente’ nestas três disciplinas.

No primeiro semestre (2016/2), Logan não alcançou a média sete nas disciplinas de:

- Matemática I - nota: 4,2;
- Química I - nota: 6,6;
- Fundamentos de lógica e programa de computadores I - nota: 4,6.

No primeiro semestre (2017/1), ele não conseguiu atingir a nota sete nas disciplinas de:

- Fundamentos de lógica e programação de computadores I - nota: 4,5;
- Educação física II – nota: 5,3;
- Educação física III – nota: 6,5.

No terceiro semestre (2017/2), Logan não obteve aprovação nas disciplinas de:

- Matemática II – nota: 1,6;
- Artes – nota: 1,0;
- Linguagem de apresentação e estruturação de conteúdos I – nota: 0,0;
- Física II – nota: 6,5.

No quarto semestre (2018/1) o estudante não atingiu a nota sete nas disciplinas:

- Matemática I – nota: 5,2;
- Linguagem de apresentação e estruturação de conteúdos I – nota: 6,3;

- Banco de dados I – nota: 4,0.

O quinto semestre (2018/2) Logan não atingiu a média em duas disciplinas que estava matriculado:

- Banco de dados I – nota: 5,2;
- Matemática II – nota: 3,1.

No último semestre (2019/1) Logan não conseguiu aprovação em onze unidades curriculares, deste total de reprovações, nove delas foram por faltas e apenas duas por notas, como veremos:

- Sociologia VI – nota: 5,0;
- Física II – nota: 0,6.

Esse elevado número de reprovações por faltas, podem indicar que o estudante abandonou essas disciplinas. Observou-se que dentre as nove disciplinas com reprovação por falta, cinco o estudante não chegou a realizar nenhuma atividade avaliativa, confirmando a hipótese de que Logan desistiu das disciplinas antes mesmo de começar. Indicando também fatores de risco para o abandono do curso, como apontam levantamentos da própria instituição:

...importância de perceber os movimentos evasivos, reprovações ou pequenos abandonos, de uma ou outra unidade curricular, de algumas atividades ou dias letivos, a fim de entendê-los como um sintoma da evasão definitiva que, possivelmente, esteja em processo de arranjo. A propensão para o abandono pode ser avaliada pela combinação entre os fatores relevantes, que colocam os estudantes numa espécie de grupo de risco, somados às manifestações pontuais (IFMS, 2022, p. 13).

O estudante Logan viveu uma experiência bem específica com sua turma, pois foi a única do Câmpus em que os estudantes ingressaram no meio do ano, sendo essa a menor turma do curso (em número de estudantes). Logan recorda que;

Foi bem difícil a minha adaptação, porque eu tenho uma coisa, eu demoro muito pra fazer amizade. No primeiro semestre assim eu não tinha amigos, só sofri bastante, mas lá por dois mil e dezessete eu já tinha alguns amigos já, entendeu? Mas, o começo foi bem suprido, que era tudo diferente, né!? (...). Nas disciplinas eu apanhei muito, em programação, porque como eu tinha dificuldade de matemática, tinha dificuldade com lógica e que tem tudo a ver com programação, né!? E eu não sabia muito dos recursos do IF, tipo, eu ficava lá o dia inteiro com as PeS, com as monitorias e tals, mas eu tinha muita dificuldade e também faltava um pouco de mim sabe? Eu não me dedicava tanto, porque eu não sabia que o pior ainda estava por vir, sabe!?

Lembra também que não se sentiu acolhido quando entrou, e entende que esse processo era natural, “tipo a gente não se conhecia direito, sabe!? e tal, era como uma nova jornada, de sempre, tipo você não tem muita afinidade, eu não tinha uma panelinha ainda, né!? Era só tipo, ah vou dar o meu melhor aqui mesmo sem amigo, sabe!?”.

Sobre a turma que foi atípica, por ter sua entrada no meio do ano e por ter menos estudantes ele lembra que “totalmente diferente, porque até os veteranos foram falar pra gente, que a gente só tinha entrado no meio do ano que era pra eles pagarem DP só” e destaca também que,

sempre teve um tratamento diferente, da gente em relação as outras turmas, principalmente a primeira turma, desde o primeiro ano, sempre foi diferente o tratamento, eles tiveram viagem, a gente não teve, sempre tem homenagens ou palestras, sempre chamou a primeira turma e o pessoal de dois mil e dezessete, a nossa turma fica lá no limbo, sabe!?

Suas principais dificuldades foram nas disciplinas de matemática e de programação, como ele mesmo destacou anteriormente:

Olha, eu percebi que eu não gostava de programação, né!? Hoje eu sei que não gosto, por isso eu não me identificava tanto assim, não me esforçava tanto, mas que nem o design web eu amo, até hoje né! Eu aprendi isso, com o e eu dava o meu melhor pra ir bem na edição de imagens e vídeos, e a programação eu deixava sempre de lado, eu sempre dava o meu melhor pra tirar a melhor nota possível essas matérias, que gostava. (...) Se o professor dava reconhecimento, eu me esforçava, que nem a Mari, se ela visse que eu que eu estudei, que eu sabia as coisas, ela me perguntava, eu sabia responder, ela correspondia com isso com uma nota OK. Agora se eu estudasse o professor não correspondia igualmente, eu não me esforçava tanto, nas outras vezes.

O estudante relata que, por conta dessas matérias (mais voltadas para as exatas) não conseguiu concluir o ensino médio no IF, e optou por fazer a prova do Encceja (Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos) para concluir o ensino médio no tempo previsto.

Apesar de todo o processo aparentar ter sido negativo para Logan, principalmente no início, ele relata que sente que formou laços fortes de amizades; “os professores que eu considero como família, sabe!? É uma família pra mim, porque eu nunca tive proximidade tão grande como com os funcionários do IF, como eu nunca tive em outro lugar, até hoje”. Lembra que quando decidiu ir para o IFMS foi porque as escolas públicas, para ele, não supriam suas necessidades;

Eu entrei pra ter um ensino melhor, que eu percebi que as escolas estaduais não estavam suprimindo a necessidade, sabe!? Porque essa metodologia de um professor explica o aluno aprende sozinho não funcionava muito pra mim. Aí com o IEF com a metodologia das monitorias, das permanências, cumpriram essa carência minha.

Ressalta que sente que mudou muito como pessoa depois do tempo que passou no IF; “consciência de classe, de cor, de pensar no outro, de ver a sociedade, analisando todos os fatores, todas as pessoas, foi imprescindível assim, sabe!? Sociologicamente falando”.

Quanto à sua rotina, lembra que era bem cansativo para ele: “era uma rotina puxada, porque todo dia acordava cinco da manhã, né!? Aí pegava o ônibus seis e dez, e tipo assim, eu

acordava muito cedo e eu ficava o dia todo, ficava muito cansado por causa disso”. Sobre a alimentação destaca que pegava marmita, sempre a mais barata, por ser mais acessível, no valor de R\$ 10,00, “a gente sentava no chão para comer, não tinha nada no começo, era muito vazio lá, a estrutura física foi melhorando, com cantina, laboratórios” e finaliza esclarecendo que dos auxílios só recebeu auxílio monitoria, pois foi monitor, e os demais auxílios não se encaixava no perfil, porque contava com a renda dos pais.

4.2.5 ESTUDANTE ROSA

Estudante Rosa						
SEMESTRES	1º período (2017/1)	2º período (2017/2)	3º período (2018/1)	4º período (2018/2)	5º período(2019/1)	6º período(2019/2)
Número de disciplinas matriculada	11	16	15	20	22	13
Número de disciplinas aprovada	11	15	13	15	22	13

No segundo semestre (2017/2) a estudante não atingiu a média apenas na disciplina de matemática II, por cinco décimos, ficando com uma nota final de 6,5. Já no terceiro semestre (2018/1) ela não atingiu sete em duas unidades curriculares:

- Linguagem de apresentação e estruturação de conteúdos I – nota: 6,4;
- Programação orientada a objetos I – nota: 5,5.

No quarto semestre (2018/2), Rosa ficou com cinco pendências, sendo que duas disciplinas foram reprovação por faltas, inclusive em uma delas a estudante não fez nenhuma

avaliação, o que novamente indica abandono da unidade curricular. As outras três disciplinas a estudante não atingiu a média sete, como segue:

- Programação orientada a objetos II – nota: 1,5;
- Matemática IV – nota: 2,9;
- Linguagem de apresentação e estruturação de conteúdos II – nota: 4,2.

Para Rosa, os primeiros semestres foram os mais complicados principalmente porque não sabia como chegaria ao Câmpus Dourados, sua locomoção até a instituição foi um dos seus principais desafios:

Foi bem cansativo, porque tipo, no primeiro semestre eu tive que achar um meio de locomoção. Eu não sabia que tinha duas meninas de Itaporã, e que estudava lá, aí eu tentei encontrar o contato delas, encontrei elas, que é a Carla e a Bella que são minhas amigas até hoje em dia. Ixi até hoje a gente marca um encontro todo ano pra sair juntas. Inclusive a gente se encontrou acho que foi em março agora. Aí elas iam de van, aí minha mãe conversou com o cara da van, pagou a van pra mim, eu aí de ônibus até um lugar, descia e pegava a van e ia pra escola, mas tipo, era bem cansativo mesmo. Porque tipo, eu estava me habituando, acordar mais cedo, acordava cinco horas da manhã pra pegar o ônibus das cinco e cinquenta. Acordava cinco horas, pegava a bike, ia até a rodoviária, deixava a bike lá e pegava o ônibus, depois pegava uma van. Então, eu ia sempre dormindo na van.

Como tudo era novidade para ela, também foi complicado para se adaptar ao formato da grade curricular;

A questão de ser semestral, de disciplinas novas, essa parte também [foi um dilema]. Ah, tudo que é novo é complicado, né!? Então, eu demorei um pouco pra me adaptar, mas eu até que estava indo bem. Foi tranquilo, com os colegas também. Com os colegas de classe no começo, sempre é difícil, né!? Fazer amizade, porque o pessoal mesmo sendo uma escola federal quem entra é elitista, então a pessoa é rico, né!? Não quer saber de se misturar, mas eu encontrei um grupo lá, e eu fiz amizade com a Joana, até hoje a gente é amiga, amiga mesmo, da família a Joana.

Ela reforça que percebia a instituição como um espaço ocupado por muitos estudantes de grupos mais abastadas, neste sentido, ela observa que sua turma “não era muito diversa não, não tinha aluno indígena na minha turma, e tipo pessoas preta não, retintas não, tipo era mais pardo, agora retinto quase ninguém”, e ela percebia que até os alunos pardos eram de grupos sociais mais elitizados. Ainda sobre essa percepção, ela também pontua o lado positivo dessa realidade;

Ah, é bom que eu tive um contato maior com pessoas bem diversas, tipo, de que eu não tinha contato, de classes mais altas e também eles têm muita conscientização, sobre gênero, sobre raça. Eu aprendi muito lá. Coisa que eu não tive contato na escola que eu estudava antes. Então foi bom. Eu aprendi muita coisa e também tinha espaço pra cultura, foi interessante.

Sobre suas principais dificuldades relacionadas às disciplinas e conteúdo, ela destaca que:

Permaneci bem em humanas, e exatas continuava o mesmo, peguei DP em matemática dois, matemática quatro quase peguei, em algoritmos um, mas eu consegui passar no um e no dois. Mas, eu tinha dificuldade na programação, tinha mais facilidade no marketing e construção de leiaute, questão de fala, de propaganda, era muito fácil pra mim, então essas eu tive nota bem alta. Tipo, é acho que tinha alguma coisa do trabalho, uma disciplina do trabalho que era dado pela professora Mari, né!? Eu fiquei com dez em todas, então era suave pra mim.

Sobre sua trajetória, ela discorre ainda que não foi fácil, que “foi pesado sim, nossa foi muito pesado, o IF foi bem, fiquei bem esgotada”, no entanto, também entende que sua trajetória foi importante, principalmente para vivenciar alguns dilemas da vida universitária;

ele contribui, porque a gente, eu tive TCC na minha época, era obrigatória, agora acredito que não é mais. Então eu sei como escrever um texto científico, eu sei fazer um resumo, eu sei fazer uma síntese, sei fazer várias coisas que hoje em dia, quando eu estou fazendo trabalho com alguns colegas de sala, eles não sabem fazer, não sabe pra onde vai. Não sabe fazer um slide, não sabe fazer um texto científico, não sabe colocar uma referência, não sabe formatar nas normas da ABNT. Coisa que eu aprendi no IF.

Relata ainda que pensou em desistir do IF por várias vezes, “eu queria desistir, não de estudar, mas do IF, eu já pensei várias vezes, porque tipo era muito pesado lá”. Percebe-se que sua maior dificuldade de fato foram as disciplinas relacionadas ao ensino profissionalizante, pois envolviam muito os conteúdos da área de exatas, que foram suas principais dificuldades, como ela já mencionou e que podemos notar na explicação que ela dá logo em seguida, “porque tem muitos conteúdos que eu não ia usar na profissão, que eu queria ter, foi bem pesado mesmo”. Mas, ela ainda acrescenta outros fatores importantes também;

Da quantidade de conteúdo que tinha que absorver, a pressão de ter que passar, conteúdo e a estrutura no Instituto Federal, não tem estrutura nenhuma pra estudante pelo menos na época que eu estava lá, que fica um dia integral lá, não tem um lugar decente pra você deitar, podia ter tipo banheiro pra você tomar um banho, alimentação também, não tem, então você tem que comprar, já é mais um gasto, as vezes as pessoas come salgado, isso tudo afeta o nosso aprendizado, alimentação é essencial pra absorver as coisas. Fora que esse conteúdo era tipo bem avançado mesmo, matemática seis, nunca vi até agora, então tipo é meio complexo. Poderia ter algumas matérias que poderiam ser optativas. E porque também no Enem não caiu matemática que eu aprendi, números imaginários, não vi lá.

Acrescenta que a maioria dos professores não tinham muita empatia com os alunos:

Na questão de professores, não tinha muita empatia com o aluno, né!? Às vezes o aluno chegava cansado, as vezes o aluno dormia na sala porque tá cansado, porque vem de outra cidade, a gente vem de outra cidade mais longe que a minha. Então estava cansado, não tem essa empatia, então não auxiliava muito. Tanto conteúdo, quantidade era pesado. Estrutura e essa falta de empatia, também piorava. E também porque eles não tinha, a maioria deles, não dá para generalizar, porque alguns sim tinham uma metodologia diversa, sabe!? Era só isso, isso e isso, e não modificava. Ah, hoje a gente vai ter uma aula mais, vamos fazer lá fora, ou vamos mudar, não vai ser só slide, tinha gente que chegava e só colocava slide, slide, slide, slide. Ai você tá cansada, apagam a luz, a gente faz o quê? Dorme, né?

Apesar de todas essas colocações, Rosa entendia que era preciso persistir, pois para ela o estudo era sua única chance de ascensão social:

Mas, tipo eu nunca ia desistir disso tudo, porque eu sei que ele é necessário, infelizmente, ainda mais pra mim, que sou de classe baixa, então isso tudo talvez me auxiliem, tanto não falo que estudo te ajudar a chegar lá, porque às vezes não ajuda, mas era a base que eu tinha pra poder passar numa faculdade. Então, com a base que eu tive no Instituto Federal, eu consegui entrar numa na faculdade que eu curso hoje, que é o que eu quis.

Por fim, destaca a importância dos auxílios financeiros que recebeu, “desde o início recebi, e era muito importante para pagar pela comida e transporte, os valores mudaram muito, no começo era bem baixo, e não supria todos os gastos”. Rosa também trabalhou de babá, e tinha que conciliar sua rotina ao trabalho:

Eu chegava antes de ter aula integral, eu trabalhava a tarde, né!? Que era só um período, aí a tarde eu ficava com as crianças, mas aí quando começou a ter aula integral eu chegava cinco horas aí ficava com eles até sete, oito e meia, ou nove horas da noite, que era a hora que os pais deles estavam chegando em casa, então é todo dia assim.

4.2.6 ESTUDANTE THOMAS

Estudante Thomas			
SEMESTRES	1ºperíodo (2016/1)	2ºperíodo (2016/2)	3ºperíodo (2017/1)
Número de disciplinas matriculado	11	10	16
Número de disciplinas aprovado	1	8	6

O estudante Thomas solicitou transferência do IFMS no quarto semestre (2017/2), por esse motivo não constam informações depois do terceiro semestre. Observa-se que logo de início (2016/1) o estudante teve tanta dificuldade que só atingiu a média na disciplina de

filosofia, obtendo a nota sete. E acumulou dez reprovações por notas, nas disciplinas descritas abaixo:

- Matemática I – nota: 2,2;
- Sociologia I – nota: 6,3;
- Geografia I – nota: 5,5;
- Informática aplicada – nota: 2,9;
- Língua portuguesa e literatura brasileira I – nota: 5,7;
- Ferramentas de desenho gráfico para web I – nota: 6,5;
- Fundamentos de lógica e programação de computadores I – nota: 2,4;
- Educação física I – nota: 3,1;
- História I – nota: 5,4;
- Química I - nota: 4,7.

Essa situação colocou o estudante em risco quanto à sua possibilidade de permanência na instituição, visto que no regulamento¹⁸ era previsto o desligamento do estudante caso esse não tivesse conseguido atingir a nota sete em pelo menos uma disciplina;

Art. 19. Perderá o direito à vaga o estudante que não realizar a matrícula no período previsto no calendário escolar ou que se enquadre em qualquer uma das situações abaixo: I. (...) II. Quando não obtiver aprovação em nenhuma unidade curricular do primeiro período letivo de ingresso (IFMS, 2012).

No segundo semestre (2016/2) o estudante não atingiu a média em apenas duas unidades curriculares:

- Matemática I – nota: 2,8;
- Química I – nota: 6,6.

No último período que o estudante ficou na instituição (2017/1), houve um total de dez reprovações (mesma quantidade do primeiro semestre), no entanto, em duas disciplinas as reprovações foram por faltas, e as demais por notas inferiores a sete, conforme veremos abaixo:

- Fundamentos para o design web e arquitetura da informação – nota: 3,4;
- Língua estrangeira moderna / inglês I – nota: 1,5;
- Fundamentos para o projeto de interface gráfica - nota: 0,9;
- Educação física II – nota: 5,6;
- Fundamentos de lógica e programação de computadores – nota: 2,0;
- Física I – nota: 5,3;
- Arte – nota: 3,8;
- História II – nota: 6,0.

¹⁸ Regulamento da Organização Didático-Pedagógica dos cursos de Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrado 2012.

Analisando os dados apresentados no histórico acadêmico de Thomas é perceptível as dificuldades que o estudante enfrentou durante os semestres que esteve no Câmpus, neste sentido, ele mesmo confirma seus dilemas, desde o momento da prova de seleção, até sua decisão final de solicitar a transferência de escola. Thomas descreve que no começo foi muito desmotivador, pensava em sair já nas primeiras semanas de aula;

Tanto na primeira semana, na primeira, segunda, terceira, quarta semana até pensei em sair mesmo, sabe!?. Só que daí meu pai falou pra mim, ele falou assim ‘ah você não pode sair’, o meu pai queria que eu me formasse de todo jeito, sabe!? Só que tipo, eu fiquei meio assim né, cara!? Eu falei assim, porque tipo assim, não é nem me desmerecendo, mas eu entendia que eu estava muito abaixo, sabe!? Dos outros, eu estava muito sabe, o ensino que eu tinha, que eu tinha levado. Por exemplo a Isis¹⁹, a Isis já foi outro, sabe!? Outra realidade, né!? Outra realidade, porque ela sempre estudou na cidade, entendeu!? Querendo ou não, o ensino dela foi mais diferenciado, tanto que ela chega mais preparada, tinha coisa que eu não sabia, que eu apanhava e ela tipo já dominava, sabe!? Isso foi uma coisa que eu olhei assim, bem cara, eu vi bem, sabe!? Como é que eu estava atrasado, sabe!? Porque é uma pessoa que vive no mesmo ambiente que eu, certo!? Que praticamente, que tipo assim, que está aqui também quase todo dia, e não sei, mas que tipo assim, pra você ver como as diferenças de ensino, é muito diferente, sabe!? Tipo assim, ela conseguiu meio se adaptar melhor que eu, entendeu? Já eu não, eu tipo, eu sofri demais, sabe!? Demais mesmo.

Thomas narra que só ficou mais tempo, tanto porque seu pai desejava que ele permanecesse no IFMS, mas principalmente porque houve muita persistência dele;

Foi de muita insistência, né cara!? Eu insisti bastante, sabe!? Eu me insisti ao máximo, tanto que você veio, eu fiquei bastante tempo, acho que quase dois anos, se não me engano, eu insisto, bastante mesmo sabe!? Tipo assim, quanto mais me esforçar, tipo assim, sabe!? Eu consegui aprender as coisas, só que tipo assim, quando eu consegui aprender algo, parece que meus colegas estava tipo, sabe!? Dez, cinco passos mais, mais afrente que eu, entendeu!? Daí tipo daí eu vi que eu não ia acompanhar, sabe!?

As disciplinas da formação profissional foram as mais difíceis, até mesmo porque Thomas não tinha nenhum equipamento adequado para auxiliar, nem mesmo internet em casa;

Quantas coisas de exatas que eu não consegui, tanto que na aula de script lá, pra fazer os programas, eu sofria demais, demais, sabe!? Foi muito difícil cara, muito difícil mesmo, sabe!? E só pra você ver e ter uma noção, no ano do que eu entrei no IF, eu não tinha nenhum celular direito, entendeu!? O meu celular ele era um celular de botão ainda. Eu troquei ele no final do ano, que eu peguei o meu primeiro, acho que nas férias, né!? Teve umas férias, um tempo assim, eu trabalhei na borracharia com meu tio, daí eu consegui tirar um celular, eu lembro que até hoje, que era um Motorola, entendeu!? Foi o meu primeiro celular e não tinha nem internet na minha casa, e nem um notebook, entendeu!? Tinha um notebook, só que ele era muito velho, não aguentava baixar nada. Então tipo, foi muito difícil mesmo. Tipo assim, eu lembro que eu cheguei a pegar umas uns livros antigos, comecei a estudar em casa mesmo, sabe!?

¹⁹ Isis (nome fictício) era uma colega de Thomas que ingressou no IFMS no mesmo ano que ele e que também era indígena, mas que havia estudado o ensino fundamental em uma escola particular da cidade.

Ainda sobre sua falta de acesso a equipamentos e internet ele compara o que passou com situações mais recentes:

Só que foi uma coisa tipo assim, que eu vi que eu fiquei muito em desvantagem, porque ano passado pra mim estudar pra ESA, comecei a estudar só pelo YouTube, as matérias, tem um canal lá, que ele passa, né!? Ensina as matérias que vai cair no Enem, as matérias que cai em concurso, né!? Cara, e eu vi tipo assim, cara, que se eu tivesse naquele tempo o acesso a internet, sabe!? As coisas poderiam ser diferentes, sabe!? Porque cara, eu estudei em casa e aprendi super bem cara, fui bem na prova, tudo mais, tirei nota, nota alta, sabe!?

Conta ainda, que passou com nota máxima na prova do Detran, estudando apenas com os conteúdos encontrados na internet, e complementa dizendo: “só pra você ter noção, então tipo assim, conversei com a minha amiga, ela é professora, ela falou assim, cara, você é autodidata”.

Destaca ainda as dificuldades econômicas da família, lembra que sua mãe sempre trabalhou muito, e o pai também, no entanto a renda ainda era insuficiente para suprir as demandas mais básicas do grupo familiar;

Era muito difícil, hoje nós estamos numa situação de vida, melhorou um pouco, mas antigamente era bem pior, sabe!? A gente não tinha muito bem nem o que comer. Como que a gente ia ter? Tipo eu não ia pedir, eu precisava de notebook, mas eu não ia pedir pra ela, pra ela comprar notebook pra mim sabe!? Eu nem pedi pro meu pai colocar internet, tanto que eles conseguiram colocar só depois de um bom tempo, sabe!?

Considerando essa difícil realidade, entende-se que para ele os auxílios da Assistência Estudantil foram imprescindíveis, e Thomas confirma ao relatar que sem os auxílios financeiros provavelmente ele teria saído antes da instituição: “se fosse pra eles pagarem, sabe!? pra mim ir, desde antes, eu acho que eu teria desistido mesmo”.

Thomas destaca outro fator que foi muito importante para sua persistência, por não ter desistido logo de início do IFMS, que foi o sentimento de acolhida, pelos colegas e professores;

Eu me sentia bastante [acolhido], hein!? Até porque, acho que foi por isso que eu não desisti, sabe!? Se eu te tivesse sido excluído, se não tivesse esse trabalho, sabe!? Mental assim, eu acho que eu teria desistido nos primeiros meses, sabe!? Eu lembro que sempre, bastante atenção, sabe!? Todo mundo, né!? Tinha bastante amizade, que os cara tem até hoje, né!.

Mas, o sentimento mais latente em Thomas era o de insuficiência e frustração, ele entendeu que por mais que tentasse ainda não conseguiria acompanhar os colegas da turma:

Porque eu me sentia assim, cara, que mesmo que eu me esforçasse, eu não ia conseguir acompanhar, entendeu!? Os meus colegas, sabe!? Porque tinha muita coisa aqui, tipo assim, tinha estudado, era tipo assim, desde o começo, sabe? As coisas básicas, tipo assim, eu sofria muito pra pegar.

Mesmo tendo sentido frustração em sua trajetória no IFMS, Thomas também entende que o IFMS foi importante, e proporcionou oportunidades de crescimento intelectual, “tem umas coisas assim, que é foi boa também, porque tipo assim, umas coisas que eu fiquei melhor ainda, né!? Que eu sempre gostei de humanas, eu consegui tipo ter um intelecto melhor ainda, eu consegui aprender melhor ainda, né!?”. Completa trazendo que “eu pensei que tinha sido tudo em vão, né!? Só que daí eu vi que não foi, né!? Porque tipo assim, o meu intelecto tinha melhorado, eu tinha melhorado as matérias também, entendeu!?”.

4.2.7 NOTAS GERAIS: DA CONVERGÊNCIA DOS RELATOS

Os primeiros semestres são marcados pelo estranhamento inicial, pela novidade da mudança de escola, e de todas as implicações relacionadas a um contexto bastante desconhecido. Também é um período crucial para a adaptação dos estudantes, momento de compreender a organização e as normativas desse espaço, o que traz empolgação, mas também medos e receios do desconhecido. Neste sentido, Tetzlaff (2017) pontua também esse momento na sua pesquisa:

Para analisarmos esse período de estranhamento relatado pelos estudantes – ao ingressarem no IFSP e “encontrar um mundo totalmente diferente, laboratórios que funcionam, professores que utilizam slides”, verem suas notas caírem e conseguirem se recuperar -, podemos apontar os estudos de Coulon (2008), que, ao investigar a passagem dos estudantes do ensino médio para o ensino superior, considera três tempos no processo de adaptação ao novo ambiente escolar: estranhamento, aprendizagem e afiliação. Segundo o autor, o “tempo de estranhamento” é caracterizado como o tempo em que o estudante entra em um universo desconhecido e as instituições rompem com a familiaridade de seu espaço anterior. Sobre a “aprendizagem”, é o tempo em que o estudante se adapta progressivamente e uma nova acomodação se produz. Logo, o “tempo de afiliação”, trata-se do período de manejo às regras, observado pela capacidade de interpretá-las ou transgredi-las (p.53).

Nota-se que todos os estudantes destacam a importância de ter passado pelo IFMS, mesmo quando o desfecho não tenha sido o esperado. Percebe-se que eles exaltaram as permanências dos docentes (PEs) e as monitorias, tanto vivenciando a experiência de monitores, ou sendo estudantes guiados por seus colegas. Outro destaque importante foram os projetos de pesquisas, eventos científicos, esportivos e culturais, quase todos os momentos vivenciados além da sala de aula.

A relação de proximidade que sentiram com seus professores e equipe técnica, também é muito evidente, no entanto, é importante frisar que essas turmas foram as primeiras do Câmpus Dourados e como bem colocou Bernardo, a escola inicialmente era bem “vazia”,

situação que possivelmente facilitou essa proximidade com os estudantes, que estavam em pouquíssima quantidade nesses primeiros anos de implantação do Câmpus. Apesar de toda proximidade dos estudantes com os servidores, da relação percebida como de amizade com os professores, nota-se também as falas sobre a falta de empatia de alguns docentes, assim como algumas aulas com didáticas pouco atraentes para os estudantes, com pouca ou nenhuma estratégia, tanto para se pensar no estudante com dificuldade de aprendizagem como para lidar com os alunos exauridos com a rotina.

Outro ponto de destaque foram os auxílios ofertados aos estudantes, a importância de um apoio financeiro foi crucial para alguns estudantes e muito importante para a maioria deles. O Programa de Assistência Estudantil, descreve em seu artigo primeiro que,

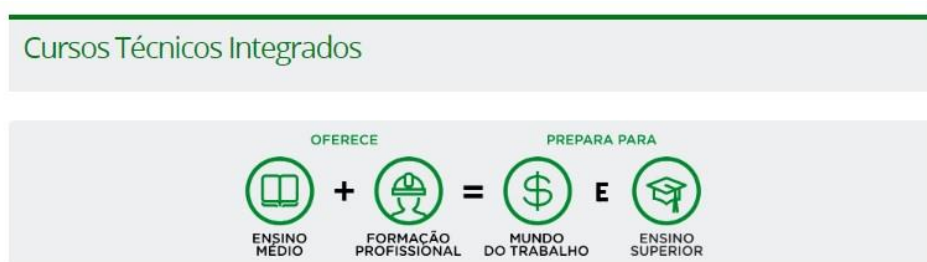
O Programa de Assistência Estudantil (Paes) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul (IFMS) caracteriza-se pela oferta de atendimento técnico e auxílios aos estudantes da instituição em situação de vulnerabilidade socioeconômica, visando contribuir para a sua permanência, prevenção a evasão e o êxito acadêmico.

4.3 – Da Formação Profissional

Neste tópico os estudantes relatam como compreendem a formação no aspecto profissional, para isso, foram elencadas cinco perguntas norteadoras, para tentar entender como eles vivenciaram essa configuração de ensino profissionalizante, e quais foram os destinos profissionais e acadêmicos após a saída do IFMS.

1. Sentiu que estava sendo preparado para o mundo de trabalho?
2. Qual foi a contribuição do IFMS na sua formação?
3. Você acredita que o IFMS contribuiu para sua entrada no mundo de trabalho?
4. Você realiza atividades que estão relacionados com a sua formação no IFMS?
5. Você cursa hoje ensino superior? O curso escolhido está relacionado a sua formação no IFMS?

Ressalta-se que os cursos técnicos profissionalizantes visam à formação dos discentes para a continuidade dos estudos, enquanto trabalham habilidades e aptidões para o mundo de trabalho, conforme demonstrado no quadro que segue:



FONTE: IFMS (2023)

Desta forma, a estrutura curricular prevê:

A estrutura curricular dos Cursos de Educação profissional Técnica de Nível Médio na forma integrada, do IFMS, apresenta bases científicas, tecnológicas e de gestão de nível médio, dimensionadas e direcionadas à área de formação. Estas bases são inseridas no currículo, ou em unidades curriculares específicas, ou dentro das unidades curriculares de bases tecnológicas, conforme se fazem necessárias. Dessa forma a estrutura curricular do Curso Técnico em Informática para Internet é composta da formação geral de nível médio, da formação técnica e da parte diversificada, devendo totalizar a carga horária mínima estabelecida pela legislação vigente (IFMS-PDI, 2023, p 24).

Bernardo, concluiu o curso no início de 2019 e em seguida participou de um processo de seleção para contrato temporário na Secretária de Educação do Estado. Ele lembra que essa decisão foi influenciada pela reprovação em matemática, situação que o fez entrar inicialmente para o mundo de trabalho, pois só resolveu sua pendência em matemática após o prazo final do período de matrícula do curso superior no qual havia passado.

Em dois mil e dezoito eu fiquei em matemática só, aí eu fiz a turma de verão e aí no começo de dois mil e dezenove faltou uma matéria, aí eu tinha passado numa faculdade, eu não consegui por causa da matéria, não deixaram eu fazer a matrícula. Aí eu falei, ah, vou aproveitar e ir trabalhar, eu fiquei trabalhando esse ano, aí eu comecei trabalhar na escola, trabalhei no Capilé como técnico suporte de tecnologia.

Complementa que sua passagem pelo curso foi de grande importância para ingresso no mundo de trabalho, “tipo, graças ao Técnico Integrado eu saí em dois mil e dezenove já arrumei um emprego, tipo um concurso estadual, concurso de título, né!? Daí fiquei até esse ano, aí eu saí esse ano, tipo graças a ter estudado três anos aqui”.

Bernardo lembra que em 2020 passou novamente na universidade, para um curso integral, mas por não querer parar de trabalhar desistiu da matrícula e só depois decidiu começar à faculdade em uma instituição particular no período noturno, para conciliar com o trabalho.

Sobre as disciplinas de formação profissional Bernardo destaca que “os professores sempre lembravam isso, que você iria ser profissional” e que como profissional poderiam “abrir uma empresa, um negócio”. Outro ponto importante que ele destaca é sobre não ter uma disciplina das matérias gerais para que as unidades curriculares do técnico tivessem espaço na grade curricular “química não tinha, que era pra ter, pra tipo do ensino médio normal, que tiraram pra poder ter mais espaço, né!? Na grade. Tipo, acho que química orgânica”.

Atualmente está em outro ramo profissional, não trabalha diretamente com sua formação técnica, mas destaca a importância do conhecimento adquirido:

outra coisa agora, eu tô trabalhando no escritório de contabilidade, aí como eu entreguei, né!? o currículo, estava conversando e ele [empregador] falou assim ‘um diferencial’, não é importante a palavra, mas é uma coisa que destaca. E saber tipo de

informática, porque hoje em dia tudo é sobre isso, e no escritório a plataforma, o programa, e tudo lá que é feito em registro, não tem nada mais no papel estão tentando acabar com a era do papel. Ter feito esse curso, mesmo que eu não trabalho mais diretamente, diretamente em programação, essas coisas, mas saber entender como funciona um programa, como as coisas são, tipo, ajuda bastante.

Neste mesmo sentido Bernardo explica também o conceito de *affordance*, que se define como conhecimentos adquiridos que podem ser empregados em novas situações, de forma intuitiva, sem a necessidade de grandes explicações.

tem um negócio, que é quando, por exemplo, é uma coisa que está lá, e você não precisa ter dificuldade pra entender que é pra fazer isso. Por exemplo, está no banheiro aí você não sabe qual que é o idioma, mas sabe qual que é o de mulher. Porque a plaquinha ela é *affordance* real, muito explícito, é fácil de entender. Aí tipo, eu acho que graças ao curso, que essa é uma coisa que eu aprendi, é graças ao curso, tipo, um programa tem muito isso, tem coisa assim que não precisa que ninguém ensine, eu já sei, tipo certinho que isso vai fazer isso, ou a janela vai ter determinados itens.

Claudia relata que sentiu que foi preparada para entrada no mundo de trabalho, principalmente com as disciplinas da parte técnica, e com essa bagagem ela acredita que a entrada no mundo de trabalho seria muito facilitada, “a gente aprende bastante pro mercado de trabalho, e ainda mais na parte de informática, né!? Que a gente tipo, se a gente for trabalhar com alguma coisa relacionada a isso, você consegue uma vaga facilmente, né!?”.

Mesmo não trabalhando ou estudando na área da formação técnica, ela destaca a aprendizagem do ensino médio técnico como importante para realizar o curso superior que faz atualmente, “ainda mais as normas (...) como fazer uma referência bibliográfica, aprendi aqui, e um TCC, eu aprendi aqui, então isso já está me ajudando muito, nos projetos que eu estou fazendo, que já fiz na faculdade, me ajudou muito”.

Com o instituto, pra mim, eu acho que o instituto ajuda muito tanto no profissional quanto no pessoal, pessoa. E também é como se fosse já uma faculdade, eu falo no sentido de ter turno, sabe!? Você já vai, sai daqui preparado pra faculdade mesmo, e tudo que você aprende aqui te ajuda muito lá, lá na frente.

Para Gabriela a finalização do curso garantiu um trabalho como arte finalista, e descreve que durante sua formação sentiu que:

me senti preparada, tanto que quando eu saí do IF, né!? A gente era, pra gente ter terminado em dois mil e vinte, porém no finalzinho, eu acredito que dois professores tiveram problemas de saúde, e aí a gente foi terminar em janeiro de dois mil e vinte e um, e aí com toda essa questão da pandemia, a quarentena e tudo mais, atrasou um pouco, né!? Os resultados lá, as chamadas da universidade, então eu fiquei um período ali sem o IF, sem a faculdade. E aí nesse período eu fui trabalhar. E aí eu trabalhei, né!? Na área que eu aprendi do IF, eu trabalhei na área de designer, né!? Eu trabalhei como arte finalista na área de programação.

Relata ainda como foi esse início do seu ingresso no mundo do de trabalho:

Eu fui na entrevista, e aí o meu patrão, né!? da época, perguntou tudo o que eu tinha no currículo, né, claro! A minha formação, as especificações ali, de tudo que eu conhecia, e aí ele perguntou dos programas que a gente tinha aprendido a usar no IF, e tudo mais. E aí eu falei que eu conheci sim, eu acredito que tenha sido, tenha sido um pouco mais fácil, porque ele tinha realmente uma percepção, de assim, ele falava que eu sabia, a base pro trabalho, e aí fazer o trabalho tinha que aprender, na prática, né!? Não tem, não tinha como eu entrar sabendo fazer o trabalho que eu iria fazer lá, então foi muito mais simples pra mim porque realmente eu, a gente aprendeu um programa no IF, e eu usava outro lá, só que o programa que a gente aprendeu no IF ele é profissionalizante, então a partir dele eu consegui usar o outro, entendeu? Que o outro ele não é tão usado profissionalmente, mas aí eu já sabia usar aquele, né!? Então uma coisa levou a outra e aí ficou, ficou bem mais fácil.

Destaca também:

Mas, sim eu saí realmente me sentindo preparada pra poder trabalhar nessa área, que me interessava, né!? E teve disciplinas que tratavam, né!? trabalhavam a questão da formação profissional, né!? Teve orientação pra atuação profissional, desde ali da entrevista, pra como se portar, de como buscar, como se adaptar, né!? Toda a experiência e tudo mais. E também a experiência com o estágio, né!? Acho que eu fazia ali basicamente nesse emprego que eu entrei, né!? Eu entrei numa agência de publicidade, e era o trabalho que eu exercia lá foi bem próximo do trabalho que eu exerci na rádio, que eu fiz o, que eu realizei o estágio.

Hoje Gabriela não faz nada diretamente relacionado a área de informática, visto que, precisou conciliar um novo trabalho, na área do comércio, no período noturno, com a faculdade que é integral. No entanto, destaca a importância de suas vivências no ensino médio profissionalizante:

eu tenho pessoas na minha turma que quando a gente entrou o primeiro semestre, eu fiz EAD né!? Que quando a gente entrou, a gente tinha que apresentar um seminário, e teve gente que não fazia a menor ideia de como faria. Assim, não, não conhecia nada. Então eu acho, que às vezes parece que é uma coisa simples, mas faz uma diferença absurda, você ter uma noção de como que faz um seminário, como que monta o slide, ali uma percepção mínima, uma visão mínima ali, de por slide, de cor, da forma, né!? Pro slide ficar melhor. Acho que faz toda a diferença. E essa experiência com a pesquisa também, eu comecei agora na verdade a fazer pesquisa dentro da faculdade, mas também foi, é uma experiência assim que eu estou vivendo é uma instituição diferente, mas que eu tenho ali todo o conhecimento que eu adquiri tendo feito pesquisa no IF.

Logan, descreve que se sentia totalmente preparado para o mundo de trabalho e destaca uma professora com formação de administração que lecionava disciplinas voltadas ao mundo de trabalho, “aquelas matérias da Mari, foram essenciais pra mim”. Atualmente estuda em um curso integral na área de saúde, logo não está relacionado com a formação inicial que teve no IFMS.

Rosa destaca a mesma professora citada por Logan;

pela matéria da Mari, que ela, acho que alguma coisa da atuação profissional, que eu não lembro exatamente o nome, ela ensina como é no mercado, sabe!? como funciona, e tem um, dois ou três, é tipo empreendedorismo que tem, como te ensinar a montar um negócio, sabe!? Então é bem interessante. E também tem a matéria da, próxima matéria que a Fabrícia deu pra gente. Que falava sobre, que era como se a

gente fosse o cliente de outras pessoas que precisavam de pessoas de TI, e ela mostrou a realidade de como é mesmo uma pessoa quando ela está procurando alguém pra fazer o a identidade visual da marca. (...) e eu também fiz estágio na Sinergia Nerd e trabalhei com ele, trabalhei em projeto com ele lá, quando teve evento, auxiliei nas redes sociais. Então, sim eu me senti na área de TI assim, eu me senti preparada pro mercado de trabalho. Que era o foco do meu curso.

Atualmente Rosa não exerce atividades relacionadas à formação do IFMS, mas ressalta que com a base que obteve no Instituto conseguiu passar na UFGD e se matricular no curso que está fazendo: “então, com a base que eu tive no Instituto Federal, eu consegui entrar na faculdade que eu curso hoje”. E ressalta que os conhecimentos adquiridos também são muito importantes para sua trajetória na universidade:

foi pesado assim, nossa foi muito pesado o IF, foi bem, fiquei bem esgotada, mas ele contribui porque a gente, eu tive TCC na minha época era obrigatória, agora acho, acredito que não é mais. Então eu sei como escrever um texto científico, eu sei fazer um resumo, eu sei fazer uma síntese, sei fazer várias coisas, que hoje em dia, como eu estou atualmente, quando eu estou fazendo trabalho com alguns colegas de sala, eles não sabem fazer, pra onde vai, não sabe fazer um slide, não sabe fazer um texto científico, não sabe colocar uma referência, não sabe formatar nas normas da ABNT. Coisa que eu aprendi no IF.

Thomas, recorda das orientações sobre o mundo de trabalho, mais especificamente sobre as instruções que envolviam a preparação para entrevistas de emprego:

eu lembro que a professora Karina, de português, ela falava muito isso pra nós, sabe!? Que tipo assim, que a gente tem que enxergar como um patrão, sabe!? Como o patrão queria que enxergar o seu funcionário, sabe!? Eu lembro que assim, falava que a gente tinha que ter calma, né!? Numa entrevista, caso a gente, que nem o meu patrão falou, falou pra mim assim ‘por que você quer esse serviço?’ Daí eu falei, né!? Que tipo assim, que pra mim seria uma experiência nova, que seria uma nova oportunidade, sabe!? que eu poderia, sabe? desenvolver um bom papel, até porque eu servi no exército já também, né!? O exército ele ensina muito isso também, sabe? Que como que o tipo comprometimento que você tem que ter com sua empresa, sabe? O horário sabe!? Pontual.

Pontua ainda, que entende que é preciso continuar estudando, e que no IFMS compreendeu que era preciso crescer e aprender mais;

eu vi, tipo assim, que eu tinha muito mais coisa pra aprender do que eu já sabia, entendeu!? Muito mais, tipo que eu tinha que ser, que eu tinha que sempre evoluir mais, né!? Tinha que estudar hoje em dia, e eu acho que eu consigo, sabe!? O problema agora que eu queria fazer uma faculdade, eu até ia fazer prova, eu ia fazer lá, pra mim passar no UFGD, sabe!? Só que daí eu arrumei esse serviço, ele é praticamente integral, né!? Que eu trabalho de manhã, à tarde e à noite praticamente, daí eu não tenho tempo, sabe!? Mas, tipo eu troco de serviço, pra mim começar a fazer uma faculdade, sabe!? Nem que seja ali na UNIGRAN, entendeu?.

Apesar de ter concluído o ensino médio só após sua saída do quartel, e que antes do quartel, e após sair do IFMS, ele ainda estudou um período em uma escola da aldeia. Mesmo após todo esse percurso, acredita que o IFMS contribuiu para sua entrada no mundo de trabalho,

com que aprendeu nos conteúdos, atualmente Thomas trabalha como promotor de uma marca de alimentos em mercados varejistas de Dourados.

As disciplinas relacionadas à preparação dos estudantes ao mundo de trabalho foram os principais destaques para a maioria deles, percebe-se que reconhecem de fato que estavam em processo de formação, para conhecer e entender esse novo contexto da vida social, neste sentido o PPC (2019) traz que,

Para a formação técnica os conteúdos são definidos de modo a possibilitar a construção de conhecimentos e saberes, bem como o desenvolvimento das habilidades necessárias ao alcance do perfil profissional do egresso. São contemplados ainda componentes curriculares articuladores, tais como, os conteúdos da área de gestão, visando à construção de conhecimentos que permitam inserção do educando no mundo do trabalho de forma crítica e capaz de ação transformadora (p.24).

O estágio profissional²⁰ realizado pelos estudantes acontece nos últimos semestre e certamente oportuniza experiências que agregam ainda mais preparo e conhecimento aos estudantes para seu ingresso no mundo de trabalho. O IFMS (2019) defende que o estágio é “ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos, relacionado diretamente ao curso que estiver cursando regularmente” (p.59).

Outra informação interessante levantada por quase todos, foi a experiência adquirida na escrita, na elaboração dos projetos de pesquisa e principalmente no desenvolvimento do TCC, proporcionando conhecimento sobre regras e formas de escrita, experiência que se destaca na universidade, e que ameniza angústias comuns dos acadêmicos nesse quesito.

²⁰ O estágio profissional supervisionado obrigatório, baseado na Lei n. 11.788, de 25 de setembro de 2008, no Regulamento da Organização Didático-Pedagógica e no Regulamento de Estágio dos Cursos de Educação Profissional Técnica de Nível Médio do IFMS, é uma atividade curricular obrigatória no Curso Técnico em Informática para Internet. O estágio deverá ser iniciado a partir do 4º semestre, com carga horária mínima de 100 horas e seguirá regras e normatizações próprias constante no Regulamento do Estágio do IFMS (IFMS, 2019, p.59).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o ensino fundamental as trajetórias dos estudantes são bem similares, tendo em vista que, quase todos eles se destacaram como bons estudantes, apresentando boas notas e bom comportamento, e ainda, tendo o apoio e incentivo de seus pais/responsáveis e de professores para o ingresso numa Instituição Federal, assim como observado na pesquisa de Tetzlaff (2017), em seu trabalho sobre estudantes que ingressaram no Instituto Federal de Educação, Ciência e tecnologia de São Paulo (IFSP).

Deste modo, é possível sugerirmos que talvez os IFs tenham um certo perfil de ingressantes, os que são considerados “bons alunos” durante o ensino fundamental, e o processo de seleção certamente corrobora para essa característica, visto que, o estudante que obtém um melhor desempenho na prova de ingresso, terá maiores chances de conquistar uma vaga. Entendendo assim que, certamente esse fator possibilitou que os estudantes pretos, pardos e indígenas, oriundos das camadas populares pudessem ingressar no ensino profissionalizante, por meio das cotas étnico-raciais.

No entanto, apesar do nosso grupo pesquisado apresentar trajetórias iniciais similares, após o ingresso no IFMS essa característica se distingue principalmente no decorrer dos semestres, apresentando características únicas, com trajetórias bem específicas e singulares.

A trajetória do estudante Bernardo durante o ensino fundamental e também no ensino médio é marcada pelo bom desempenho, e as pouquíssimas reprovações apresentadas em seu percurso no IFMS, são resultados das escolhas e falta de dedicação nas unidades curriculares que não obteve aprovação, segundo o próprio estudante.

Enquanto a estudante Claudia apresentou muita dificuldade para concluir o ensino médio, precisando estender por mais dois semestres sua permanência na instituição, visto às quatorze reprovações que teve no decorrer dos semestres. Notou-se que a principal dificuldade foram as disciplinas relacionadas às áreas de exatas, e da parte técnica, que também envolve muitos cálculos. Apesar das dificuldades enfrentadas pela estudante, com tantas reprovações, com a distância da instituição, com os transportes que precisava para se deslocar da zona rural até o IFMS, a estudante não pensou em desistir, persistiu e conseguiu concluir seu ensino médio profissionalizante.

Gabriela apresentou um dos melhores desempenhos entre os estudantes pesquisados, seu percurso se destaca principalmente porque a estudante não reprovou em nenhuma disciplina durante os três anos, e despontou ainda na área da pesquisa, inclusive ganhando prêmios, assim sua trajetória está fortemente marcada pelo êxito escolar.

Logan apresentou muitas reprovações no período que esteve no IFMS, e assim como

Claudia sua principal dificuldade estava relacionada às áreas de exatas, no entanto, diferente da colega, o estudante Logan optou por desistir do curso, pois entendeu que não compensaria seu esforço, visto que seu objetivo era dar continuidade aos estudos em outra área do conhecimento, e por isso, decidiu fazer as provas do Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (Encceja) para concluir o ensino médio. E apesar da desistência do curso, o estudante ainda participa das atividades da Instituição e nota-se que ele não se sentiu frustrado com o desenrolar de sua trajetória.

A estudante Rosa, apesar de apresentar algumas reprovações no segundo, terceiro e quarto semestres, não ficou retida em nenhum momento e conseguiu atingir a média em todas as unidades curriculares nos dois últimos semestres, concluindo assim, o ensino médio profissionalizante no tempo previsto. Mesmo com inúmeros obstáculos para superar, como os três tipos de transporte para chegar na escola, e tendo ainda que conciliar trabalho e estudos, ela obteve êxito, resultado que pode ser compreendido graças ao entendimento de Rosa sobre os estudos, visto que, para ela essa era sua única chance de tentar garantir alguma forma de ascensão social.

Já a trajetória do estudante Thomas é fortemente marcada pela frustração e desesperança frente ao ensino ofertado pelo IFMS, considerando-se as colocações do estudante, que entendia que aquele espaço não era para ele, pois sua base de estudo durante o ensino fundamental não poderia comportar os conteúdos cobrados durante o ensino médio profissional.

A pesquisa demonstrou que, apesar das singularidades iniciais de cada percurso aqui observado, nota-se que as trajetórias de estudantes pretos, pardos e indígenas são marcadas por vários desafios, que perpassam questões de racismo, desigualdades econômicas e sociais, além das defasagens escolares. A triste experiência do racismo, como observado na trajetória das estudantes negras Gabriela e Claudia, lembrando que esta última carregou o estigma da timidez como possível consequência dessas violências (vivenciada no ensino fundamental). O desafio de conciliar trabalho e estudos, considerando-se a necessidade de ajudar financeiramente o grupo familiar e de permanecer no IFMS, como notado na trajetória da estudante parda, Rosa. E a grande defasagem escolar vivenciada pelo estudante indígena Thomas, oriundo da aldeia, o que demonstra o pouco investimento do Estado na educação indígena, contexto que proporcionou uma grande frustração do estudante durante seu percurso escolar no IFMS.

Concluído este trabalho, algumas questões ficaram mais evidentes, e dentre elas, a ideia de que estudantes indígenas não se sentem representados no IFMS, ou muitas vezes não são motivados a estarem aí, visto que, até o exato momento nenhum estudante indígena conseguiu

concluir o curso Técnico no Câmpus Dourados, o que reforça tal realidade. Com isso, fica a indagação: que tipo de trabalho está sendo feito junto às comunidades indígenas para motivar os adolescentes e jovens a buscarem o IFMS como uma instituição na qual desejem estudar? Sabemos que todas as vezes em que é lançado um novo edital de seleção de estudantes para novos cursos, é feito um trabalho de divulgação nas escolas, nas redes sociais, sempre buscando captar um público considerável, no entanto, será que os indígenas se sentem contemplados? Ou será que a exclusão já começa antes mesmo da seleção, uma vez que causam neles o sentimento de incapacidade?

Em relação aos negros, apesar das várias colocações dos estudantes sobre a temática étnico racial, que tipo de incentivo e de representatividade realmente é observado no IFMS? Não foi observado relatos sobre a existência de arte, painéis, trabalhos voltados à cultura afro, que proporcionasse identificação e visibilidade aos negros, fato que proporcionaria a sensação de pertencimento de orgulho de suas origens. Não poderia ser a solução, mas certamente contribuiria muito para melhorar a inclusão desses grupos.

Por fim, entende-se que a pesquisa conseguiu trazer algumas informações e provocar importantes reflexões sobre a trajetória escolar do grupo pesquisado, no entanto houve alguns desafios para a realização da pesquisa, principalmente fatores percebidos durante as entrevistas, tais como: a pressa do estudante em terminar logo a entrevista, o receio em fazer ponderações negativas da Instituição, timidez de alguns participantes e problemas técnicos relacionados ao uso de equipamentos eletrônicos, gerando assim algumas limitações na pesquisa.

Indica-se para estudos posteriores, uma maior abrangência do público pesquisado, ampliando assim o número de entrevistado, como a possibilidade de entrevistar também pais e responsáveis, para melhor compreender essas trajetórias escolares.

6. REFERÊNCIAS

AGUIAR, Márcio Mucedula. **A especificidade da ação afirmativa no brasil: A EXPERIÊNCIA DO CENTRO NACIONAL DE CIDADANIA NEGRA EM UBERABA – MG.** Tese de Doutorado SÃO CARLOS: UFSCar, 2005.

_____, Márcio Mucedula; ANDRADE, Rogério de; MARQUES, Eugenia Portela de Siqueira; ALMEIDA, Fernanda Alexandrina de. Ação afirmativa e inclusão étnico-racial: estudo preliminar das políticas de acesso e permanência na Universidade Federal da Grande Dourados entre 2011 e 2013. **O Social em Questão**, a. 27, n. 32, 2014. Disponível em: http://osocialemquestao.ser.puc-rio.br/media/OSQ_32_5_Aguiar_Andrade_Marques_Almeida_WEB.pdf. Acesso em: 28 dez. 2020.

AMATUZZI, Maria Luiza I.; BARRETO, Maria do Carmo C.; LITVOC, Julio; LEME, Luiz Eugênio Garcez. Linguagem Metodológica - Parte 1

BENATTI, Vania Pereira Morassutti; AGUIAR, Márcio Mucedula. Diagnóstico da evasão universitária nas séries iniciais dos cursos presenciais da graduação da UEMS em 2014: um estudo comparativo entre os ingressantes pelo regime de cotas e os de ampla concorrência. **Série-Estudos**. Campo Grande, MS, v. 23, n. 48, p. 195-217, maio/ago. 2018. Disponível em: <https://serieucdb.emnuvens.com.br/serie-estudos/article/view/1100/pdf>. Acesso em: 29 dez. 2020.

BOURDIEU, P. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à Cultura. In. Nogueira, M.A; Catani, A. (orgs.). Escritos de Educação. Petrópolis: Vozes, 2012.

BRASIL. **DECRETO Nº 7.566, DE 23 DE SETEMBRO DE 1909.** Crêa nas capitais dos Estados da República Escolas de Aprendizes Artífices, para o ensino profissional primário e gratuito. Rio de Janeiro: 23 de setembro de 1909. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf3/decreto_7566_1909.pdf>. Acesso em: 04 maio de 2022.

_____. **L. Lei nº 12.711 de 29 de Agosto de 2012.** Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Brasília: Palácio do Planalto, 29 ago. 2012. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/12711.htm>. Acesso em: 09 jan. 2021.

_____. **Ministério da Educação.** Políticas Públicas para a educação Profissional e Tecnológica, Brasília abril de 2004. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/p_publicas.pdf. Acesso em: 20 abril 2022.

_____. **Ministério da Educação.** Rede Federal - Histórico. c2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/rede-federal-inicial/historico>. Acesso em: 09 jan. 2021.

_____. **Ministério da Educação.** Expansão da Rede Federal. MEC, 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/setec-programas-e-aco/es/expansao-da-rede-federal>. Acesso em: 09 abril. 2022.

_____. **Ministério da Educação.** Educação Profissional Técnica de nível médio integrada ao ensino médio - documento base – 2007. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/documento_base.pdf. Acesso em: 10 maio 2022.

_____. **Ministério da Educação.** Um Novo Modelo em Educação profissional e tecnológica: Concepção e Diretrizes – 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6691-if-concepcaoediretrizes&category_slug=setembro-2010-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 15 maio 2022.

_____. **Ministério da Educação.** Em três anos, Lei de Cotas tem metas atingidas antes do prazo. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/212-educacao-superior-1690610854/30301-em-tres-anos-lei-de-cotas-tem-metas-atingidas-antes-do-prazo>. Acesso em: 10 jun. 2022.

_____. **Ministério da Educação.** Plataforma Nilo Peçanha. Disponível em: [https://www.gov.br/mec/pt-br/pnp#:~:text=Tem%20como%20objetivo%20reunir%20dados,Educa%C3%A7%C3%A3o%20\(SETEC%20FMEC\)..](https://www.gov.br/mec/pt-br/pnp#:~:text=Tem%20como%20objetivo%20reunir%20dados,Educa%C3%A7%C3%A3o%20(SETEC%20FMEC)..) Acesso em: 10 jul. 2021.

_____. **Agência Senado.** Dez anos após sanção, norma passa por avaliação e reacende o debate sobre reserva de vagas para negros e indígenas em universidades. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2022/02/lei-de-cotas-tem-ano-decisivo-no-congresso>. Acesso em: 13 de jun. 2022.

BRAZOROTTO, Cintia Magno; VENCO, Selma Borghi. Educação Profissional no Brasil: história e política dos institutos federais. ETD- Educação Temática Digital Campinas, SP- v.23, n.2 p. 487-505 abr./jun. 2021

CAMPOS, Luiz Augusto; BARBOSA, Rogério; RIBEIRO, Jheniffer & Feres Júnior, João. **Políticas de ação afirmativa nas universidades públicas brasileiras** (2020). Relatório das Desigualdades Raciais (GEMAA), IESP-UERJ, 2022, p. 1-22.

CARDOSO, Claudete Batista. **Efeitos da Política de Cotas na Universidade de Brasília: uma análise do rendimento e da evasão**. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade de Brasília - Brasília 2008. Disponível em: <http://flacso.redelivre.org.br/files/2012/07/44.pdf>. Acesso em: 04 jan. 2021.

CAIRES, Vanessa Guerra. **Educação Profissional: diálogos com Durkheim, Weber e Marx**. Revista do Instituto de Ciências Humanas, v.8, n.9, p. 10 - 22, 2013.

CUNHA, Luiz Antônio. O ensino de ofícios nos primórdios da industrialização. São Paulo: Editora UNESP; Brasília: Flacso, 2000.

DAVIM, R.M.B. et al. Adolescente\Adolescência: Revisão teórica sobre uma fase

crítica da vida. Universidade Federal do Rio Grande do Norte\Natal-Brasil. Rev. Rene.

Fortaleza, v. 10, n. 2, p. 131-140, abr./jun.2009<
<http://periodicos.ufc.br/rene/article/view/4787/3541>>

DORE, Rosemary; LÜSCHER, Ana Zuleima. Permanência e Evasão na Educação Técnica de Nível Médio em Minas Gerais. p. 772-789 V.41 N.144 SET./DEZ. 2011 **Cadernos de Pesquisa**. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cp/v41n144/v41n144a07.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2021

FERRAZ, Maiusa. **Educação profissional: entre o acesso e a exclusão**. Curitiba: CRV. Coedição: Salvador: EDIFBA, 2021.

GASKELL, G. (2002). Entrevistas individuais e grupais. In: M. W. Bauer & G. Gaskell, G. (Org.)

GOMES, Lino Gomes. Educação e relações raciais: refletindo sobre algumas estratégias de atuação. In MUNANGA, Kabengele (org.). Superando o Racismo na escola. 2ª edição revisada

– [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. Disponível em: [http://www.uel.br/projetos/leafro/pages/arquivos/MUNANGA%20K%20-%20Superando%20o%20Racismo%20na%20Escola%20\(sem%20capa\).PDF](http://www.uel.br/projetos/leafro/pages/arquivos/MUNANGA%20K%20-%20Superando%20o%20Racismo%20na%20Escola%20(sem%20capa).PDF). Acesso em 24 de out. 2022.

GONÇALVES, Nadia G.; GONÇALVES, Sandro A. **Pierre Bourdieu: a educação para além da reprodução**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. - (Coleção Educação e Conhecimentos)

IBGE. Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. (Série Estudos e Pesquisas. Informações Demográficas e Socioeconômicas, n. 41).

IFMS. **Estatuto do IFMS**. Campo Grande: IFMS, jul./2016. Disponível em: <<https://www.ifms.edu.br/centrais-de-conteudo/documentos-institucionais/estatuto-e-regimentos/estatuto-do-ifms.pdf>>. Acesso em: 22 jan. 2021.

_____. **Exame de Seleção 2010** - EDITAL 001/2009- PROEN Técnico Integrado - Edital 009/2012. ed. Campo Grande: IFMS, 2010. Disponível em: <https://selecao.ifms.edu.br/edital/files/tecnico-integrado-edital-no-001-2009-edital-001-2009-exame-de-selecao-2010-abertura.pdf>. Acesso em: 22 maio. 2022.

_____. **Exame de Seleção 2013** - EDITAL 009/2012- PROEN Técnico Integrado - Edital 009/2012. ed. Campo Grande: IFMS, 2012. Disponível em: <https://selecao.ifms.edu.br/edital/files/tecnico-integrado-edital-no-009-2012-edital-009-2012-exame-de-selecao-2013-abertura.pdf> .Acesso em: 22 maio. 2022.

_____. **Exame de Seleção 2017** - EDITAL 030/2016- PROEN Técnico Integrado - Edital 030/2016. ed. Campo Grande: IFMS, 2016. Disponível em: <<https://selecao.ifms.edu.br/edital/files/exame-de-selecao-2017-tecnico-integrado-edital-no-030-2016-edital-030-2016-cursos-tecnicos-integrados.pdf>>. Acesso em: 02 fev. 2021.

_____. **Exame de Seleção 2018** - EDITAL 066/2017- PROEN Técnico Integrado - Edital 066/2017. ed. Campo Grande: IFMS, 2017. Disponível em: <http://selecao.ifms.edu.br/edital/files/exame-de-selecao-2018-tecnico-integrado-edital-066-2017-edital-066_2017-exame-de-selecao-tecnico-integrado.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2021.

_____. **Exame de Seleção 2021** - EDITAL 054/2020-PROEN Técnico Integrado – Edital 054/2020. Ed. Campo Grande: IFMS, 2020. Disponível em: <<https://selecao.ifms.edu.br/edital/files/processo-seletivo-2021-tecnico-de-nivel-medio-integrado-edital-054-2020-edital-054-2020-selecao-dos-cursos-tecnicos-integrados-2021-consolidado.pdf>>. Acesso em: 22 jan. 2021.

_____. **Política de Cotas**. Campo Grande: IFMS, 2020. Disponível em: <https://www.ifms.edu.br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/politica-de-cotas>. Acesso em: 21 jan. 2021.

_____. **Plano de Desenvolvimento Institucional do IFMS (PDI)**. Campo Grande: IFMS, 2014. Disponível em: https://www.ifms.edu.br/centrais-de-conteudo/documentos-institucionais/planos/pdi_ifms_2014_2018.pdf. Acesso em: 20 jan. 2021.

_____. **Projeto Pedagógico de Curso (Técnico em Informática para Internet)**. Dourados: IFMS, 2019. Disponível em: https://www.ifms.edu.br/centrais-de-conteudo/documentos-institucionais/projetos-pedagogicos/projetos-pedagogicos-dos-cursos-tecnicos/projeto-pedagogico-do-curso-tecnico-integrado-em-informatica_-Câmpus-dourados.pdf. Acesso em: 18 abril. 2022.

_____. **Memorial do Câmpus Dourados do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul (2014-2019)**. Dourados: IFMS, 2020. Disponível em: <https://www.ifms.edu.br/campi/Câmpus-dourados/sobre/historia/memorial-Câmpus-dourados-versao-final.pdf/>. Acesso em: 03 jun. 2022.

_____. **Planejamento Estratégico Institucional de Permanência e Êxito dos Estudantes do IFMS - PEIPEE - 2020-2023**. Dourados: IFMS, 2022. Disponível em: <https://www.ifms.edu.br/centrais-de-conteudo/documentos-institucionais/planos/planejamento-estrategico-institucional-de-permanencia-e-exito-dos-estudantes-2020-2023.pdf>. Acesso em: 10 maio 2023.

JACCOUD, Luciana de Barros; BEGHIN, Nathalie. **Desigualdades Raciais no Brasil: um balanço da intervenção governamental**. Brasília: IPEA, 2002.

LOPES, Vera Neusa. Racismo, Preconceito e Discriminação. In MUNANGA, Kabengele (org.). *Superando o Racismo na escola*. 2ª edição revisada – [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. Disponível em: [http://www.uel.br/projetos/leafro/pages/arquivos/MUNANGA%20K%20-%20Superando%20o%20Racismo%20na%20Escola%20\(sem%20capa\).PDF](http://www.uel.br/projetos/leafro/pages/arquivos/MUNANGA%20K%20-%20Superando%20o%20Racismo%20na%20Escola%20(sem%20capa).PDF). Acesso em 24 de out. 2022.

MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. Metodologia qualitativa de pesquisa. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.30, n.2, p. 289-300, maio/ago. 2004

MORAES, Layla Oliveira de. **Direito à educação: as cotas para ingresso no ensino médio técnico dos Institutos Federais de Educação e o acesso à educação**. III Jornada Brasileira de Educação e Linguagem/ III Encontro dos Programas de Mestrado Profissionais em Educação e Letras e XII Jornada de Educação de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, p. 1-11. Disponível em:

<https://anaisonline.uems.br/index.php/jornadaeducacao/article/download/4910/4936>. Acesso em: 04 jan. 2021.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins; NOGUEIRA, Maria Alice. A Sociologia da Educação de Pierre Bourdieu: Limites e Contribuições. Educação e Sociedade, ano XXIII, nº 78, abril de 2002.

OLIVEIRA, Arian Trajano de. **Adolescentes de baixa renda no IFMS: desempenho acadêmico dos estudantes do Câmpus Dourados no primeiro semestre de 2016**. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação, Pobreza e Desigualdade Social) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, UFMS, Câmpus de Ponta Porã, 2017. Disponível em: <http://epds.ufms.br/wp-content/uploads/anaiscontroiepds/pdfs/02132686122.pdf>. Acesso em: 04 jan. 2021.

PACHECO, Eliezer Moreira; PEREIRA, Luiz Augusto Caldas; DOMINGOS SOBRINHO, Moisés. **Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia: limites e possibilidades**. Linhas Críticas, Brasília, DF, v. 16, n. 30, p. 71-88, jan./jun. 2010.

PAIVA, AngelaRandolpho. **Desigualdade, reconhecimento e políticas de ação afirmativa**. XIV Congresso Brasileiro de Sociologia; 28 a 31 de julho de 2009, RJ. Grupo de Trabalho: “Cidadania e reconhecimento” – PUC-Rio. (PDF)

PENA, Mariza Aparecida Costa. Caminhos de estudantes participantes da Política de Ação Afirmativa [manuscrito]: oportunidades e desafios no ensino superior. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Ouro Preto, 2017.

PIOTTO, Débora Cristina. A Escola e o Sucesso Escolar: Algumas Reflexões à Luz de Pierre Bourdieu. Vertentes, UFSJ, vol. 33, 2009.

SILVA, Suellen Francine Silva e; PIOTTO, Débora Cristina, AGUIAR, Márcio Mucedula. Refletindo sobre educação: impactos da BNCC e temas atuais. Cap. Trajetórias escolares de estudantes negros que ingressaram na USP por meio de cotas raciais. Márcio Mucedula Aguiar; Katiuscia Moreno Galhera; André Luiz Faisting [Orgs.]. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022.

SOUZA, Paulo Renato. Prefacio à 1ª Edição (1999). In MUNANGA, Kabengele (org.). Superando o Racismo na escola. 2ª edição revisada – [Brasília]: Ministério da Educação,

Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. Disponível em: [http://www.uel.br/projetos/leafro/pages/arquivos/MUNANGA%20K%20-%20Superando%20o%20Racismo%20na%20Escola%20\(sem%20capa\).PDF](http://www.uel.br/projetos/leafro/pages/arquivos/MUNANGA%20K%20-%20Superando%20o%20Racismo%20na%20Escola%20(sem%20capa).PDF). Acesso em 20 de abril 2023.

TETZLAFF, Iris Maria Bosco. Escolhas ou escolhidos? Estudantes das camadas populares em uma escola de ensino médio técnico federal. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP, 2017.

THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. Pierre Bourdieu: a teoria na prática Rio de Janeiro 40(1):27-55, Jan./Fev. 2006.

VIANA, Maria José Braga. Camadas populares e universidades públicas: trajetórias e experiências escolares. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. 274p. Em que consiste a excelência escolar nos meios populares? O caso de universitários da UFMG que passaram pelo Programa Bom Aluno de Belo Horizonte.

VIEIRA, Guilherme Augusto Dos Santos. **Políticas de acesso e permanência material na Universidade Federal da Grande Dourados (2014-2017) : sistemas de cotas e inclusãoétnico-racial**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados: UFGD, 2018